

# ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL

Orgão oficial da Liga Brasileira de Higiene Mental

(Registado no Departamento de Imprensa e Propaganda em 6/10/940)



Redator-chefe:

Presidente da Liga — Prof. Dr. HENRIQUE ROXO

Redator responsável:

EUDOXIO PAIVA DE ARAUJO

Redator secretário:

Dr. OSWALDO CAMARGO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Praça Getulio Vargas n. 2 - Edifício Odeon

6.º andar - Salas 610/611

RIO DE JANEIRO — BRASIL

GEPHE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Higiênismo e o Eugênismo

<http://www.ppi.uem.br/gephe>

## Sumário

	PÁGS.
<i>Problemas de higiene mental</i> — Prof. Dr. Henrique Roxo.....	3
<i>Uma hipótese sobre a hereditariedade epiléptica</i> — Dr. Nelson Bandeira de Melo.....	7
* <i>Crianças anormais</i> — Dr. Adalberto de Lira Cavalcante.....	17
<i>Como se pode curar doentes com obsessões e fobias</i> — Prof. Dr. Henrique Roxo.....	21
<i>Higiene mental nas atividades da Cruz Vermelha, na defesa passiva e no estado de guerra</i> — Dr. Plínio Olinto.....	27
<i>Higiene mental e assistência psiquiátrica</i> — Dr. Oswaldo Camargo . . . . .	33
<i>Profilaxia da delinqüência infantil</i> — Dra. Lair Ximenes.....	36
<i>O alcoolismo na vida do soldado — Influência sobre a sua vida física, moral e militar</i> — Dr. Angelo Godinho dos Santos.	52
<i>Combate ao alcoolismo</i> — Dra. Juana Lopes.....	65
<i>Malefícios do alcool</i> — Dr. Odilon Gallotti.....	69
<i>Compreenda a sua timidez</i> — Dr. Heitor Péres.....	72
<i>Psicologia do alcoolista</i> — Dr. Januario Bittencourt.....	77
<i>A bebida alcoólica como fator anti-social</i> — Dr. Waldemar de Almeida . . . . .	79
<i>Perigos da embriaguez</i> — Dr. Flavio de Souza.....	81
<i>O epanutin e a convulso-terapia elétrica</i> — R. E. Hemphill e outros . . . . .	86
<i>Atas das sessões da Liga Brasileira de Higiene Mental</i> .....	88

## PROBLEMAS DE HIGIENE MENTAL

Pelo Prof. Dr. HENRIQUE ROXO

Na profilaxia da doença mental, mormente daquela que se possa instalar durante o atual período de guerra, representa papel de grande monta a questão da *emoção*.

Esta influe extraordinariamente para que o individuo adoeça e é preciso saber como preveni-la ou corrigi-la.

Antes de tudo deve-se tomar em consideração a *constituição emotiva*.

O Prof. Ernesto Lupré apresentava como características desta: exagero dos reflexos tendinosos, cutâneos e pupilares; hiperestesia sensitivo sensorial, com reações vivas e difusas da musculatura mímica, vocal e vaso-motora, etc.; desequilíbrio das reações vaso-motoras e secretoras; tendência a espasmos dos músculos lisos, o que se traduz pelo bolo esofágico, vômitos, alternativas de prisão de ventre ou diarreia, polaquíuria, etc.; tremores dos músculos estriados, com irregularidades do coração e da respiração, sensação de angústia e opressão, calafrios, agitação muscular incoercível.

Há mudança brusca na dilatação e estreitamento dos capilares, com tendências a enrubecer ou empalidecer de repente.

Há crises de taquicardia, de aritmia, ansiedade intensa, com angústia precordial.

Verifica-se como base um *desequilíbrio neuro-glandular*, com *neurotonia vegetativa* e *dis* ou *hipertireoidismo*.

A herança influe muito na constituição emotiva. Há famílias em que quase todos são calmos, há outras, em que, pelo contrário, todos vibram.

Um fato que a longa observação tem permitido apurar, é que nos emotivos há frequentemente *hipertireoidismo* e *simpaticotonia*.

Pode deixar de haver o aumento do metabolismo basal e a magreza excessiva, mas há o que o Prof. Labbé denomina *síndrome simpático para-basedowniano*, isto é, um síndrome de anfotonia neuro-vegetativa, em que se notam: pequeno bocio, taquicardia muito intensa, distúrbios vaso-motores, pequeno tremor, intensa emotividade, ligeira exoftalmia, excitação nervosa.

Também se comprova a *excitação do simpático* que se traduz por exoftalmia, dilatação das pupilas, sensação de

boca seca e amarga, secura da garganta, calafrios, suor frio e viscoso (suor simpático), palpitações, elevação da pressão arterial, sensação de aperto no peito, inversão do reflexo óculo cardíaco, taquicardia, hipo-acidez gástrica, raro pestanejar, gastropose, diminuição do tonus intestinal, prisão de ventre, urticária, aumento do dermatografismo, eosinopenia, taquipnéia, esteatorréia, diminuição na tolerância pelos hidratos de carbono, falta de salivação pela pilocarpina, reação à adrenalina e à ergotina, etc.

Por meio de um raciocínio que a observação clínica vem confirmar exuberantemente, descobri que empregando injeções de ultra-péptonas de tiroide e pilulas, em que associo o luminal, a beladona, a passiflora, o Crategus e o Veratrum viride, consigo atenuar consideravelmente o estado emotivo e mesmo fazê-lo desaparecer.

Se se pode tornar calma uma pessoa emotiva ou, pelo menos melhorá-la bastante, poder-se-á conseguir que aquela que persistindo em seu estado mórbido iria talvez determinar uma prole de emotivos, vá ter filhos higidos sob o ponto de vista neuropático.

↳ Nos dias infelizes que atualmente o mundo atravessa, em que tudo concorre para que a humanidade se torne cada vez mais excitada, deve-se acolher com satisfação qualquer idéia que dê meios de tal evitar.

Considero um dos problemas mais importantes da higiene mental, a *profilaxia da emoção*. E esta pode ser feita, e deve ser feita.

Não temos recursos para corrigir a situação mundial, mas temos meios de atenuar alguns dos seus malefícios.

A intervenção por meio de medicamentos adequados não é muitas vezes o suficiente. É preciso *que se verifiquem as condições de meio*, em que vive o individuo. É por isto a Liga Brasileira de Higiene Mental tem *visitadora social* que poderá informar quais os motivos que encontrou no meio domiciliar para que a emoção se mantenha.

A psicoterapia representa então recurso de cura da maior importância.

Outro ponto, a que se deve dar enorme importância, é a observação do modo de proceder do individuo. Ai se desvenda, às vezes, aquilo que ele não quer dizer ou pode mostrar o contrário daquilo que realmente ele pensa ou sente, mas haverá talvez um exagero ou afetação que denunciem a falta de sinceridade. A psicoscopia, isto é, o descobrir o pensamento alheio, é bem difícil, mas consegue-se fazer e de muito serve para a cura das pessoas nervosas.

Uma observação, mesmo demorada, num Consultório, não é, às vezes, o bastante para isto.

É preciso que o médico observe o doente em seu domicilio e veja se ele bem se conforma com este.

Há casos que se constituem em verdadeiros *focos de emoção*. Há indivíduos que vivem contrariados em casa, e na rua vivem regularmente.

Há doentes que ficam curados no Hospital e depois, voltando para casa, recaem.

Há outros que, em vez de voltarem para a própria casa, ficam em casa de um parente, por exemplo, e passam bem.

O comportamento do indivíduo é atualmente motivo dos maiores cuidados.

Na *profilaxia da doença mental* muito se preocupa o clínico com o meio em que o indivíduo vive. Neles pode ser exercida uma verdadeira influência moral.

Hoje muito se toma em consideração o problema das *altas condicionais*, ou melhor denominadas, em experiência.

Experimenta-se o modo de se comportar do indivíduo. Vê-se se ele se adapta, como reage.

Contrariedades repetidas não permitem a cura de uma doença mental. Um meio hostil também não a favorece.

Cada indivíduo deve ser analisado de *per si*. E ao mesmo tempo deve-se ver as relações entre ele e o meio.

Com um exame, assim completo, pode-se curar muito mais facilmente a psicopatia.

E numa boa profilaxia da doença mental tudo deve ser tomado em consideração.

Um especialista em doenças mentais tem, cada vez mais, encargos da maior responsabilidade. As suas funções de clínico não se limitam ao próprio doente.

Vão além. Tem de observar o meio em que o indivíduo vive e nele intervir, se possível ou necessário.

Tem de averiguar a razão de ser das coisas.

O estudo das *psicoses de situação* e das de *reação* é atualmente da maior importância. Muita doença que em outras rubricas era contida, nestas se engloba. E o diagnóstico de uma doença mental é, hoje em dia, feito com muito maior precisão e segurança.

E logicamente, disto deriva a possibilidade de um tratamento muito mais eficiente e completo, objetivo a que sempre deve visar todo médico consciencioso.

## SUMMARY

Prof. Henrique Roxo says that in the prophylaxis of mental diseases, especially during the present period of war, *emotion* plays a very great part. When studying the *emotional constitution*, whose character has been so well elucidated by Prof. Dupré, one sees that same depends on a *lack of neuro-glandular equipoise*, together with *vegetative neurotonia* and *dis or hyperthyroidism*. Frequently there are *hyperthyroidism* and *sympathicotony*. To modify the emotional state, the author uses injections of ultrapeptones of

thyroid and pills combining *luminal*, *belladonna*, *Passiflora*, *Cratoegue* and *Veratrum Viride*. It is also necessary to ascertain the conditions of the ambient, where the emotional individual lives and for this purpose there exists at present the Social visiting league. An other point which into consideration is the *behaviour* of the individual. In this case there comes to light what is not said and what may be the contrary of what is denied or felt. It is necessary to effect *psychoscopy*, i. e. one has to scrutinize people's thoughts. It is of advantage for a patient in hospital to *dismiss him conditionally*; i. e. to send him home to see how he will behave. The state of the situation-psychoses and of those of *reaction* is at present of the utmost importance. The diagnosis of a mental disease is nowadays effected with much greater precision and assurance, and hence the logical consequence of a greater possibility of obtaining a cure.



## UMA HIPÓTESE SOBRE A HEREDITARIEDADE EPILEPTICA (\*)

Pelo Dr. NELSON BANDEIRA DE MELLO

Livre-Docente de Clínica Psiquiátrica da Universidade do Brasil. Membro do Conselho Executivo da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Ao apresentarmos a presente hipótese sobre o mecanismo da hereditariedade epilética, damos por admitida, sem dúvida, a existência de uma classe de epilepsia hereditária, constituindo, talvez por si só, o grande grupo da epilepsia. Não voltaremos à velha discussão pró ou contra este último grupo, porque a consideramos encerrada, desde que, em 1935, Claus Conrad encontrou maior percentagem de concordância em 30 pares de gêmeos epiléticos univitelinos.

Em que pese, portanto, a certas escolas neuro-psiquiátricas — principalmente a francesa, Abadie à frente — continua de pé a clássica divisão em epilepsia essencial e sintomática, ou epilepsia essencial, epilepsia traumática e epilepsia sintomática. É esta última divisão a que adotamos, por enquanto, embora os nossos doentes nunca recebam o diagnóstico de epilepsia sintomática. Pois se é apenas sintoma, deve o paciente receber o rótulo correspondente à doença, em que a crise convulsiva sobreveio para completar ou enriquecer o quadro clínico. Empregamos a expressão epilepsia traumática, porque realmente após certos traumatismos cranianos, são os ataques e algumas manifestações deles decorrentes os únicos restos aparentes, de vez que, por via de regra, as lesões internas cranianas são indevassáveis aos meios usuais de investigação. Seria ideal podermos dispensar o adjetivo “essencial” e empregarmos simplesmente o termo “epilepsia” para com ele referirmo-nos à “epilepsia-doença”. Isso naturalmente só seria possível quando pudéssemos conhecer a causa de todas as epilepsias que hoje chamamos essenciais. Na verdade, entre o grupo das epilepsias hereditárias e o das epilepsias traumáticas e sin-

---

(\*) Conferência pronunciada no Centro de Estudos do Hospital Central do Exército e na Liga de Higiene Mental.

tomáticas, há um grupo de epilepsias de causas desconhecidas, que avoluma, com ou sem razão, o contingente das primeiras.

## I

Para que não seja inexpressivo o simples enunciado da nossa hipótese, daremos, nas linhas que se seguem, uma rápida revisão de diversos mecanismos da transmissão hereditária, e de outras noções que possam ter relação com a epilepsia.

## HERANÇA DOMINANTE

A união de dois indivíduos puros da mesma raça fornece uma geração de outros indivíduos puros da mesma raça, chamados homozigotos. Mas se a união tem lugar entre indivíduos de raças puras diferentes, a geração resultante é composta de indivíduos mestiços chamados heterozigotos. Também em relação a um fator mórbido o indivíduo pode ser homozigoto ou heterozigoto. Quando o fator mórbido é dominante, tanto os homozigotos, como os heterozigotos em relação ao dito fator, o manifestam em seu fenotipo (fig. 1). Mas há os seguintes casos a considerar:

a) união de homozigotos doentes  $DD \times DD$ . A descendência será toda de homozigotos doentes. Isto é:

$$DD \times DD = DD + DD + DD + DD$$

b) união de homozigoto com heterozigoto, ambos doentes. A descendência constará de 50% de heterozigotos, todos doentes:

$$DD \times Dd = DD + DD + Dd + Dd$$

c) união de heterozigotos, doentes. A descendência compor-se-á de 1/4 de homozigotos doentes, 2/4 de heterozigotos doentes e 1/4 de homozigotos sãos:

$$Dd \times Dd = DD + Dd + Dd + dd$$

d) união de homozigoto doente com homozigoto são. Toda a descendência será de heterozigotos, doentes:

$$DD \times dd = Dd + Dd + Dd + Dd$$

e) união de heterozigoto, doente portanto, e homozigoto são. Verificar-se-ão na geração seguinte 50% de heterozigotos doentes e 50% de homozigotos sãos:

$$Dd \times dd = Dd + Dd + dd + dd$$

f) união de homozigotos sãos. É óbvio que neste caso os filhos serão todos homozigotos sãos:

$$dd \times dd = dd + dd + dd + dd$$

## HERANÇA RECESSIVA

Quando a herança é recessiva, só os homocigotos em relação ao fator mórbido têm a faculdade de o manifestar no fenotipo. Da mesma forma que para a herança dominante, podemos aqui considerar os seguintes casos (fig. 1):

a) união de homocigotos mórbidos. A descendência será toda de homocigotos doentes :

$$ss \times ss = ss + ss + ss + ss$$



Fig. 1.

b) união de homocigoto mórbido com heterocigoto são. Verificar-se-ão na descendência 50% de homocigotos doentes e 50% de heterocigotos são:

$$SS \times ss = Ss + Ss + Ss + Ss$$

c) união de homocigoto são com homocigoto doente. A geração seguinte constará de heterocigotos são:

$$Ss \times ss = Ss + Ss + ss + ss$$

d) união de heterocigotos são. Encontrar-se-ão na descendência 1/4 de homocigotos doentes, 2/4 de heterocigotos são e 1/4 de homocigotos são:

$$Ss \times Ss = ss + Ss + Ss + SS$$

e) união de homocigoto são com heterocigoto são. A descendência terá 50% de homocigotos são e 50% de heterocigotos, que na herança recessiva são sempre são:

$$SS \times Ss = SS + SS + Ss + Ss$$

f) união de homocigotos são. Desta união só resultarão são:

$$SS \times SS = SS + SS + SS + SS$$

## INTERCAMBIO DE FATORES E AJOUJAMENTO

O núcleo de uma célula compõe-se de cromosomas em número sempre constante para cada espécie. A fecundação consiste na fusão de duas células sexuais dos genitores.

Para impedir que o número de cromosomas duplique, antes da fecundação há o processo de maturação, pelo qual a célula germinativa se desembaraça de metade de seus cromosomas. O cromosoma tem uma estrutura que, esquematicamente, poderíamos classificar de moniliforme, pois é formada de diversas peças dispostas entre si como as contas de um rosário. Cada conta de rosário ou elo de cadeia é a sede de uma propriedade que se herda de acordo com as leis de Mendel e se chama "geno". Os cromosomas são, geralmente, iguais dois a dois, de forma que na realidade se fala sempre em pares de cromosomas. Antes da divisão de maturação que transforma a célula germinativa em gameta, os cromosomas homólogos se aproximam e estabelecem uma troca de fragmentos de sua cadeia; a essa troca dá-se o nome de intercâmbio de fatores ou cruzamentos factorial ("crossing-over") (fig. 2). Em geral dá-se uma única ruptura e o cromosoma dividido se reconstitue, mediante junção com a porção que lhe falta e que se destacou do cromosoma homólogo. Em alguns casos o cruzamento é duplo, por haver duas linhas de ruptura. Vemos, portanto, que no intercâmbio de fatores um grupo de genos separa-se, em bloco, de outro, ou de outros. Ora, os genos mais afastados tem mais probabilidade de separar-se que os mais próximos; por isso, muitas propriedades costumam aparecer sem-

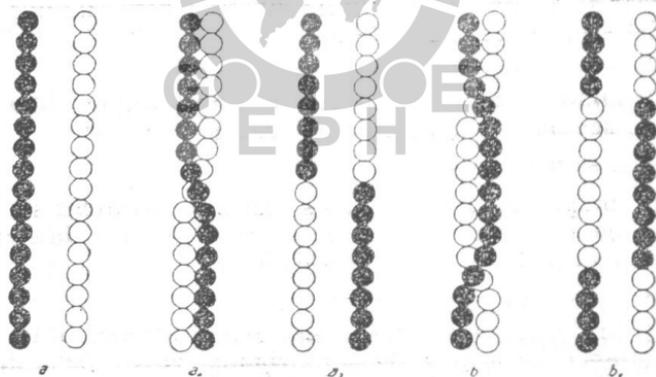


Fig. 2 — Intercâmbio de fatores (Baur).

pre juntas, mostrando o fenotipo do indivíduo considerado que existe uma relação estreita entre elas. Quando dois ou mais fatores mantêm entre si essa ligação, diz-se que estão ajouçados. O ajouçamento (1) é tanto mais forte quanto mais aproximados estiverem no cromosoma os dois fatores, pois a probabilidade de passar entre eles a linha de separa-

(1) Alguns sugerem "conjugação" para traduzir as expressões "linkage" (inglês) ou "koppelung" (alemão).

ção é muito menor. O grau de ajuçamento pode mostrar, portanto, a distância em que estão entre si dois fatores, o que tem permitido organizar cartas topográficas de cromosomas de alguns seres (fig. 3).

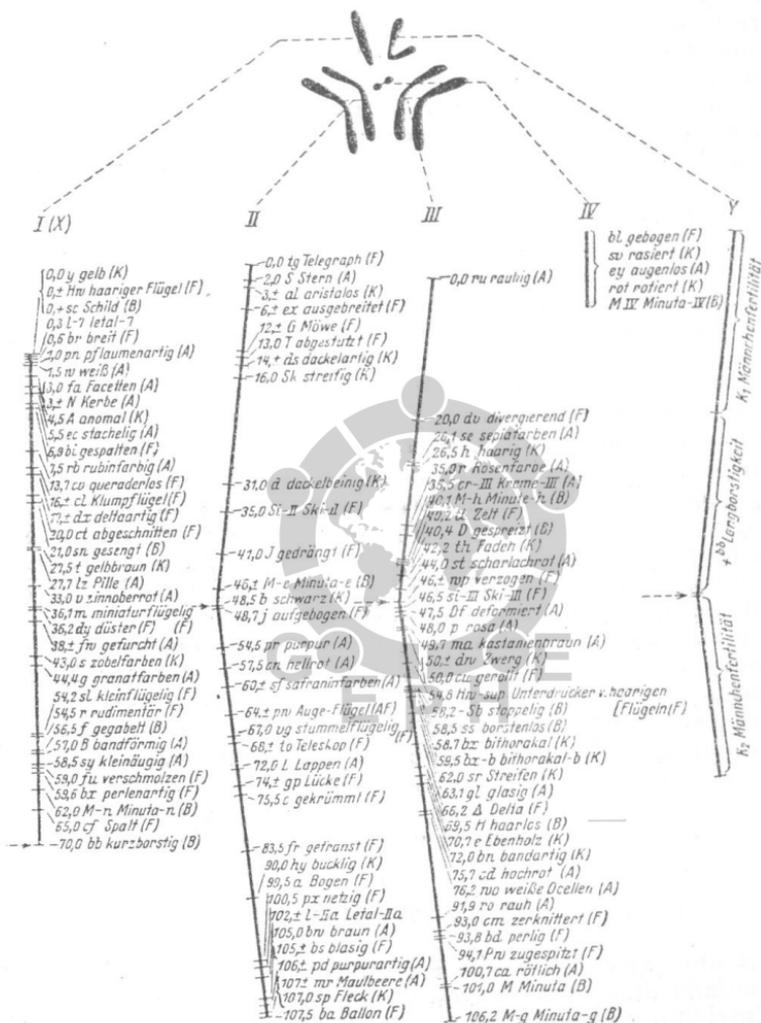


Fig. 3 — Carta topográfica dos cromosomas da *Drosophila* (segundo Stern).

### ALELOMORFISMO MÚLTIPLO

Os genos, que compõem um cromosoma, dispõem-se em uma ordem que é sempre constante na espécie e perfeitamente igual à do cromosoma homólogo, de forma que o par

de genes correspondente à determinada propriedade está colocado "vis-a-vis", um em cada cromosoma homólogo. Por isso são chamados *alelos* ou *alelomorfos*. E na representação da fórmula hereditária do indivíduo, cada propriedade é representada, geralmente, por dois grupos iguais de letras, retiradas do início da palavra correspondente. Os genes alelomorfos podem ser iguais — dominantes ou recessivos — ou podem ser um dominante e outro recessivo. Quando o gene é dominante o grupo de letras que o representa começa por uma maiúscula; quando recessivo, as letras são todas minúsculas. No *antirrhinum majus*, por exemplo, o gene da cor é designado por *Inc* (*incarnata*), quando vermelha e *inc*, quando marfim; a altura é designada por *Alpi* (alta) e *alpi* (baixa); a forma da corola é *Rad* (normal) e *rad* (radiada). Assim quando dizemos que uma dessas plantas é *IncincradradAlpiAlpi*, queremos dizer que é vermelha, de corola radiada e alta. As propriedades *Incinc* são alelomorfos, sendo uma dominante, outra recessiva. As propriedades *radrad* são ambas recessivas e *AlpiAlpi*, ambas dominantes. Em relação aos dois últimos fatores, a planta é pura; em relação ao primeiro, é mixta.

Entretanto conhecem-se pelo menos nove raças de *antirrhinum majus* com cores diferentes, constituindo uma série que vai do vermelho ao marfim. Nos cruzamentos de duas dessas raças domina sempre a mais escura. Tendo-se verificado que elas mantêm sempre o mesmo ajouçamento com as propriedades vizinhas, admite-se que ocupam o mesmo lugar no cromosoma, isto é, que essas são condicionadas por nove variantes do mesmo gene. São: *rubescens*, *carnea*, *rhodos*, *malacea*, *maculosa*, *striata*, *tubocolorata*, *tincta*, *recurrens*. A primeira é a vermelha normal. Tais fatores chamam-se *alelomorfos múltiplos* ou *séries unilocalis*. Como ocupam o mesmo lugar no cromosoma e um único, cada indivíduo só pode ter duas variantes, as quais se transmitem como se as restantes não existissem.

### HERANÇA POLIMÉRICA

Nos itens anteriores referimo-nos apenas aos casos em que a propriedade depende apenas de um fator hereditário ou gene. Entretanto não é sempre isso o que se verifica. Algumas vezes a propriedade depende de dois ou mais pares de genes colocados no mesmo cromosoma ou em outros diferentes. A cor parda de uma ave pode aparecer pela ação de um enzima sobre um cromógeno incolor. As capacidades de formação do enzima e de formação do cromógeno podem ser herdadas independentemente e ser cada uma um fator mendeliano. Daí poderem constituir-se duas raças dessas aves, ambas com plumagem branca, uma pela falta do fator do cromógeno, outra por falta do fator do

enzima. Ao cruzarem-se essas duas raças, podem aparecer mestiços que herdem esses dois fatores e apresentem, portanto, plumagem parda. Quando uma manifestação depende de dois fatores, como nesse caso, chama-se dimérica; quando de mais de dois, polimérica.

### A MUTAÇÃO E A FORMAÇÃO DE FATORES PATOLÓGICOS

A mutação consiste em uma modificação na estrutura do idioplasma determinada por influências externas denominadas idiocinéticas. Outrora, os biólogos não acreditavam

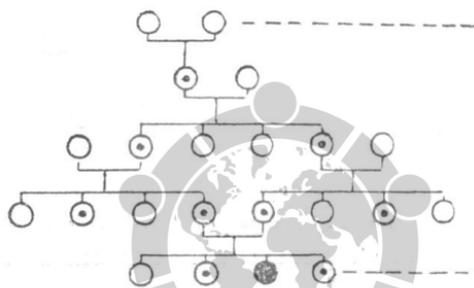
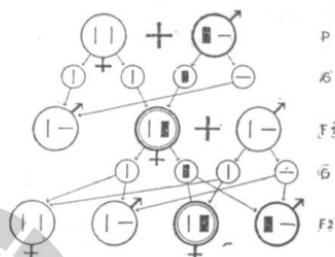


Fig. 4 — Esquema de formação e manifestação de uma mutação recessiva (seg. Lenz).

que o fenômeno existisse, mas depois verificaram que certas bactérias e algas que só se reproduzem assexuadamente também apresentavam novas raças. Ficava então demonstrado que novas diferenças hereditárias podem aparecer, não devidas à combinação de fatores preexistentes, mas por alteração brusca de um deles, provocada por causas desconhecidas. Geralmente tais fatores recém-formados são recessivos. Na espécie humana, representam a origem de grande parte de malformações e doenças hereditárias. Muitos deles são letais, isto é, só podem existir em estado heretozigoto. Fortes excitações de origem externa, como oscilações de temperatura, radiações de Röntgen e de radium, tóxicos químicos, etc., aumentam a frequência desse tipo de variação. Tais fatores, recessivos quase sempre, só se manifestam em gerações ulteriores, quando se unirem dois indivíduos heterozigotos em relação ao mesmo fator (fig. 4), a menos que o fator esteja localizado no cromosoma do sexo, caso em que o descendente de 1.<sup>a</sup> geração, cujo sexo seja o portador do cro-

mosoma Y, já pode manifestar o defeito. Isto porque, em relação aos cromosomas do sexo, as coisas não se passam da maneira esquemática, pela qual vamos fazendo a nossa exposição. Um dos sexos, em geral o feminino, possui cromosomas de sexo perfeitamente iguais, homólogos, que se chamam cromosomas X. O sexo oposto, em geral o masculino, possui apenas um cromosoma X e em lugar do parceiro homólogo, possui um cromosoma rudimentar, que se denomina Y. Por isso os fatores localizados no cromosoma X, mesmo recessi-

Fig. 5 — Esquema de herança ligada ao sexo (seg. v. Verschuer). Traço fino — cromosoma sexual normal; traço grosso — cromosoma sexual com o caráter patológico. P — geração de progenitores; F1 e F2 — gerações filiais; G — gametas.



vos, podem manifestar-se, já na primeira geração, nos indivíduos cujo sexo seja o portador de um único cromosoma X (fig. 5).

## II

Várias têm sido as hipóteses emitidas sobre o mecanismo de transmissão hereditária da epilepsia. A maioria dos autores reconhece que as simples proporções mendelianas não são encontradas na epilepsia. Rüdín, por exemplo, inclina-se pela herança recessiva polimérica.

Lenz, porem, objeta que entre os irmãos dos epiléticos não se encontram mais doentes similares (epiléticos) que entre os filhos; tão pouco foram verificados casos de consanguinidade acima da frequência média. É, pois, pela dominância.

V. Verschuer opina pela herança polimérica dominante. Argumenta: os filhos de epiléticos são 30 vezes mais expostos que a média da população. Acrescente-se a isso uma elevada carga de anomalias corporais e psíquicas de toda a espécie, como narcolepsia, enxaqueca, doenças convulsivas outras, enurese, sonambulismo, oligofrenia, psicopatias antisociais. A maioria dessas anomalias são reconhecidas como herdáveis dominantemente. Pode-se pois admitir que a epilepsia genuína se verifique pelo encontro de vários desses fatores.

De fato, as pesquisas de prognóstico empírico na epilepsia genuína, fornecem os resultados consignados nas seguintes tabelas de Luxenburger:

	Probab. de adoecer de epilepsia %	Psicopata do círculo epiléptico %	Total de pessoas examinadas %
Irmãos .....	4,1	16,5	626
Filhos .....	11,0	18,5	1.158
Sobrinhos .....	1,2	9,1	493
Média da população ..	0,3	7,	—

A hipótese que vamos formular teria sido talvez inspirada nas seguintes linhas de Luxenburger: “somos, pois, levados a suspeitar, com grande cautela, que o Genó, que deve ser considerado como a última causa da síndrome epiléptica, pode ser coberto pelo alelo correspondente. Se se trata de muitos pares de alelos ou de um único par, nada ainda se pode afirmar”.

A faculdade de manifestar crises convulsivas de tipo epiléptico não é privilégio exclusivo dos comiciais. Excitantes químicos e físicos são capazes de desencadeá-las mesmo em indivíduos perfeitamente normais. Por isso somos levados a acreditar que deve existir, em um dos pares dos nossos cromosomas, um genó correspondente a tal faculdade, e a que chamaremos “genó da convulsibilidade”. A propriedade normal seria a resistência máxima aos excitantes convulsógenos e seria dominante. A diminuição dessa resistência seria o resultado de mutação efetuada nesse genó e seria propriedade recessiva. Não haveria apenas um grau de mutação, mas toda uma gama deles, indo da resistência máxima à convulsibilidade máxima, numa seriação assim representada:

Conv1 conv2 conv3 ..... convn

O alcance de tal hipótese, na conciliação das correntes de opiniões sobre os agentes etiológicos, ressalta à primeira vista. Um indivíduo Conv1Conv1 seria normal; um conv8 conv9 seria epiléptico grave, a quem as pequenas variações do meio seriam bastantes para desencadear uma crise. Já um paciente conv3conv3 seria muito mais resistente, só manifestando sua predisposição latente mediante condições excepcionalmente graves, como lesões cerebrais, inflamatórias ou traumáticas, distúrbios glandulares, etc. Explicaria os casos de pacientes que apresentaram uma ou duas crises em toda a existência, e o dos epilépticos latentes, que nunca manifestaram uma crise, outrora suspeitados e agora evidenciados pela electroencefalografia, que nas mãos de Lennox, Gibbs e Gibbs, descobriu 54% de traçados anormais

em pessoas da família de epiléticos, contra 6% em famílias indenes desse moléstia.

Em resumo: 1.º Um dos pares de nossos cromosomas teria um geno correspondente à convulsibilidade.

2.º A propriedade dominante seria a resistência máxima.

3.º Pela mutação constituir-se-ia uma série de genos alelomorfos múltiplos, recessivos em ordem crescente de degradação.

4.º Os casos mais graves de epilepsia corresponderiam aos de mutação mais degradada.

### SUMMARY

In the first part of his work the author, Dr. Nelson Bandeira de Melo, describes the various mechanisms of hereditary transmission, and in the second part, after mentioning the various hypotheses conceived about epileptic heredity, he formulates the following one:

1.º) one of the pairs of our chromosomes would have a gene corresponding to convulsiveness;

2.º) the prevailing characteristic would be the maximum resistance, against convulsogeous factors;

3.º) by mutation there would be formed a series of multiple recessive allelomorphic "genes" in ascending degradation order;

4.º) the more serious cases of epilepsy would correspond to those of most degraded mutation.

## CRIANÇAS ANORMAIS

Pelo Dr. ADALBERTO DE LIRA CAVALCANTE

Ex-diretor do Hospital de Alienados de Recife, técnico de saúde escolar da Prefeitura do Distrito Federal.

Os retardados, em relação aos escolares, quanto ao seu desenvolvimento, podem ser perfeitamente divididos em três grandes classes: os educáveis, os difíceis e os irremediavelmente ineducáveis. No primeiro grupo temos os retardados pedagógicos ou falsos deficientes; no segundo, temos os retardados intelectuais, com ou sem debilidade mental, os atrasados intelectuais por instabilidade, os atrasados intelectuais por perturbações do caráter e afinal, os atrasados perversos; no último grupo temos então os ineducáveis, os idiotas e os imbecis, ambos com graves lacunas psíquicas.

No primeiro grupo vamos encontrar as crianças deficientes por frequência irregular à escola, por distúrbios endócrinos, por vegetações adenóides, por vícios de educação no lar, por verdadeiros erros de técnica educacional na própria escola assim como os sub-nutridos, os sífiloclásicos, os intoxicados pela tuberculose, os portadores de gânglios hipertrofiados traqueo brônquicos, por miopia, enfim, as crianças vítimas dos vários assaltos das moléstias mais comuns à infância, como sarampo, varicela, coqueluche, parotidite epidêmica, etc. as quais podem deixar sequelas bem acentuadas para o lado do sistema nervoso central.

No segundo grupo temos as crianças difíceis, refratárias ao estudo, fatigando-se facilmente, as que trazem sempre no organismo o selo incontestável de uma causa congênita ou hereditária-constitucional. Aí estão os debeis mentais, os esquizóides, os ciclotímicos, os mitomaniacos, os gliscróides, os paranóicos, os hiper-emotivos e os psicastênicos, amálgama por vezes intrincada, difícil de um diagnóstico pronto, pela constante mistura de caracteres comuns a várias constituições ou mesmo, e não raro, pela constante fusão dessas constituições, duas, três e mais vezes criando um biotipo original, o qual somente com o tempo vem se tornar com uma apresentação definida, clara e precisa. É nesse grupo, bem numeroso e bem disfarçado no meio escolar, onde estão os ditos deficientes verdadeiros, os atrasados intelectuais, os instáveis, os pervertidos, os amorais, os desamorosos, os sem afeto, os caracteres duros, amorfos, indisciplinados e mentirosos.

Em terceiro plano, temos afinal os verdadeiros e profundos oligofrênicos, os idiotas e os imbecis, raramente encontrados no meio escolar, dada a gravidade e profundidade das lacunas mentais. Naturalmente aqui não consideramos os anormais físicos, nem os sensoriais. O nosso ligeiro comentário prende-se unicamente aos retardados mentais e a sua pesquisa no meio escolar. Nem estudamos também os super-normais menos encontrados que os sub-normais, infelizmente. Décroly define como anormais "as crianças que, por um motivo qualquer, se encontram em certo estado de inferioridade que as impede de se adaptar ao meio social ao qual são destinadas a viver". Em torno dessa grande e meritória questão que envolve a grandeza de uma Nação num movimento de alto relevo, de resultados imperecíveis pela natureza mesma de sua ação saneadora, está o movimento dos exames periódicos de saúde, o qual virá revolucionar o meio educacional brasileiro.

Temos assim uma tarefa mais alta e que é muito mais do que simplesmente instruir e que é a de prevenir e curar o infante nacional, evitado de uma, duas e mais infecções, cheio de taras, vícios e deformidades físicas, distúrbios nervosos e mentais além do grave problema da sub-nutrição, ora por falta de alimento ora por erro de técnica alimentar. Não venho tratar aqui propriamente dos métodos da reeducação dos retardados mentais, os livros são abundantes e ótimos e a prática já está sendo aplicada, embora nem sempre bem coordenada. O que desejo demonstrar neste sumário trabalho é a facilidade que o exame periódico de saúde vem proporcionar às equipes encarregadas dos exames periódicos a pegar em flagrante o pequeno deficiente mental e ter assim, à mão, um material magnífico donde poderá sair um monumento grandioso em relação à biotipologia e à caractereologia brasileira e todas as seqüências psicológicas.

Os resultados obtidos pela educação e tratamento dos anormais profundos, como sejam os idiotas e imbecis, tem animado os médicos e pedagogos a tomar um interesse cada vez maior com as crianças apenas retardadas intelectuais, as quais, com um oportuno tratamento opoterápico, anti-luético, tónico-reconstituente, helioterápico e melhor alimentação, junto a regras pedagógicas adequadas, tem melhorado consideravelmente, física e mentalmente. Seguin, Hard, Bourneville, Paul Boncour, J. Phillippe, Demwoor, Décroly, Hopfer, Angles e tantos outros já permitem considerar-se o problema resolvido com classes especiais ou com Institutos especiais. O que não resta dúvida é que, se o idiota e o imbecil conseguem melhorar, os simples escolares difíceis, debeis ou constitucionais, devem ser cuidados com urgência. E o exame médico periódico virá a ser chamado, como já o chamam em todos os países civilizados, de uma

revolução branca. Tal a importância vital para as nacionalidades. [A necessidade da seriação dos mentalmente anormais é uma necessidade hoje reconhecida por todos os que se dedicam ao assunto.] Não se deve tratar de um instável, de um mitomaniaco, de um nervoso, de um esquizóide ou de epilético, reunidos todos na mesma classe, sofrendo do mesmo contágio mental ambiente. É uma pesquisa sutilíssima e somente aos psiquiatras-pedagogos é dado descobrir qual a classe de tal ou qual atrasado mental, qual o seu difícil mental para ser possível individualizar a educação corretiva e terapêutica adequada.

No meios dos repetentes temos inúmeros casos de desvios mentais e que os pais não descobrem por defeito afetivo e somente o médico-psicólogo o psiquiatra-pedagogo consegue descobrir. [A classificação dos tipos de atrasados mentais é imprescindível na organização das classes especiais.] Não é possível os mesmos métodos pedagógicos aplicados a um instável e a um astênico por exemplo, nem um mesmo método aplicado a um epileptóide e a um esquizóide. É uma tarefa difícilíssima tanto para o educador como para o médico, mas não haverá um resultado prático se não houver essa minuciosa separação e ainda mais, um periódico tempo de aprendizagem nas classes comuns para a melhor adaptação ao meio e preparo a vida social a que tem de se confundir e sobreviver. Lombardo — Rodice diz que "educar é vencer a morte". E para o inadaptado, o deficiente, o difícil, a vida para esses é uma morte moral, eternamente falhando, tropeçando ao menor escolho social, querelantes e ansiosos sempre.

É um problema de real necessidade esse do tratamento precoce da criança no período escolar, desde o Jardim da Infância até o período ginásial inclusive, abrangendo a adolescência com todas as suas encenações mórbidas, adormecidas e recalçadas. Em 300 jovens delinquentes da Penitenciária de Petite-Roquette, em Paris, 81, 6 p. 100 apresentavam anomalias mentais, sendo de 50 p. 100 curáveis, se tratados em tempo. (Hoffer e Angles).

Há necessidade imprescindível da criação imediata de centros de Reeducação, melhor que Escolas de Anormais, fere menos a sensibilidade dos pais e não cria um complexo de inferioridade para o escolar. Em recente estatística Norte-Americana verificou-se em 45 milhões de crianças, 450.000 intelectuais atrasadas não entrando nesse número os atrasados fracos de vontade, pervertidos sexuais e instáveis em geral. Calcula-se a média mundial de mentalmente anormais em 13 p. 100. Na Alemanha a quantidade de debses mentais e loucos é superior a de qualquer outro país. Acreditamos que deve influir poderosamente o estado de superatividade mental em que vivem os Germânicos, obsedados pelo espirito guerreiro, constantemente, há mais

de cem anos. Não devemos, entretanto, continuar a falar em estatísticas, nem nos métodos de reeducação dos nossos tarados e deficientes mentais. O que ressalta, no momento, é a necessidade imediata da criação, nas escolas, de classes especiais ou pesquisas sistemáticas para os deficientes mentais, e, em tempo oportuno, a criação de Institutos de Reeducação.

Os exames periódicos de saúde facilitarão, até certo ponto, a pesquisa sistemática dos retardados mentais e por conseguinte, um tratamento médico e pedagógico necessariamente de resultados compensadores.

O deficiente intelectual pode e deve ser, em épocas diversas do seu estudo escolar, colocado nas classes das crianças normais, como um estímulo à sua reeducação.

A metafísica da pedagogia cedeu o lugar à psicologia experimental com as suas práticas realistas. O intelectualismo transformou-se em biologia positiva. Hoje medimos a fadiga, o alcance da inteligência, a memória, sabemos da idade mental, do quociente intelectual, do perfil psicológico, conhecemos, enfim, a alma da criança. E é do meio escolar, com o exame sistemático e periódico de saúde, que iremos retirar do fatal desmoronamento futuro crianças doentes e deficientes mentais, muitas vezes, quase sempre, despercebidos dos pais e dos educadores.

#### SUMMARY

Dr. Lira Cavalcanti has published a work on abnormal children, in which he starts by classifying the backward school-children into three groups: those who are apt to be educated, those who are difficult to educate, and those whom it is quite impossible to educate.

The first group comprises the children who are backward in their studies and the pseudo-deficient ones; in the second group we have those who are intellectually backward, with or without mental debility, the mentally backward through unsteadiness, the intellectually backward character disturbances and lastly the froward backward children; the last group comprises the children whom it is impossible to educate, the idiots and imbeciles, both classes manifesting serious psychical shortcomings.

It is not enough to impart knowledge to a child, same must also be cured. The periodic health examination facilitate this task. *Special Classes* are needed in the schools. Besides that, it is necessary to start, a precocious treatment of the child during the school period, from the Kinder-garten on, up to the period of the secondary school inclusively. 13% is taken to be the average world percentage of the mentally abnormal children.

COMO SE PODE CURAR DOENTES COM OBSESSÕES  
E FOBIAS

Pelo Prof. Dr. HENRIQUE ROXO

Catedrático de Clínica Psiquiátrica.

Doentes com *obsessões* e *fobias* constituem a maior parte dos casos de psicastenia que considero uma modalidade de neurastenia.

São pessoas que têm uma *idéia acompanhada de emoção intensa*, idéia fixa que as tortura, que as agonia, de que se não conseguem libertar pela influência exclusiva da própria vontade.

Não há obsessão sem o complemento emotivo e assim se distingue da idéia fixa comum, em que o indivíduo se preocupa com a realização de uma descoberta, por exemplo, e tranquilamente se entrega a suas pesquisas.

Na *fobia* há como elemento essencial o *medo exagerado, anormal*, que o paciente pode considerar sem razão de ser, mas de que se não consegue desembaraçar.

Não se curam estes doentes, dizendo-lhes que devem reagir. Eles são essencialmente falhos da vontade e por este motivo não conseguem dominar-se e reagir. Este processo só será capaz de curar o histerico, em que tudo vem pela sugestão e passa pela persuasão.

O obsêso é sempre um emotivo.

Frequentemente se apresenta com a constituição emotiva de Dupré.

O Prof. Ernesto Dupré, em seu trabalho clássico sobre Patologia da imaginação e da emotividade, estabelece como sintomas característicos da *constituição emotiva*: *exagero dos reflexos tendinosos, cutâneos e pupilares; hiperestesia sensitiva e sensorial em todos os domínios, com reações vivas e difusas da musculatura mimica vocal, vaso-motora, etc.; desequilíbrio das reações vaso-motoras e secretórias com alternativas de vermelhidão e palidez, suor, calor e frio, sialorréia e secura da boca, crises de lágrimas, etc.; tendência a espasmos dos músculos lisos, com o chamado bolo histerico, vômitos, crises de diarréia, urinas frequentes, etc.; tremor dos músculos estriados, tremor emotivo, que se comprova nos olhos semi-cerrados, nos dedos distendidos, com angústia, bater de dentes, calafrios, espasmos gástricos, intestinais, respiratórios, etc.; sensação de mal estar com ansiedade, susto facial, palpitações, etc.*

Há uma emotividade fisiológica, natural, de que é exemplo o que se passa nas crianças, mas aquilo que se tem de

tomar em consideração, é a *emotividade patológica*. Nesta muito influe a herança. Vem também como efeito de um abalo nervoso, de um esgotamento nervoso, de uma auto-intoxicação, de uma hipertireoidia, etc.

Muitas vezes, a constituição emotiva se associa a um *desequilíbrio da afetividade e da vontade*.

Dupré define a *neurastenia*: uma psico-neurose de esgotamento, ligada à fadiga, à infecção, ao traumatismo físico e moral, às perturbações da nutrição, havendo, ao mesmo tempo, fraqueza na resistência do sistema nervoso.

Ele a considerava sempre como um *síndrome de constituição emotiva*, achando, porém, indispensável que ocorresse fraqueza na existência do sistema nervoso.

Considero a *psicastenia* e o *nervosismo* como duas modalidades da neurastenia. O nervosismo representa a forma, em que predominam distúrbios da cenestesia, com ansiedade e angústia.

Na *psicastenia* há principalmente perturbações da vontade. O indivíduo se sente tolhido no fazer as coisas que desejaria fazer. Sente-se obrigado a pensar em coisas em que não quereria pensar.

Quando se trata de obsessões e fobias como feitiços da psicastenia, há sempre como elemento essencial a emoção. É esta que domina o indivíduo e faz com que ele realize um ato que no íntimo ele reconhece que não deveria fazer.

Se ele tiver uma idéia qualquer que o empolgue, será o estado emotivo coexistente que o impedirá de se libertar dela.

Na fobia o mesmo sucede. O medo domina pela emoção, em que coloca o indivíduo.

O nervosismo muitas vezes acompanha a psicastenia. Isto é, o doente, além de ter perturbações no querer, tem perturbações no sentir. Há então também estados de grande ansiedade.

É o caso, então, do neurastênico que vive aflito, com ansiedade, sentindo um enorme mal estar, com idéias fixas e medos mórbidos.

A referência de casos concretos dará uma impressão mais exata da doença.

Num caso de *obsessão de ter sífilis*, em que o doente tem sintomas que atribue a uma sífilis adquirida, em que ele faz repetidas reações de laboratórios sempre negativas, em que ele consulta vários médicos que buscam dissuadí-lo disto, é a emoção que ele sente com a idéia, que o impede de pensar com lógica e claridade e, apesar de tudo, o mantém com o pensamento doentio.

Num caso de *fobia de atravessar sozinho uma praça*, com o medo de ter uma síncope e cair morto, é a emoção que o indivíduo sente quando vai realizar o ato que o impede de o fazer.

Argumentando-se com o doente, muitas vezes ele reconhece que não tendo qualquer lesão cardíaca, não sendo sujeito a vertigem e síncope, não é natural que isto vá justamente suceder naquela ocasião. No entanto, a idéia de poder suceder, a sensação de mal estar que coincide com o pensamento mórbido, tudo isto impede que qualquer persuasão estranha possa dar resultado.

A psicastenia não se cura, buscando convencer o doente, nem tão pouco dizendo-se a ele que reaja. Doença que se vence pela persuasão e que vem pela sugestão, é a histeria que é bem diferente.

Como consigo curar doentes que tem obsessões e fobias e que são psicastênicos?

Antes de mais converso demoradamente com o doente e explico a ele a razão de ser de seus sofrimentos. Mostro que no fundo há uma grande dose de emoção que é indispensável remover. Esclareço quais são os meios medicamentosos que atuam, nela, com proveito.

Digo a ele que *insista em fazer aquilo, com que se emociona e de que tem medo.*

Aliviado da emoção, teimando em realizar o ato, amparado por um calmante de ocasião, ele se sentirá capaz.

Dou o *calmante* numa fórmula minha, que divido em quatro colheres de sopa para cada dia.

Um cliente meu que morava numa rua transversal à rua Conde de Bonfim e que se sentia incapaz de ir sozinho à repartição, curou-se da seguinte forma: receitei uma poção, de que devia tomar quatro colheres de sopa cada dia, sendo que em cada colher haveria uma grama de brometo. Tomava ele uma colher de sopa antes de sair de casa. Quando na rua, levava consigo um vidro vazio de extrato, de rolha esmerilhada, no qual se encontrava uma dose igual à da colher de sopa. Quando ele tomava o bonde e começava a se achar mal, bebia disfarçadamente o conteúdo de um dos frascos. Ficava mais calmo, mais capaz de continuar a viagem. No fim desta ou na repartição, voltando a se sentir aflito, tomava o conteúdo do outro frasco. Conseguia trabalhar regularmente e quando voltava para casa, já à noite tomava a quarta dose que se encontrava no frasco que tinha ficado em casa.

Faz-se uma *psicoterapia ativa*, demonstrando-se ao psicastênico que tudo é efeito de nervoso e de imaginação, mas é indispensável que ele se sinta calmo, sem aflições, para que de tudo se convença.

O psicastênico está certo de que a idéia que tem não tem razão de ser: no caso vertente, se claro está que qualquer pessoa possa ter uma vertigem e cair na rua, não é natural que suceda isto a quem esteja com saúde e não tenha lesão em órgão algum.

No entanto, diz ele que quando vai sair, tem medo de

cair com uma vertigem e desde logo fica muito aflito e receioso. Se o andar na rua o aflige, claro está que ele preferirá não sair de casa, não fazer uma coisa que o incomoda.

Em todo e qualquer caso de psicastenia o mesmo sucede.

O medo é sempre acompanhado da emoção e o individuo não pratica o ato, porque, se o fizer, ficará muito agoniado durante toda sua realização.

A impotência psíquica é outra forma de psicastenia muito contraditória.

Um individuo vai procurar ter relações sexuais e quando chega perto da mulher, ou no momento do ato sexual, falha a potência.

Verifica-se que não há lesão orgânica alguma que a justifique.

Dou uma fórmula, em que associo extratos fluidos de *Echinacea angustifolia*, catuaba, mirapuama, ótimos afrodisiacos, e mulungú, *Passiflora incarnata* e *Casemiroa edulis*, calmantes.

Haverá um aumento do estímulo sexual e uma ação sedativa do sistema nervoso.

O aumento da excitabilidade sexual é apenas para uma ação persuasiva.

O individuo, na realidade, não tem falta de potência, mas sentindo-se excitado, constata o desejo, verifica haver potência e se alegra com isto.

Os extratos fluidos calmantes são para tirar a emoção.

Na questão da impotência psíquica, um ponto que deve ser tomado em consideração é que o individuo deve procurar ter relações sexuais com mulher com quem tenha uma certa liberdade, ou com cuja opinião se não preocupe.

Uma frase depreciativa da capacidade sexual, um sorriso podem bastar para que a inibição aumente, e a impotência se acentua.

A's vezes, é o médico consultado por um psicastênico, com impotência psíquica, que está em vésperas de casamento e que tem receio de o realizar.

Tratado o individuo pela fórmula que redigi, deve fazê-lo, pois não há um só caso em que não fique curado.

A liberdade que vai ter com a esposa, a vida amorosa e conjunta, a superioridade em que fica o marido, em relação à esposa donzela e inexperiente — tudo isto faz com que a vida conjugal seja muito proveitosa para quem se achar nestas condições.

Podendo a emoção depender de um exagero de excitação da tiróide e de um desequilíbrio vago-simpático, com predomínio simpático-tônico, receito com proveito injeções de ultra peptonas de tiróide, que corrigem o excesso de secreção desta glândula e assim impedem também a simpaticotonia.

Em todo e qualquer caso de psicastenia, com fobias, o mesmo tratamento deve ser empregado.

Dar a fórmula calmante dividida em quatro doses. Fazer tomar cada dose no momento exato em que o doente se sinta obrigado a fazer uma coisa de cuja não realização tenha medo.

Um *claustrofóbico*, isto é, pessoa que tem medo de ficar em lugares apertados de que não possa sair com facilidade. teima, amparado pelo calmante, em ficar em lugar em que haja muita gente e pouco espaço, como no caso da pessoa que está num teatro cheio, sentada nas cadeiras do meio.

Quem tenha *acrofobia*, isto é, medo dos cumes, como, por exemplo, o alto do Corcovado, tomará o calmante e insistirá em lá ir e se demorar.

Uma doente que tive e que tinha medo de *viagem de trem*, com receio de uma hemoptise e de falta de recursos na ocasião, curou-se com o calmante e psicoterapia adequada. Era caso de *siderodromofobia*.

Tenho tido casos, em que o doente se sente obrigado a tocar um certo número de vezes na maçaneta da porta, porque, se o não fizer, um parente amigo morrerá. Faço com que tal não faça, amparado pelo calmante.

Do mesmo modo tenho curado casos de *crenofobia* (medo dos precipícios, medo de se atirar de uma janela do 7.º andar, por exemplo), *talassofobia* (medo de banho de mar), *cheimofobia* (medo de tempestade), *brontemofobia* (medo de trovoadas), *nictalofobia* (medo do escuro), *ereutofobia* (medo de enrubescer), *hipografobia* (medo de assinar o nome em público), *acarofobia* (medo de sarna), *cinofobia* (medo de cães), etc.

Uma das fobias mais contraditórias é a *psicopatofobia* ou *manifobia*, isto é, medo de ficar louco.

Dá-se um tônico cerebral como a encefalina, por exemplo, um remédio que tire o excesso de secreção tireoidéica como ultra peptona de tireóide, e um calmante com lúpulo, alface, Passiflora e mulungú.

O doente fica mais tranquilo e então se demonstra a ele que ninguém ficará louco pelo medo de enlouquecer, que não há um único caso, em que isto sucedesse. Convencido desta grande verdade e sosegado por causa do remédio, o raciocínio se realizará lógico e fundamentado e o medo passará.

Claro está que qualquer um de nós pode pensar numa coisa absurda, mas, estando tranquilo, não insistirá no pensamento incômodo e conseguirá afastá-lo com facilidade.

Em todo e qualquer caso de psicastenia, se se tratar de um pensamento obsessivo, incômodo, com fobia, acalmar-se-á o doente e far-se-á uma psicoterapia inteligente, dizendo-se verdades e mostrando-se o absurdo da idéia mórbida;

se se tratar do medo de realizar um dado ato, acalmar-se-á também e insistir-se-á em que o doente teime em o praticar. Tudo é questão de calma e reeducação da vontade.

O *psicastênico* não é um louco porque não tem alteração de personalidade.

Raciocina tão bem como qualquer de nós, somente é um doente da vontade.

Pode haver, ao mesmo tempo, *nervosismo*, isto é, a forma sensorial da neurastenia. Então há muitos distúrbios da cenestesia que se podem curar com *eserinan* e fórmula em que entrem *lúpulo*, *alface*, *Passiflora*, *hortelã* e *mulungú*.

*Doentes com obsessões e fobias* são encontrados a cada passo.

É indispensável que o médico prático esteja aparelhado para os curar.

E, como o consigo, aqui expôs sem reboços.

La Rochefaucauld disse uma grande verdade: se tivéssemos suficiente vontade, quase sempre disporíamos de meios convenientes.

Gaballero acentuou: há uma força motriz mais poderosa do que o vapor e a electricidade: a vontade.

Alfieri manda querer, querer sempre com todas as forças.

→ Diane lembra que há quem tenha coragem para afrontar desgraças conhecidas e receie uma nuvem: a imaginação é que produz o medo.

## SUMMARY

Professor Henrique Roxo presents a work entitled "How to cure obsessions and phobias". Patients suffering from obsessions and phobias form the greater part of cases, of *psychasthenia* which the author considers as a species of neurasthenia. The method of treatment adopted by the author consists of chatting leisurely with the patient so as to persuade the latter to do just the action which he dreads and fears. He administers a soothing mixture (his own formula) which he divides into 4 doses which he places in separate small phials. Every time he has to perform the action which he dreads and which upsets him, he takes one dosis and persists to act without any emotion; an individual who reasons correctly knows that it is an absurdity what he takes in, becomes a different being and may be cured easily. It is active psychotherapeutics, the patient has to be convinced that his case is all nerves and imagination. Among various cases the author describes the manner how he cures *psychopathophobia*, i. e, the fear of becoming insane, and *psychic impotence*, conditions very frequently met with in *psychasthenia*. He analyses also *nervosism* and shows the manner how he manages to cure it.

## HIGIENE MENTAL NAS ATIVIDADES DA CRUZ VERMELHA, NA DEFESA PASSIVA E NO ESTADO DE GUERRA

Pelo Dr. PLINIO OLINTO

### I CAPÍTULO

O mundo está em guerra. E os clarins de combate soam por todos os cantos da terra...

Mesmo os países ainda fora das batalhas estão atentos e em estado de alarme. O apelo do Brasil está sendo ouvido e respondido por todos os brasileiros dignos desse nome. E a mulher carioca, como a dos demais Estados e Territórios desta grande pátria, compreendeu, desde logo, que o seu dever era cerrar fileiras em torno da bandeira da Cruz Vermelha.

Nunca foi maior a matrícula e a frequência em nossas escolas, nunca tivemos melhor compensação de nossos esforços. Isso nos dá coragem para prosseguir e nos estimula o desejo de corresponder à confiança que, nestes últimos tempos, vem merecendo as Escolas de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, onde se tem formado tantas e tão distintas de nossas patricias, exemplo de profissionais delicadas e cultas.

Antes delas, as páginas da História da Enfermagem ostentam nomes que mereciam ser destacados. Tomemos um deles e dos mais recentes, porem já no domínio da posteridade, ou melhor, da glória:

Rachel Haddock Lobo.

Brasileira das mais patriotas, estudante das mais preparadas, enfermeira das mais dedicadas, por vocação e por nobreza, na ocasião da grande guerra de 1914, tendo terminado o curso de enfermeira pela Escola de Paris, alistou-se na Cruz Vermelha Francesa. Depois, esteve nos Estados Unidos, onde frequentou a célebre Universidade de Colúmbia, graduando-se como enfermeira. Finalmente, voltando ao Brasil, cursou, espontaneamente, a Escola Anna Nery, para assumir, afinal, a sua direção, posto em que faleceu, depois de ter dado um grande brilho àquela instituição, deixando nela marcados os traços característicos da personalidade da enfermeira, profissão que ela tão bem exerceu, quanto melhor ensinou.

Referência  
qu

Maria Engênia Celso, numa de suas mais brilhantes crônicas, descreve a figura de Rachel Haddock Lobo:

“Sob a touca e o véu de enfermeira seus grandes olhos melancólicos tinham um brilho tal de bondade e de inteligência e o seu sorriso era tão acolhedor, que a gente se sentia logo inexplicavelmente reconfortada. Emanava dela como que um eflúvio sutil de consolação e esse eflúvio que, para uma enfermeira, constituía o mais precioso dos dons, transformava-se em irresistível simpatia quando se tinha a dita de falar-lhe e apreciar-lhe de perto, não só a afabilidade do trato, como a competência de espírito”.

Rachel Haddock Lobo na firme convicção de que a enfermeira tem por dever estar sempre aliviando, consolando, animando, ao exalar o seu último suspiro, em seu leito de morte, rodeado de amigas, colegas e alunas angustiadas, disse para animá-las — Morro feliz!

É preciso ter um espírito sadio e forte para viver a vida que ela viveu.

Foi verdadeiramente também um símbolo de Higiene Mental.

Na luta pela vida somos compelidos a muitos recalca-mentos no interesse da coletividade.

As adaptações do indivíduo ao meio ficaram condicionadas aos ajustamentos do meio social, os deveres do homem moderno passaram a ser maiores que os seus direitos e isso tem influído poderosamente sobre o seu sistema nervoso, sobre os seus sentimentos e suas emoções.

A Higiene Mental, tão necessária a todos, torna-se indispensável à enfermeira. Ninguém mais do que ela precisa realizar consigo e transmitir aos outros Higiene Mental.

Na sociedade moderna, a resistência psíquica é posta à prova a cada momento. Além das condições atuais do trabalho *taylorizado*, cronometrado, acelerado pelos processos ditos em cadeia, que fatigam sobremodo o operário moderno, a vida civilizada, regulamentada, convencionada, com horas certas, dias certos, sinais luminosos, sinais sonoros, etc., exige uma capacidade de atenção dispersada que é preciso cultivar, pois qualquer negligência pode ocasionar um acidente grave. As longas distâncias a percorrer, por mais velozes que sejam os veículos, as posições incômodas em que viajamos, quase sempre de pé, as escadas, os elevadores, a subir e descer, os medos, as dúvidas, a precipitação das refeições, o sono sobresaltado, tudo nos prepara uma tensão nervosa que fatiga e abate.

Segundo os temperamentos, a resistência às emoções decresce, decai e nos conduz a estados de ansiedade e de angústia que causam nevroses. E se nós fortes e nos anormais essa resistência é difícil de manter, pior ainda se torna nos doentes.

A educação da vontade consiste em ter confiança em si, exercitar-se em vencer obstáculos, criando-os, mesmo, às vezes, para vencê-los; não aceitando a fatalidade, transformando as emoções em ações, procurando manter o equilíbrio entre a vida física e a vida psíquica.

Os distúrbios psíquicos não competem à alma separada do corpo; mas à natureza corpóreo-espiritual.

Todos os estados humanos pertencem ao composto e são, ao mesmo tempo, atividades psicológicas e atividades fisiológicas, cuja finalidade é a manutenção de um equilíbrio que nunca esteve tão difícil de sustentar como agora, que uma onda de loucura parece querer invadir o mundo.

Mais do que qualquer outra, então, a enfermeira psiquiátrica precisa possuir dotes físicos, morais e intelectuais.

Boa compleição, fisionomia agradável, gestos e maneiras delicadas, são condições de apresentação que despertam a simpatia do doente e dos que o rodeiam, sejam ou não parentes ou amigos, uns e outros tarados, às vezes, também.

Todos os predicados morais são, por assim dizer, indispensáveis, pois a Higiene Mental é a própria Moral.

Os atributos intelectuais não são menos necessários: percepção clara, capacidade de atenção e fixação nitida, boa associação de idéias, juízos e raciocínios prontos, coragem, piedade, tolerância, paciência, abnegação, enfim. Muita atividade, bem regulada e sem exageros, sentimentos ponderados, emoções controladas, nada de paixões. Grande energia, volição firme, nada de impulsos, resoluções rapidamente decididas e executadas. Junto ao doente a enfermeira é a sua companheira de todos os momentos; administra-lhe os medicamentos, alimenta-o, banha-o, fá-lo dormir, anima-o, consola-o, sofre com ele, se preciso for.

Toda a dedicação da mulher se exterioriza nas profissões de enfermeira e de professora. Toda a dedicação da enfermeira e toda a dedicação da professora devem convergir nas funções da chamada monitora de Higiene Mental que é enfermeira e professora, tendo diante de si dores físicas e dores morais a mitigar.

Com essas responsabilidades cresce de importância o exercício de uma profissão que, no momento atual, é talvez a mais nobre que se possa entregar nas mãos de uma mulher.

Tanto a que presta socorros de urgência, como a samaritana, tanto a enfermeira profissional polivalente como a assistente social carecem de ensinamentos que resultam das lições e do exercício da Higiene Mental para que se crie nelas uma atitude compatível com a prática de suas atividades.

Ouvindo as narrativas das desgraças alheias, onde muitas vezes percebe pontos semelhantes a dificuldades suas, nunca se deve emocionar, ou melhor, deixar percebida a sua emoção e muito menos tornar-se pessimista quanto aos meios

que deve empregar e aos fins a que pretende chegar e espera obter.

Na situação atual o mundo está perdendo suas convicções sobre os grandes ideais da humanidade. Deus, pátria, família, ciência, justiça, liberdade estão sendo menosprezados por alguns povos. Porém, tais sentimentos, de que se formou a própria personalidade humana, não poderão, jamais, desaparecer.

Bendita seja, pois, a Cruz Vermelha que os cultiva e mantem.

A Cruz Vermelha age sempre em nome de Deus, a Cruz Vermelha atende a todas as pátrias, a Cruz Vermelha exalta a organização da família, a Cruz Vermelha faz caridade pela ciência e busca a ciência pela caridade, a Cruz Vermelha distribue justiça, a Cruz Vermelha crê na liberdade.

E quando os homens, no ardor da luta, esquecidos do amor ao próximo, dominados pela ambição, procuram destruir a civilização nos campos de batalha, aparece-lhes a Cruz Vermelha mantenedora de todos aqueles princípios, sob a forma da mulher enfermeira, esparzindo o bem, curando, consolando, redimindo.

Dos próprios focos de destruição, dos mares de sangue, das fogueiras ardentes, surge a bandeira da Cruz Vermelha, cheia de fé, branca, sublime!

E para ela sobem, da terra, as bênçãos dos sofredores. E sobre ela descem, do céu, as bênçãos de Deus.

## II CAPÍTULO

Quando as populações civis estão ameaçadas de ver as suas atividades produtoras surpreendidas a cada momento pelas atividades destruidoras, mais do que nunca será benéfico o influxo da Higiene Mental, essa Higiene Mental que tanto tem cooperado para o bem estar da Humanidade, essa Higiene Mental capaz de conseguir os ajustamentos sociais.

A chamada guerra de nervos, que tanto tem concorrido para deprimir os povos ameaçados e assim diminuir a sua capacidade de resistência, explora justamente a carência de Higiene Mental. É sabido que os espíritos bem equilibrados, os que se habituam a controlar as suas emoções, sem contudo perder a firmeza de seus sentimentos, esses resistem à guerra de nervos. No momento atual, é preciso não se deixar abater pelo terror, não entregar-se a resistência dos primeiros obstáculos, considerar sempre a dificuldade como uma tentação, como um desafio a nossa capacidade de avançar, de enfrentar o perigo, de vencer, procurando até, quando possível, tirar mesmo vantagem do infortúnio.

Acreditamos que, com enfermeiras, assistentes sociais e higiene mental, muito lucrará a defesa passiva de uma cidade em caso de bombardeio aéreo.

Da defesa ativa incumbem-se, como se sabe, os aviões de caça, os canhões anti-aéreos e as metralhadoras. São atribuições privativas das corporações armadas: exército, marinha e aviação.

Entretanto, cabe à população civil organizar-se no sentido de evitar que os prejuízos causados pela batalha se estendam, cresçam e tomem maior vulto. Para conseguir tal objetivo, as repartições públicas, as escolas, as entidades autárquicas, as indústrias, o comércio devem constituir-se em grupos, estudar, aprender, ensinar, praticar e finalmente agir organizadamente no sentido de encaminhar aos abrigos e trincheiras, aos subterrâneos, aos tунeis e aos apartamentos médios, as pessoas que se acharem nas ruas, preferencialmente as mulheres e as crianças, os velhos e os fracos ou os doentes. Despreocupando-se com o bombardeio e sem pretender imiscuir-se nas manobras da defesa ativa, cumpre-lhes prestar todo o apoio e acatamento às autoridades, cumpre-lhes prestar assistência aos desamparados que os há dentro mesmo do desamparo geral.

O pânico nada mais é do que o medo generalizado, em estado agudo. Toda emoção trás consigo, e durante ela, um estado perturbador na orientação das nossas reações. Os estados de exaltação das emoções, os chamados estados hiperemotivos, que se caracterizam pela intensidade da carga emotiva, descontrolam todas as nossas próprias formas de reação e, principalmente, as reações voluntárias.

Eis porque, nas atividades da defesa passiva, a Higiene Mental deve intervir no sentido de diminuir as reações voluntárias sob o *controle* da razão e no sentido de fortalecer os automatismos organizados sob a forma de hábitos.

Assim sendo, cumpre-nos primeiramente evitar que os hiperemotivos, os nervosos, os excitados façam parte das comissões encarregadas de organizar a defesa passiva, depois, ensinando ao povo a maneira de agir, aconselhá-lo suficientemente a proceder com calma, prontamente, energeticamente, velozmente, se preciso for, porem, com reflexão, com ponderação, com convicção do que faz e do que compete fazer, sem contudo confundir, nos atropelos, rapidez com precipitação.

Os neurastênicos, os histéricos, os psicastênicos, sem serem loucos, perturbam todas as atividades dos bem orientados, impedem a eficiência das manobras e tornam-se ainda objeto de cuidados especiais que retardam as providências a tomar, o que pode ser fatal para os grupos que se acham em defesa. Essas pessoas tem sido motivo da perdição de muitas outras que não se conseguem salvar por causa delas.

Frequentando os cursos de orientação de defesa passiva, praticando nas normas estabelecidas através da experiência de casos concretos, adquirem-se conhecimentos que nos permitem adaptações para todas as situações novas que se

nos deparemos e, mais do que isso, aprendemos automatismos que se definem em hábitos, hábitos que nos garantirão reações prontas e convenientes, sem ser necessário pensar, nem discutir, nem deliberar, nos momentos em que as resoluções mais convenientes não podem sofrer hesitações, mas urge que sejam executadas para benefício de todos, embora ainda, às vezes, com sacrifício de alguns.

Como veem, Higiene Mental não se limita apenas a recomendar calma nos momentos difíceis.

Entretanto, os mentalmente equilibrados por constituição e os que praticam Higiene Mental adquirem uma certa tranquilidade de espírito que lhes garante os melhores e os maiores ajustamentos numa vida normal e os predispõe a uma saúde espiritual capaz de cooperar vantajosamente para o bem comum.

Sabemos quanto as boas idéias são desvirtuadas por indivíduos tarados que transformam os ideais da humanidade em ideologias contrárias à moral cristã, negando as verdades científicas, menosprezando as tradições, dominados pela ambição, esquecidos do amor ao próximo, procurando destruir a civilização.

Contra isso levantemo-nos todos, em defesa ativa e em defesa passiva, para que o homem atual não se afaste das convicções que o levaram a compreender a felicidade com Deus, pela Pátria, na Família, sob a Justiça, dentro da Ciência, em prol da Liberdade.

#### SUMMARY

Prof. Plinio Olinto, in his work on "Mental Hygiene of the Red Cross and Passive Defence" refers to the influence of Mental Hygiene in war work he evidences the importance of the part played by the nurses and specifies a type of Brazilian nurse formed by three schools. He defends the Red Cross and speaks of the latter's contribution to the ideals of humanity. By all this, he shows the advantages brought about by Mental Hygiene. Prof. Plinio Olinto in his chapter "Mental Hygiene in war-time" emphasizes the importance of Mental Hygiene in controlling emotions and the advantages resulting therefrom for the activities of Passive Defence. He describes the harm done by panic and by those who disturb the work of those of balanced mind during the bombing raids. He refers to the dangers of the Nerve-war and the way to get over it, all depending on Mental Hygiene.

## HIGIENE MENTAL E ASSISTÊNCIA PSIQUIÁTRICA

Pelo Dr. OSWALDO CAMARGO

Inspetor Psiquiátrico Federal

Verifica-se, com satisfação, que a higiene mental vai estendendo o seu campo de ação por quase todo o território nacional. Em alguns lugares ela age isoladamente, na maior parte dos casos, porém, observa-se que a sua atividade corre paralela ou entrosada com a assistência psiquiátrica. De qualquer forma a sua influência manifesta-se benéfica e promissora, convindo estimulá-la por todos os meios ao nosso alcance.

Na recente viagem que tivemos ocasião de realizar até o coração de Goiaz, afim de representar — juntamente com o nosso ilustre e incansavel companheiro Prof. Plínio Olinto — a Liga Brasileira de Higiene Mental no 8.º Congresso Nacional de Educação, levamos duas honrosas incumbências: inspecionar os hospitais psiquiátricos de Goiaz, Triângulo Mineiro e Estado de São Paulo (sobre que já apresentamos relatório ao Sr. Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais) e disseminar as idéias e princípios que constituem a finalidade da Liga.

Desde que a presidência desta benemérita instituição vem sendo exercida pelo insigne mestre Prof. Henrique Roxo, a propaganda da higiene mental tomou proporções mais amplas, graças aos esforços de uma plêiade de companheiros infatigáveis, e muita coisa tem-se feito aqui e nos Estados, em beneficio da saúde mental do nosso povo.

Em Goiânia encontramos um ambiente propício para o desempenho de nossa missão. Durante a realização do 8.º Congresso de Educação, pudemos mostrar as vantagens que uma bem orientada higiene do espirito proporciona às crianças em idade escolar. A higiene mental e a pedagogia andam de mãos dadas; ambas colaboram no preparo das novas gerações. Um ambulatório de emergência funcionou, durante 15 dias, no salão do Grande Hotel, por iniciativa do Prof. Plínio Olinto, sendo atendidas várias crianças nervosas, por solicitação dos respectivos pais ou responsáveis.

Na exposição cultural de Goiânia, a Liga de Higiene Mental montou um "stand", no qual o público pode verificar, de maneira mais concreta, através de fotografias, gráficos estatísticos e cartazes, a necessidade de se praticar hábitos sadios e de se evitar tudo o que possa mais tarde

redundar em prejuízo para o cérebro. Os frutos da nossa estada em Goiânia não podiam ser melhores: graças à clareza do ilustre interventor Dr. Pedro Ludovico Teixeira, vai ser construído na nova capital o primeiro hospital psiquiátrico daquele Estado. Quando deixei Goiânia, já havia sido assinado o decreto nomeando a comissão incumbida de orientar e acompanhar a execução da obra. O hospital custará 600 contos. O Governo Federal dará o médico especialista para dirigi-lo. Aliás, já o Serviço Nacional de Doenças Mentais conseguiu a designação de um médico psiquiatra para servir junto à Delegacia Federal de Saude. Além disso, cogita-se de fazer funcionar no novo Centro de Saude que está para ser construído em Goiânia, um moderno ambulatório de higiene mental.

No Estado de São Paulo verificamos a existência de mais de vinte estabelecimentos para internação de psicopatas, nem todos em condições satisfatórias. A higiene mental está sendo difundida, principalmente na capital do Estado, onde funciona o ambulatório da Clínica Psiquiátrica, que atende a mais de 3.000 clientes por mês. O Dr. Pedro Augusto da Silva, diretor da Assistência a Psicopatas de São Paulo, tem conseguido, graças à boa orientação que imprime ao serviço, evitar que aumente o número de internações nos manicômios. E não era sem tempo, pois o Juqueri abriga atualmente quase 8.000 loucos! Na entrevista que tivemos com o interventor Dr. Fernando Costa, deixamos assentada a criação dos hospitais regionais, tão necessários para o desafogo das cadeias do interior, onde ainda hoje existem loucos. E também vai ser aumentado o quadro de médicos do Juqueri, para que não falte a devida assistência técnica aos doentes mentais.

Em suma, foi-nos grato verificar que tanto em Goiaz como em São Paulo já se faz alguma coisa de positivo em benefício dos alienados. E que também os esforços do professor Henrique Roxo e do Dr. Adauto Botelho, no sentido de que a higiene mental venha a ser praticada em todos os recantos do país, estão sendo coroados de pleno êxito.

## SUMMARY

Dr. Oswaldo Camargo, the Federal Psychiatric Inspector, wrote a report of the Mental Hygiene activities in the important zone of the Brazilian territory which comprises the States of Goiaz and of São Paulo. On the journey which he undertook for this purpose, he had the opportunity to inspect the hospitals for taking in psychopathic patients, and also to take part in the 8th. National Congress of Education, assembled in Goiânia. The author says that Mental Hygiene is making an enormous progress in all this impor-

tant region which in part is due to the action of propaganda effected by the Brazilian League of Mental Hygiene, brilliantly led by its indefatigable President Prof. Dr. Henrique Roxo. Have also helped to spread the ideas of the Hygiene of the Mind the efforts of Prof. Aduato Botelho who is in charge of the National Service of Mental Diseases. In the State of Goiaz they are going to build the first Lunatic Asylum; and to that State also will be going the Ambulance of Mental Hygiene. In the inland and in the capital of the State of São Paulo there exist 20 hospitals of Psychiatry, but a great number of them are not in satisfactory conditions.



## PROFILAXIA DA DELINQUÊNCIA INFANTIL

Trabalho realizado sob os auspícios da Liga Brasileira de Higiene Mental, pela D.<sup>ra</sup> LAIR XIMENES, da Escola Técnica do Serviço Social.

Proteger a infância abandonada, prevenir a tempo a ação deletéria das causas determinantes da conduta desviada do menor, é agir com humanidade e patriotismo.

Sentir-se indiferente ante uma criança desamparada que perambula pelas ruas é proceder com egoísmo e crueldade.

O problema da infância abandonada e delinquente foi sempre de íntima atração para mim. A escolha do tema desta monografia é bem uma comprovação do que afirmo.

O curto lapso de tempo em que foi escrito este trabalho, determinando-me a uma exposição sintética do assunto, escusar-me-á, por certo, das falhas e imperfeições.

Em primeiro lugar, estudaremos as causas mais gerais da criminalidade e, mais particularmente, da delinquência infantil. Em seguida, apresentaremos, à guisa de sugestão, o esboço de um plano de profilaxia da delinquência, procurando evidenciar, na execução do mesmo, a ação do Estado, da Educação e a valiosa cooperação do Serviço Social.

---

### CAPÍTULO I

#### ETIOLOGIA DA DELINQUÊNCIA

##### 1.<sup>a</sup> Parte

Causas individuais	} a) hereditariedade b) distúrbios glandulares
--------------------	---

Estudando as causas que explicam a diversidade do comportamento humano, chegaram os autores à seguinte conclusão: todas as ações são determinadas por uma multiplicação de fatores que atuam simultaneamente, reagem uns sobre os outros, influenciam e são influenciados.

Apartam-se, entretanto, quando estabelecem o grau de influência de cada fator na determinação do ato.

Temendo ultrapassar as delimitações desta monografia, não me deterei em delongadas apreciações sobre tão profundo assunto. Limitar-se-ei a esboçar a questão nos seus traços mais gerais, comentando, apenas, o que necessário for.

Os fatores etiológicos do crime podem ser:

1.º) *Endógenos*: fazem parte do "ego" individual, da constituição fisiopsíquica do indivíduo;

2.º) *Exógenos*: oriundos das influências mesológicas a que estão todos sujeitos.

"O estudo dos fatores biológicos, diz-nos Ingenieros, constituem a Antropologia Criminal. Compreende duas partes, vinculadas entre si e reciprocamente subordinadas: a Morfologia Criminal, que estuda os caracteres morfológicos dos delinquentes e a Psicopatologia Criminal, que estuda as suas anormalidades psíquicas.

Os fatores exógenos constituem a Mesologia Criminal, que estuda os fatores sociais do delito e a Meteorologia Criminal, que estuda seus fatores meteorológicos, chamados também físicos, naturais ou telúricos.

Assim, para os criminalistas, o crime gera-se sobre a influência desses três fatores: meio individual, meio social e meio cósmico.

É sabido que o equilíbrio mental e moral da vida é resultante da combinação de certas condições especiais do indivíduo e do meio em que este vive.

"Causas biológicas e causas sociais são inseparáveis. Os atos anti-sociais estão sempre determinados contemporaneamente por múltiplos e complexos fatores etiológicos, uns endógenos, inerentes à personalidade do indivíduo, outros exógenos, provenientes do ambiente", afirma-nos o Professor Osvaldo Loudet.

Perigoso será assentar opinião sobre uma destas causas isoladas, pois um caso esporádico não poderá servir de testemunho verdadeiro a tão delicada afirmativa. Não há uma causa determinante da conduta irregular. Há muitas, e todas elas atuam de maneira diversa em relação à saúde, à idade, às predisposições peculiares a cada indivíduo, às condições de vida social, moral e econômica.

Recordemos, a respeito, as palavras de Kant:

"Se fosse possível penetrar bem profundamente na maneira de pensar de cada homem e se as menores forças e todas as circunstâncias que influem sobre esse homem fossem conhecidas, então poder-se-ia calcular exatamente a maneira de proceder dum homem no futuro, como se calcula um eclipse do sol ou da lua.

Em se tratando de menores, torna-se mais delicada a questão, porque o desenvolvimento frisiopsíquico da criança é muito sutil e qualquer ação, preventiva ou emendativa, mal ajustada trará como consequência a agravação do caso.

Não existe um tipo de menor delinquente, existem vários, inúmeros. Cada tipo é revestido de características próprias. Cada criança desviada é um problema a reclamar estudo acurado e resolução adequada.

Desta exposição sumária, passaremos à enumeração das causas mais frequentes da delinquência infantil.

### HEREDITARIEDADE

Até que ponto um individuo é determinado na sua maneira de agir pelos fatores hereditários ?

Firmam-se os heredologistas na seguinte lei biológica: "A vida de cada ser vivo decorre no seu "palco individual" e não no palco restrito do ser humano".

Sem dúvida, a hereditariedade exerce influência na nossa vida moral, porem, não devemos chegar ao exagero de proclamá-la como única determinante da conduta humana.

A criança ao nascer herda de seus pais tendências que traduzirão o seu temperamento. O que se transmite são as predisposições e não o carater.

O filho de um criminoso poderá ser um homem de bem se for criado sob a observância dos ditames de uma particular educação a desviar suas predisposições herdadas. O mesmo não ocorrerá se consentirmos o seu desenvolvimento em um ambiente promiscuo, onde as cenas criminosas se desenrolam com frequência, onde o eco duma orientação educativa oportuna não se faz ouvir, observando-lhe as tendências mórbidas e orientando-lhe o comportamento.

Lombroso, no seu desprezo pelo crime em contraposição com a Escola Clássica que estudava o crime com a preocupação do agente, caindo no exagero antropológico por si mesmo confessado nas edições seguintes do *L'uomo delinquente*, considerou o delinquente um criminoso nato sob influência atávica. Foi contestado por Ferri que encaidou o problema sob ponto de vista também sociológico, afirmando ser o homem dominado por um conjunto de fatores biológicos, cósmicos e sociais. Para o ilustre discípulo de Lombroso, os surtos criminosos podem aparecer em um homem normal, mas tendem a desaparecer.

Assim, a teoria do "criminoso nato" teve o seu ocaso. O carater de criminalidade não constitue patrimônio hereditário e sim as taras degenerativas, capazes de serem superadas pela influência dos meios cósmico, social e educativo.

## DISTÚRBIOS GLANDULARES

Dentre as causas individuais figuram, ainda, os distúrbios glandulares.

A ciência endocrinológica, na determinação da fórmula biotipológica do indivíduo, veio colaborar com aqueles que se dedicam ao estudo apurado e complexo das causas geradoras do crime.

As glândulas de secreção interna exercem peculiar ação sobre o caráter individual.

São palavras de Pende: "Se as anomalias morais não se podem subordinar às do sistema hormônico, estas agravam, de todos os modos, as manifestações da constituição mental anormal, e as anomalias psíquicas, em troca, têm uma influência agravante nas desordens das glândulas endócrinas. Assim, o mesmo círculo vicioso que se dá na intoxicação pelo álcool: o álcool aumenta o estado degenerativo e este a inclinação ao abuso das bebidas alcoólicas".

## 2.ª Parte

→ Causas familiares e sociais

{	a) lar incompleto
	b) lar indigente
	c) lar incompetente ou imoral

Todo ser humano está sujeito às influências do meio social em que vive.

Muitos fatores que se supõe consequência única das leis de Mendel, submetidos a uma profunda análise, atestam desde logo sua natureza congênita. É como a ação do alcoolismo, das doenças infecciosas e de tantas outras causas advindas do meio ambiente.

A ação fecunda do meio faz-se sentir a cada passo: na família, na escola, nas ruas, nos centros religiosos e recreativos, nas várias instituições, etc.

A educação, conciliadora atenta entre a evolução da personalidade do indivíduo e as influências sociais, é um elemento seguro da perfeita adaptação do homem à sociedade.

No cenário social, a conduta do indivíduo é sempre uma manifestação de seu caráter. A uma conduta anômala corresponde sempre uma anomalia de caráter. Este conceito é endossado por Adler quando nos afirma: "conhecer alguém é perceber seu plano de vida".

Passemos, agora, ao estudo em separado dos diferentes grupos de contacto.

A família é a sede de toda atuação preventiva dos desvios sociais. Sua função educativa por excelência, de disciplinadora e ordenadora, imprime-lhe um verdadeiro cara-

ter de força conservadora. Infelizmente, nem todos compreendem o seu significado e daí uma série de desajustamentos e infortúnios oriundos da falta de compreensão das responsabilidades domésticas.

É a família que preside, durante os nossos primeiros anos de vida, a formação de nosso caráter, a aquisição de nossos hábitos.

Negar a influência que exerce sobre a estrutura moral das crianças a vida dos pais, irmãos e de todos aqueles que as cercam, é não querer admitir a existência daquilo que se torna sensível aos olhos do menos arguto observador.

Um lar erguido sobre as bases de falsos alicerces, é uma verdadeira espada de Dâmocles, a ameaçar as vidas dos que nele se abrigam.

O ambiente moral familiar, conglomerado de influências que emanam dos pais, organizadores e de todos os membros de uma família, é algo de profundo que destila na alma infantil, nela deixando seu fecundo rastro.

Procedendo a um estudo dos lares donde partem os menores delinquentes, Ernesto Nelson propõe a seguinte classificação: lar incompleto, lar indigente, lar incompetente ou imoral.

**LAR INCOMPLETO** — onde existe a orfandade real ou moral, total ou parcial. É o lar dos viúvos, das esposas abandonadas pelos maridos ou vice-versa, dos filhos de pais ignorados, dos orfãos de ambos os pais sujeitos à tutela ou sob as vistas de pessoas incompetentes, dos pais cujo trabalho não lhes permite prodigalizar a devida assistência aos filhos.

É muito comum, na prática do Serviço Social, encontrarmos desajustamentos na conduta do menor radicados numa dessas situações defeituosas do lar. Recordo-me de uma senhora que, abandonada pelo marido cujo paradeiro lhe era ignorado, forçada a trabalhar para o sustento próprio e de seus dois filhos, destes queixava-se, dizendo-me: — Não mais me respeitam. Aproveitando-se de minha ausência passam os dias na rua, não vão à escola e o mais velho (que contava 11 anos), já, por duas vezes, chegou-me à casa pela madrugada.

Esta senhora, como tantas outras nas mesmas condições, residia num lugar pobre, muito afastado, de difícil vigilância

Outros casos, de conseqüências idênticas, ocorrem nos lares abandonados pelas mães que, seduzidas, fogem em companhia de um terceiro. Entregues ao pai, cujo único tempo disponível para estar com os menores é, justamente, à noite, quando fatigado regressa do trabalho, durante o dia as crianças agem em completa liberdade: fugas, brigas, "gazetas" à escola (quando a frequentam), aquisição de vícios de toda a espécie, etc. Em breve, sente este homem

a necessidade de colocar uma substituta em casa. Via de regra, a escolha dificilmente recairá sobre quem possa ou queira arcar com a responsabilidade da educação destas crianças. Surgem os dissídios, as rugas, em seguida os maus tratos, terminando, na maioria das vezes, com o abandono do lar pelo menor afligido.

Igual sorte teem os possuidores de padastros e madras-tas, verdadeiros artistas na arte de martirizar a pobre alma infantil (para toda regra há exceção).

Há, ainda, que considerar a situação dos menores "dados", ou dos que, vítimas da orfandade total, são entregues a famílias que, sob a máscara da proteção e tutela, escondem sua verdadeira identidade de exploradores e tiranos. É o caso dos menores que trabalham e entregam, aos seus "protetores", todo o fruto do seu labor.

Discriminar os vários casos similares de menores desviados, em virtude de abandono por desintegração do lar, seria tarefa por demais exaustiva, quicá impossível.

Quem permaneceria indiferente ao ouvir dos lábios de um jovem de quinze anos sua desditosa história? Desconhecendo o paradeiro de seu pai e orfão de mãe de maneira inesperada, sem poder contar com algum amparo de parentes ou pessoas conhecidas, passa a residir nas ruas, dormindo pelos cantos das avenidas, vivendo da mal interpretada caridade alheia.

Lei humanitária seria aquela que, ditada pelo mais alto espírito de proteção à infância, punisse o abandono do lar, não, apenas, cassando e suspendendo o pátrio poder ou facultando uma ação de alimentos, porem, usando de medidas enérgicas para chamar à responsabilidade estes lamentáveis desertores.

**LAR INDIGENTE** — É o lar considerado deficiente por desequilíbrio econômico. Nele a pobreza refugiou-se, tornando-o um dos mais sérios problemas da Assistência Social.

As causas que geram a miséria, a pobreza, o pauperismo, tais como: a doença, insuficiência de salário, falta de trabalho, velhice, vícios, mendicidade profissional, preguiça, incapacidade, etc., atuam na desintegração do lar e concorrem para que se engrossem as estatísticas do crime.

Carlos Gide cita, ainda, como fatores agravantes da economia doméstica, a morte do chefe da família, o abandono da família pelo chefe e o número excessivo dos filhos.

São muitos os perigos materiais e morais que infestam um lar pobre. Criadas sob a pressão das necessidades insatisfeitas, forçadas a recalcar os mais simples desejos e muitas vezes em contacto com outras mais afortunadas, essas crianças não compreendem a razão da desigualdade humana. Adquirem uma atitude de hostilidade para com a sociedade; tornam-se desconfiadas, tímidas ou agressivas, invejosas e

más. É desta mocidade mal formada que surgem os espíritos rebeldes, criadores das idéias das mais subversivas teorias sociais.

O primeiro perigo da situação econômica deficiente é a habitação insalubre, a casa de cômodos, os barracões, onde o ar viciado, a falta de luz, a ausência da higiene, associada a tantas outras causas da falta de recursos, determinam a depressão física e mental dos que a ela estão sujeitos.

Efeito desmoralizador da miséria é a condição de promiscuidade em que vivem as famílias por ela alvejadas. Nas habitações coletivas, onde crianças vivem em companhia de adultos, pais, parentes e conhecidos, num quarto que é ao mesmo tempo cozinha, são frequentes as ofensas à dignidade e à decência. Além disso, por serem economicamente mais acessíveis, estas moradias são procuradas também pelos viciados. Daí, os exemplos pouco edificantes da conduta irregular e toda uma série de atos condenáveis que presidem o desenvolvimento individual dos menores.

O lar pobre é um lar disperso. A sorte das crianças que nele habitam é diversa. Umhas são impelidas pelas necessidades ao trabalho precoce; outras, mais afortunadas, caem sob a proteção de um asilo, patronato ou de alguma família generosa e, ainda, há as que ficam entregues a si mesmas, crianças abandonadas moral e materialmente, seguindo, imprevidentes, as pegadas de seu desditoso destino.

A classe dos menores trabalhadores é um problema social revestido de grande complexidade. Solucioná-lo seria resolver o problema econômico, o problema da educação e tantos outros a ele intimamente ligados. Sua resolução traria, como consequência, o levantamento do nível econômico, social e moral da sociedade.

Levantemos a pergunta: *Por que trabalha o menor?*  
— Por que o seu trabalho é mais barato? Por que é orfão e sem recursos? Por ignorância dos pais? Por que é pobre? Por que é vítima da exploração de adultos? Por que é filho de um lar desajustado pela miséria, pela doença, pelos vícios?

O pequeno trabalhador, vindo das classes pobres, é quase sempre atingido de deficiência física e mental. Sujeito a um regime sub-alimentar, tendo por moradia, muitas vezes, um único quarto em péssimas condições de salubridade, torna-se de fraca resistência orgânica. Criado num ambiente acanhado e triste, seu desenvolvimento mental é sacrificado. De escolaridade curta ou em completa condição de analfabetismo, só poderá sujeitar-se às profissões sem futuro e corriqueiros trabalhos.

A saúde, a educação e a moral destes menores são grandemente prejudicadas.

Que perspectiva de vida futura podem ter os pequenos trabalhadores sem vigilância e orientação?

Entre outras instituições tendentes a evitar esses malefícios e a amparar os menores que trabalham, acha-se a organização social denominada a Casa do Pequeno Jornaleiro, instituição que tem por finalidade proteger os pequenos vendedores de jornais. Interessante seria se fosse, apenas, permitido vender jornais aos menores nela matriculados; medida cuja aplicação reclamaria o concurso de outras tantas deliberações atinentes à resolução dos problemas vários que a ela se prenderiam. Os menores que trabalham na rua, tais como: os vendedores ambulantes de balas, doces e bilhetes de loterias, os engraxates, os mensageiros, etc. são vítimas das excitações contínuas dos vícios e dos maus exemplos. O mesmo ocorre com os trocadores de ônibus, com os empregados em cafés, botequins, etc. O salário pequeno, a fadiga da luta diária e muitas vezes a atitude de passividade diante do infortúnio, gerada pelo cansaço ou pelo desânimo, impedem o desenvolvimento de suas boas aptidões. Desprovidos de educação, de instrução suficiente e de uma orientação profissional, com que elementos contam esses futuros homens para assegurar a estabilidade da família que constituírem mais tarde?

O ensino primário e o preparo profissional deveriam ser obrigatórios por lei.

Nem todos os pais têm o verdadeiro senso de suas responsabilidades e dos seus deveres. Esta é a causa da família numerosa nas classes pouco ou nada favorecidas pela riqueza.

A criança ao sair de uma escola primária, já deveria estar, pelo menos, orientada num ofício especializado de acordo com as aptidões manifestadas.

É claro que os filhos dos declaradamente pobres não poderiam gozar deste benefício. Os menores cujos pais fossem incapazes ou não pudessem assegurar-lhes instrução, educação e orientação profissional, deveriam ser amparados pelo Estado. Este é o espírito da nossa regulamentação atual.

Deveriam ser punidos os que, tendo recursos, não cumprissem com essas determinações. E teríamos como consequências: um País sem analfabetos, sem pedintes andrajosos pelas ruas, pois, a aquisição de um ofício iria contribuir para o declive da mendicidade; um povo educado, disciplinado e empreendedor.

A necessidade não se faz sentir apenas no soerguimento do nível econômico de vida dos mais necessitados. É preciso que haja a ação concomitante da instrução e da educação. Das ações combinadas destes três fatores é que resultaria a solução de muitos casos de desajustamentos sociais.

Ensinemos a u'a mãe o alcance da higiene da procriação, do tratamento pré-natal, as vantagens de uma alimentação sadia e racional, a necessidade da assistência escolar

A a aq  
um o

e da aprendizagem de um ofício. De que adiantará tudo isto, se a mulher em estado de gravidez, premida pelas necessidades, sob o peso da fadiga e de uma debilidade orgânica, sente-se sem coragem para procurar o auxílio de um Posto de Saúde?

O rendimento escolar de uma criança sub-alimentada é quase nulo. Além disso, para frequentar a escola é preciso vestir-se e nem sempre há verba para tal fim.

Do exposto, não se conclua a utopia ingênua de que poderemos acabar com as classes pobres. A pobreza é um fenômeno social natural. Como disse Leroy's Beaulieu, sempre houve pobres desde que o mundo é mundo. Porém, não será por este motivo que deveremos permanecer em atitude de indiferença ao defrontá-la. E nós, assistentes sociais, a encontramos a cada instante a tropeçar-nos os passos.

Os pobres deverão ter as suas condições de vida melhoradas dentro do âmbito de suas necessidades.

As diversidades humanas sempre não de existir. Recordemos, a respeito, as palavras de Rui Barbosa:

“Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa do dedo humano, as gotas do mesmo fluido, os argueiros do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estrela. Tudo, assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até aos aljofares do rócio na relva dos prados”.

É, ainda, do ilustre jurista, o seguinte conceito de Igualdade: “A regra de igualdade não consiste senão em quinohar desigualmente os desiguais, na medida em que se desigualem”.

Ao considerarmos tão delicado problema, injusto seria relegarmos ao olvido a atuação empreendedora e construtora do Estado Novo. As leis de acidente de trabalho, do salário mínimo, a regulamentação das horas de trabalho, do trabalho de mulheres e menores, a instituição do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes e de outros congêneres que visam o amparo das classes trabalhadoras do nosso País e todo o conjunto de leis que formam a nossa invejável legislação social, constituem um testemunho vivo do que será o Brasil do futuro. Aguardemos, confiantes, os dias mais felizes do porvir!

**LAR INCOMPETENTE OU IMORAL** — Concorrem em determinados casos para a incompetência do lar as causas já estudadas no presente capítulo, que, atuando sobre a personalidade dos que dele participam, dão origem às diferentes

formas de desajustamento que caracterizam a falta de adaptação adequada do indivíduo ao meio em que vive. São considerados incompetentes os lares cujos chefes, presos ao trabalho durante o dia, não podem dispensar os cuidados necessários aos filhos; os lares prodigalizadores de educação defeituosa: meios educativos por demais severos ou educação negligenciada. Em se tratando de maneiras de educar, abramos um parêntesis para observação necessária: lar incompetente não é privilégio de pobre. Um lar economicamente equilibrado nem sempre é elogiável sob o ponto de vista educativo.

O estudo dos diferentes métodos educativos dá-nos a conhecer três grupos de crianças: crianças escorraçadas, crianças mimadas e o grupo intermediário, resultante da combinação dos dois primeiros: o das crianças vítimas de uma educação mesclada, misto de castigos e mimos.

O fracasso dos pais na sua tarefa educativa explica, em grande parte, a causa de certos defeitos de caráter e perturbações na afetividade das crianças e dos jovens.

A educação excessivamente severa, que se utiliza de castigos corporais como fatores de disciplina, não só prejudica o físico como o psiquismo infantil. A criança a todo momento instigada sente-se como que inibida; o desenvolvimento de sua personalidade processa-se de maneira anormal sob a influência deletéria do medo, da angústia e do ódio. Na escola, nem sempre é compreendida pelo mestre que, considerando, apenas, o ato infrator da disciplina escolar, aplica-lhe castigos estéreos que em nada atingem a verdadeira causa a corrigir.

No seu sensível desenvolvimento individual, a criança necessita de atenções especiais, materiais e morais. A boa alimentação, os cuidados higiênicos, o conforto, não bastam para que se considere uma criança bem criada. Mister se faz que haja, ao lado desses fatores, fatores outros de ordem moral. O carinho, a afeição, a boa compreensão da alma infantil, são elementos indispensáveis para que se lhe dê uma acertada orientação. Conquistar a amizade infantil, a sua confiança, é a primeira tarefa do educador. Para bem educar é preciso que se estude, simultaneamente, a constituição orgânica e psíquica da criança.

Como enganam-se os pais ignorantes que, visando a formação moral de seus filhos, infligem-lhes os mais deploráveis corretivos. Diante do castigo corporal a obediência, quando verificada, é ditada mais pelo medo que por um sentimento de respeito. Os autores de tais punições são considerados, pelas suas vítimas, semelhantes aos algozes e como tais temidos.

A criança escorraçada dos lares pobres encerra em si um problema de desoladora feição. A ira dos pais, motivada muitas vezes por circunstâncias de vida desfavoráveis,

descarrega-se a qualquer pretexto sobre os filhos, tomando um carater psicológico diverso. Neste caso, a autoridade paterna exaltada pode ser considerada como uma manifestação compensadora de sua reconhecida inferioridade social. A formação mental da criança destes lares pode, também, ser prejudicada por diversas consequências de desajustamento familiar. Todas as crianças, submetidas ao escorramento físico e moral, manifestam certas anomalias de carater. São coléricas, dissimuladas, hipócritas, mentirosas, turbulentas, vingativas, e de maus costumes.

O sentimentalismo exagerado, mal compreendido, é também fator de degeneração educativa.

A criança mimada é vítima de uma educação anormal. Acostumada a ver satisfeitos todos os seus desejos, tendo aprovação em todos os seus atos, não necessitando de desempenhar esforços para vencer qualquer situação, julga-se um ser privilegiado em relação às outras crianças que a cercam. É o caso do filho único, do caçula, dos filhos de viuvos, dos filhos de pais abastados, das crianças por todos reconhecidas como bonitas e inteligentes, enfim, de todas as que são criadas sob a manifestação inconveniente de desmesurados zelos.

Em contra-posição aos seus objetivos, o resultado deste método educativo é formar seres incapazes, de fraca personalidade, exigentes e egoistas. Na escola são maus companheiros e trabalhosos alunos.

As crianças mimadas — diz a Dra. Madelaine Ganz — não conseguem se adaptar a uma situação nova, porque uma mãe, demasiado precavida e compreendendo mal seu dever, tem procurado afastar todo o obstáculo de seu caminho.

Outro tipo de educação anômala é a que oscila entre os mimos exagerados e os castigos severos. Frequente nos lares onde não há uma necessária harmonia na maneira de julgar dos pais ou protetores. Se de um lado o pai, irreverente, pune com exagero, a mãe, por sua vez, acariciando consola. Há casos em que o próprio pai ou a própria mãe, de temperamento exaltado, inflinge ao menor punição desmedida e logo após, sob a pressão do arrependimento, volve ao filho com ternuras, quase a pedir perdão. Diante de tais situações, a criança experimenta sentimentos contraditórios, e assim criada, mais tarde, poderá tornar-se uma criatura de atitudes vacilantes.

Todos esses falsos conceitos de educação, se bem que de causas diversas, teem o mesmo efeito: deformar o carater da criança de hoje, homem de amanhã.

A tarefa dos pais deve ser cumprida concientemente.

A vida tumultuosa e intensa dos nossos dias, no seu evoluir constante, exige do homem, cada vez mais, esforços ináuditos para uma perfeita adaptação. Deixar uma criança à mercê dos acontecimentos, abandoná-la aos perigos crescentes que surgem em meio da vida social moderna, não proporcionar-lhe orientação eficaz, é descurar do mais nobre espírito de humanidade e amor à pátria.

No campo da educação duas forças poderosas se encontram: a família e a escola. Da ação combinada destas duas forças, é que resulta a eficácia dos métodos educativos. Daí conclue-se que: educar somente as crianças é trabalhar muito para obter-se pouco. A reeducação dos pais constitui problema importante.

Muitos são os progenitores que, sobrecarregados de deveres sociais e mundanos, confiam a vigilância de seus filhos a damas de companhia ou parentes. Conhecer a atuação destes zeladores e a sua formação espiritual, é também cooperar para a boa orientação dos mestres e educadores.

O desequilíbrio familiar é, ao mesmo tempo, causa e efeito dos desequilíbrios sociais.

Um lar ferido de impotência moral, perde as suas características próprias de força equilibradora, para transformar-se numa verdadeira escola de crimes e perdições.

A criança, na sua atividade contínua de tudo assimilar e aprender, é observadora atenta dos acontecimentos domésticos.

Infelizmente, nem todos os lares são dignos desta observação.

Tomemos, como exemplo, os lares dos viciados. Deles partem aqueles que vão arregimentar-se nas fileiras do crime, da prostituição, da vadiagem e de tantos outros desvios da conduta humana. Os maus tratos dados aos menores são frequentes nestes meios.

Prevenir a tempo a ação destruidora dos que vivem à margem da moral, é trabalhar para a diminuição do número de menores desviados e delinquentes.

A vida dissoluta dos jogadores, das mulheres de conduta irregular, muitas vezes impelidas à infelicidade pelos próprios companheiros, exploradores imorais e exigentes; dos mendigos profissionais, dos alcoólicos e de todos os desviados, formam uma verdadeira coligação de fatores degenerativos tramando contra o bem estar social.

A impressão captada das cenas deprimentes que presenciavam e as reações produzidas pelas maneiras rudes com que são tratados, são os elementos modeladores da estrutura moral dos menores destes lares.

Exercem, ainda, influência nefasta sobre o comportamento infantil o mau cinema e a má literatura. O espírito de imitação, tão peculiar às crianças, leva-as, muitas vezes, à reprodução das ações dos heróis apresentados pelos filmes, livros ou revistas.

## CAPÍTULO II

### PLANO DE PROFILAXIA DA DELINQUÊNCIA INFANTIL

#### 1.<sup>a</sup> Parte

- a) ação do Estado
- b) ação da Educação
- c) ação do Serviço Social

Toda a medida que tenha por finalidade facilitar as condições de vida econômica e social do homem opera no sentido preventivo dos desvios da conduta infantil. Levantar o nível econômico e cultural, concomitantemente, é agir com acerto para a solução dos inúmeros casos de desajustamentos sociais.

Baseada neste princípio, encaro o problema da readaptação social e da profilaxia da desadaptação mais da competência do Estado que, propriamente, da iniciativa privada. A cooperação particular é *valiosíssima*, mas por si só não basta.

Muitos são os que indicam o tratamento pré-natal, como ponto de partida da execução do plano de amparo a infância. Entre nós, é já doutrina bem conhecida e, digamos com júbilo, muitas são as mães que reconhecem a necessidade e vantagens de tal aplicação, — embora nem todas a pratiquem.

Um povo convenientemente educado e preparado pode aquilatar dos benefícios que lhe adviriam da execução de tal princípio, porem, não existirá algo que se antecipe ao exame pré-natal? É o exame pré-nupcial? Seria a sua imposição de efeitos mais rápidos e eficazes na higiene da pro gênie?

A falta de educação, de assistência escolar e de aprendizagem são verdadeiros fios condutores para um desajustamento do indivíduo.

O quadro que nos oferece à contemplação, a vida de um menor abandonado, analfabeto, sem orientação profissional, sujeito aos exemplos malévolos das ruas ou de um lar desajustado, é verdadeiramente comprometedor.

A assistência escolar é indispensável. A escola, na sua missão de instruir, educar e orientar o menor, contribue, consideravelmente, para o equilíbrio social.

“A instrução relativa às suas faculdades, a educação moral e social adquirida pela prática da cooperação na

pré-natal

comunidade escolar e o ofício, constituem as três aquisições que porão o adolescente em condição de enfrentar a luta pela vida e converter-se num cidadão útil. Chegará o dia em que a escola se converta em uma instituição de proteção à infância, ao mesmo tempo que dê instrução e dê educação, e assim, evitar-se-á o fracasso da presença ante o Tribunal de menores pouco favorecidos por seu nascimento" — escreve Elisabeth Huguenin.

A idade escolar reclama cuidados mais especializados.

Os exames médico, psiquiátrico e pedagógico, deveriam ser adaptados às escolas primárias. O período para a realização dos mesmos seria relativo às inscrições escolares. Estes serviços deveriam ter a colaboração dos Assistentes Sociais incumbidos da investigação do círculo social da criança e sua situação na família. Destes estudos decorreriam sugestões acertadas aos métodos educativos ou re-educativos a empregar.

Se a escola primária realizasse o mais breve possível um diagnóstico científico dos meninos anormais — disse Paul Wets — realizaria uma grande obra para a diminuição da delinquência e da criminalidade.

Os menores anormais deveriam ser cientificamente tratados, educados e instruídos em estabelecimentos para esses fins destinados.

O rendimento escolar de cada aluno estaria sujeito a uma verificação mensal. Apurado um declive de comportamento ou aproveitamento intelectual, a observação médico-pedagógica voltar-se-ia para o menor. Causas extrínsecas e intrínsecas de seu comportamento seriam estudadas com a cooperação do Serviço Social.

A socialização da criança é parte integrante do programa escolar. A organização de grêmios escolares, revistas, bibliotecas, excursões recreativas e instrutivas, em muito concorreriam para o alcance deste objetivo.

Orientar a maneira de sentir, de pensar e de agir dos alunos, é dever dos mestres e educadores. A orientação escolar deve ser de maneira a poder facultar ao aluno o seu desenvolvimento normal. O aproveitamento de suas atividades espontâneas, a boa formação de sua personalidade, tornando-o um ser verdadeiramente social, apto ao cumprimento de seu dever para com a sociedade.

A inclusão do ensino profissional, tão necessária como garantia da estabilidade da vida, deve obedecer às diretrizes traçadas pelos técnicos no assunto, em combinação com os médicos, pedagogos e assistentes sociais. A idade, a capacidade física e mental, a aptidão demonstrada no exame psico-técnico, são fatores a serem estudados pelos orientadores.

O Serviço Social, sempre em contacto com as responsabilidades da vida, perscrutador arguto do mecanismo

íntimo dos fenômenos sociais, tem valorosa participação na ação preventiva ou reajustadora das desadaptações sociais.

O trabalho do assistente social é desenvolvido em quatro fases diferentes: *investigação, orientação, resolução e controle*. O acertado conhecimento das causas geradoras das desadaptações e seu particular estudo, o senso crítico adestrado no distinguir o verdadeiro do falso, o preparo intelectual indispensável para um plano de orientação, o espírito empreendedor, sua abnegação e constância, tornam o assistente social elemento indispensável em todo o setor da Assistência Social.

Facil é de prever o auxílio inestimável de sua cooperação na obra de prevenção dos desvios da conduta infantil.

A re-educação dos pais, como já foi dito, consta também do programa de proteção à infância. A visitadora social levará à família instruções educativas, orientando-a no conhecimento individual dos filhos, apontando-lhe os perigos do mau cinema, da literatura malsã, das companhias condenáveis e as consequências de uma educação defeituosa.

Uma boa educação familiar — ensina-nos Madelaine Ganz — significa sempre uma vantagem para toda a vida futura do indivíduo.

Incentivar a frequência aos Postos de Puericultura, às Clínicas Odontológicas, às Maternidades, aos Hospitais de Clínica Infantil, é também dever da Assistente Social.

A ação profilática da desadaptação estende-se, ainda, ao combate à sífilis, ao alcoolismo, à tuberculose, ao uso dos entorpecentes, — poderosos fatores de degeneração da espécie.

A verminose sujeita o comportamento infantil à irritações diversas. Seu tratamento nos escolares em muito concorreria para a conduta regular dos mesmos.

Insistiremos sempre em afirmar que a conduta anormal dos menores é gerada por fatores vários. Atender a um só deles será agir incompleta e falsamente.

A ação simplificadora dos espíritos dogmáticos que, sob o prisma do exclusivismo, visam alcançar um meio cômodo e eficaz para a resolução do problema, deve ser combatida como impropícia e falsa.

Atender, conjuntamente, às diversas causas responsáveis pelos desajustamentos infantis, é dever de quem se propõe a trabalhar para o perfeito equilíbrio que irá presidir o futuro da criança e da sociedade.

## SUMMARY

The Lady Dr. Lair Ximenes has presented her ideas in a thesis to obtain the degree of Social Assistant which is joined to the one of Bachelor of Law and Social Sciences.

After studying the causes of juvenile delinquency, she suggests the means for preventing same, assigning one part to the State, another to Education and a third to Social Service. She describes the individual causes, the family causes and the social causes and emphasizes the influence of each class of them giving immediately after that, advices as to the suitable prophylaxis.



## O ALCOOLISMO NA VIDA DO SOLDADO — INFLUÊNCIA SOBRE A SUA VIDA FÍSICA, MORAL E MILITAR

Conferência realizada pelo Dr. ANGELO GODINHO DOS SANTOS, coronel médico, chefe do Serviço de Saúde do Ministério da Aeronáutica.

Venho hoje falar-vos, meus jovens camaradas, de um grave problema, grave e momentoso a que de largo tempo se dedicam fervorosamente os que sonham a plena realização da vida útil na função perfeita da saúde física e na firme organização da consciência impecável e da moralidade impoluta.

Venho pedir-vos que zeleis em vós as virtudes cívicas do cidadão para garantirdes ao soldado a noção do dever e a capacidade integral de bem cumpri-lo.

Contando com a vossa atenção e boa vontade sou feliz de vos poder mostrar, com minudência e sem nenhuma fantasia, como esse vício triste e universal “o amor ao álcool” esboroa o vigor do indivíduo, dissolve as virtudes do cidadão, sacrifica as energias do soldado, roubando deste modo à família a tranquila segurança da sua subsistência, e à coletividade o braço forte que a enriqueça com o trabalho e a coragem santa que a saiba defender com o sangue.

Vereis no decorrer desta palestra, de um modo que até vos poderá surpreender, como essa despreocupação mal pensada, que leva a taça à boca na busca de um ilusório revigoramento ou de um falso conforto, trai e sacrifica.

No empenho de ser mais claro e, portanto, mais útil, dividirei metodicamente esta palestra em três partes: mostrando-vos na primeira a complexidade da vossa função no mundo, triplice entidade que sois de homem, cidadão e guerreiro; precisando na segunda parte, em linhas vivas mas não imaginosas, todos os malefícios do alcoolismo; para na terceira mostrar-vos em especial de que formidando aspecto de desolação e luto esses malefícios se vestem quando envenenam, dissolvem e aniquilam toda a beleza da vossa força e toda a grandiosidade da vossa função perante a família, perante a sociedade, perante a Pátria.

## PRIMEIRA PARTE

A generalidade dos homens, porque vos vê sempre uniformizados nessas vestes, atitudes e trabalhos de natureza militar, quase não vos compreende senão como criações exclusivas da providência nacional para defesa da honra e da integridade da Pátria.

Mutila deste modo a vossa vida, suprimindo dela esta parte tão grata ao sentimento, que viveis ao lado de mãe ou irmãs no tranquilo ambiente de um lar pobre e feliz, que vos descansa e conforta dos rijos afazeres da caserna.

Eu vos vejo, porem, entrar na porta esguia da casinha modesta, felizes de ter cumprido o vosso dever, para receber, com o repouso físico dos músculos fatigados, a branda consolação de uma palavra doce e de um carinho bom com que a gratidão da vossa mãe e das vossas irmãs vos precisa dizer a cada instante que lhes sois o amparo único na vida, a única mão desinteressada e sincera que lhes dá, feliz de poder fazê-lo, o teto e o pão.

E eu pressinto nitidamente como aquele torpor das energias trabalhadas, aquele sutil tremor de músculos fatigados, aquele sombrio estado da alma do cansaço com que entrastes, revivem, ressurgem e reflorece na ventura de vos sentirdes amados e de vos verdes benfeitores.

Sabeis porque tem tanta doçura esta cena de afeto e de cordialidade tão meiga?

Sabeis porque vossa mãe e vossas irmãs são assim felizes da vossa proteção e do vosso amparo e vós mesmos assim recompensados e bem-aventurados do amor e reconhecimento delas?

Porque da caserna saistes livres de pena, cumpristes lá o vosso dever e pudestes, portanto, trocar o vosso feitio de soldado disciplinado e bom, por essoutro de filho honesto e carinhoso.

Trabalhastes com as energias físicas e morais seguras e equilibradas; trabalhastes como homens sãos; trabalhastes como temperantes.

Mas se acaso ao sairdes da caserna, insistências malévolas de pernicioso companhia vos levassem à tasca e lá vos embriagassem, quão outro o aspecto das cenas que agora mesmo vos descreví!!!

Já não serieis o filho amante levando sorrisos para receber bençãos; já não serieis o irmão extremoso levando carinhos para receber beijos.

Serieis um corpo cambaleante e um espirito estonteado sem forças para o passo firme, sem boca para a boa palavra, sem coração para o bom afeto.

Serieis a monstruosidade de um filho esperado com dolorosa ansiedade e até com visões de terror.

Serieis, para vos dizer em uma palavra só, asquerosa e por toda a parte maldita, serieis um bêbedo.

Onde mais a doçura daquela recepção tão amigavel e tão boa? Onde mais a benção? Onde mais o beijo?

Mãe e irmãs fugiriam de vós, trêmulas, medrosas, e vós, vede bem, filhos ou irmãos, terieis desrespeitos para uns, agressões brutais para outros, quando vos pedissem pão ou quando vos exortassem ao respeito ou à moralidade.

E pobres delas se insistissem em vos falar dos benefícios de uma vida regrada e das torturas do vício; vós, vede bem, filhos ou irmãos, responderieis com as razões dos perdidos de coração ou dos bandidos; vós as esbordoarieis, depois abandoná-las desgrenhadas, desrespeitadas, lacrimosas, infelizes, à desordem do casebre revolvido e desmantelado.

Viverieis uma noite de misérias, e no outro dia, trôpegos, obtusos, não terieis a noção rudimentar dos vossos deveres. Terieis excusas para o trabalho, arrogância para os vossos camaradas, irreverências para os vossos superiores, até que a pena disciplinar vos contivesse maculando a vossa fé de officio e a vossa vida.

E se tornásseis à tasca, e se tornásseis à essa desgraçada ilusão de revigoramento e de alegria, essa mesma cena, desoladora e fatal, se repetiria cada dia e na caserna cada dia repeterieis faltas até que a necessidade vital da ordem e da disciplina vos expulsasse da vossa corporação como elementos perniciosos aos vossos camaradas e ao bom convívio.

Quando fôsseis incapazes de bem cumprir os vossos deveres de coração, quando fôsseis incorrigivelmente rebeldes à disciplina e à obediência, que seria de vós nessa tão nobre complexidade de deveres para com a sociedade e para com a Pátria?

Serieis, bem o sentis, a um só tempo essa triade funesta de um mau homem, mau cidadão, mau guerreiro, condenados a trilhar na vida a estrada curta e toda misérias que leva do calabouço ao manicômio.

Talvez é bem natural, não possais ainda compreender, porque de modo tão seguro e tão fatal o álcool esboroa todas as forças de um corpo, de um espirito, de um carater.

Atendei, porem, na ligeira explanação que doravante vos passo a fazer e tereis elucidado o fatal segredo de todas estas misérias.

## SEGUNDA PARTE

Nós somos um complexo de órgãos trabalhando continuamente na harmonia perfeita de uma engrenagem complicada.

Essa estranha sensação de fome e sede, essa necessidade de repouso que sutilmente nos emperra os membros e nos convida ao sono, essa branda expansão de peito que nos faz haurir a vida do ar que nos cerca, esse perene bater de coração que nos aquece, tudo isso é a expressão terminal do trabalho secreto de uma dezena de órgãos que se auxiliam e se protegem.

TEMPERANTES, nós teremos sempre numa periodicidade muito regular a necessidade do alimento, que é, nada mais nada menos, que o combustível dessa máquina intrincada que nos mantém a vida, e depois do esforço muscular do trabalho sentiremos a necessidade do repouso para a restauração dos elementos que se gastaram na vigília.

Esse funcionar metódico e fecundo que nos faz alegres e nos instila silenciosamente o amor à vida pelo gozo de viver é singelamente a saúde perfeita.

Vêde agora como se transformam, como se alteram, como se anulam e desengrenam todos os órgãos, todos os elementos da vida à ação implacável desse veneno terrível que em hora malsinada a humanidade conheceu.

### O CORAÇÃO

esse tão misterioso centro da vida, em que de todo o tempo a poesia guardou as doçuras do afeto, as alvoradas do amor e até os crepúsculos da tristeza, centro do sentimento, porque nenhum outro órgão reflete tão pronta e vivamente os desequilíbrios emocionais, bem o sabeis, é o pródigo distribuidor das forças e da vida mesma, levada pelo sangue a todos os recantos do nosso corpo, aos escaninhos de todos os tecidos.

São, ele é integralmente este órgão benfazejo, firme, forte, todo músculo, toda energia, proporcionado às contingências do seu esforçado trabalho.

É bem justamente como o viajor incansável e feliz que leva a toda a parte deste mundo que é o nosso corpo a animação e a alegria.

Bate regular, seguro no peito; propela o sangue sem desfalecimentos, sem sobressaltos e assim mantém contínua a nutrição de todos os tecidos de que a saúde é a expressão maior.

Aquí o tendes neste modelo eloquente. Comparai-o agora ao coração do bêbedo que o álcool invalidou.

Falta a este, bem o sentis, o vigor daquela musculatura indispensável ao seu trabalho de todo o instante.

As suas fibras musculares enfraqueceram, trocando os seus elementos ativos pela gordura frouxa, inativa, inútil.

Todo o órgão como que amolece, e a sua função, centro da vida, entorpece-se, irregulariza-se, claudica.

Propelir o sangue é já trabalho superior às suas forças, e, sem essa tranquila segurança de boa função, ele estremece, retarda-se num minuto, para logo precipitar-se desordenado, descompassado, inquieto, no mais lamentável desperdício de energia e de vida.

Compreendereis que o sangue, vector da nutrição e da saúde já não chegará, assim impulsionado, senão sem regularidade, sem pontualidade e sem bastança à intimidade dos tecidos que o esperam na ansia de viver, o que vale dizer que todos os mais órgãos passam também a sofrer por mal nutridos.

Quereis exemplo? Vede comigo o CÉREBRO.

Bem sabeis que este órgão é a razão de ser dessa insofismável superioridade que nos garante para sempre o cetro de rei dos animais.

Órgão do pensamento, desse pensamento maravilhoso que nos revela todas as belezas da natureza e nos ensina todos os meios de gozá-las; que trabalha os versos dos grandes poetas como os planos dos grandes guerreiros; que nos dá a noção nitida da vida e do mundo, que nos faz compreender os homens e respeitar as suas leis; que nos permite, nesse respeito, compreender os benefícios da moral; centro gerador de todos os progressos do homem, de toda essa brilhante civilização que tanto nos orgulha — só é, no entanto, esse fecundo segredo de venturas, quando trabalha perfeito e vigoroso, equilibrado e tranquilo.

Essa discritível complicação de elementos que laboram nele para a floração suprema do pensamento e da consciência é a razão mesma da sua fragilidade às causas perturbadoras, às emoções e aos venenos, e bem sabeis quão difícil é ainda hoje às luzes da ciência, tão cheia de progressos brilhantes, restaurar ou corrigir desregramentos ou doenças dessa tão nobre e tão pequena porção da substância humana.

Pois o álcool é para ele um dos venenos de mais pronto e mais seguro efeito.

O quadro só da embriaguez já o demonstra com rara eloquência: o homem pensado e calmo, lúcido e generoso, torna-se em um minuto desorientado, agressivo ou ridiculamente taciturno e alegre. As palavras se desconcertam, as idéias se baralham, a noção rudimentar do respeito e da moralidade desaparece, tudo no descompasso de uma desordem que é perfeitamente igual à uma loucura curta. Blasfema-se, agride-se, mata-se, chorando ou rindo, imprecando ou gemendo.

E assim influenciado o cérebro normal se poderá transformar, facilmente compreendereis, no cérebro inválido que qualquer desses pequenos abalos emocionais que nos enchem a vida, uma alegria súbita, uma tristeza funda, uma explo-

são de cólera — arrastam a expansões insólitas, a desregramentos assustadores, a ferocidades descabidas, porque ele já não se pode conter nos bons limites do bem sentir e do bem reagir. E trabalhando assim por tais desordens, em breve poderá ser até o criador incurável dessas visões de pavor, alucinações e ilusões, que constituem nos manicômios talvez a mais triste súpula das misérias humanas.

— Vede agora o FÍGADO —

\* esse órgão discreto e benfeitor, que toma a si valiosíssima parte no trabalho de nos proteger contra os venenos e de nos dar o completo proveito da nossa íntima nutrição.

São, ele tem forma, volume, constituição plenamente adequados às contingências do seu esforçado trabalho, como vedes neste modelo.

É plástico, bem irrigado de sangue, ativo, incansável, mourejando silenciosamente na grande obra da saúde.

Vêde-o agora no bêbedo. Aqui o tendes neste quadro eloquente:

Aquele aspecto luzidio e tão eloquente da farta e regular irrigação sanguínea substituiu-se por esse despolido, manchado, em desordem, que aqui está; e aquela plasticidade, tão própria ao bom funcionamento, desapareceu por completo.

O fígado já não poderá proteger contra venenos, porque ele próprio está envenenado; e assim não só decaem as resistências, filhas da boa nutrição, contra essas tão profusas causas de doenças, como ainda, num círculo vicioso de tristes consequências, a própria nutrição se ressentida e se perturba.

Não é de menor eloquência o quadro das perturbações que o ESTÔMAGO exemplifica:

Da importância deste órgão eu nem precisaria vos falar porque a sua influência na nutrição, na saúde e na vida está ao alcance de todos os raciocínios e, por assim dizer, ao alcance de todos os olhos.

É ele, bem o sabeis, que de fato converte, no trabalho da digestão, essa complexa mistura de coisas que ingerimos nos elementos realmente aproveitáveis à nossa íntima nutrição.

Vós todos mesmos conheceis o que é para a nossa existência o estômago que funciona bem, e a delícia de uma digestão perfeita, tranquila, silenciosa, completa, só a conhece quem acaso alguma vez já padeceu esses mil e um pequenos incômodos que chegam a criar o tédio da vida, quando os alimentos estagnam no estômago e este os repele obstinado ou eles fermentam e pesam no decurso angustioso de horas prolongadas.

Vede aberto o estômago são: mucosa lisa, brilhante, de irrigação sanguínea fartamente distribuída.

Vede-o agora no bêbedo: a mucosa está despolida nessa grande erosão, e em grande parte a rede vascular preposta à nutrição do órgão está túrgida, congestionada numa violenta reação contra a pertinaz irritação do álcool.

Demais toda a mucosa se enrugou como que para se diminuir à ação maléfica do veneno terrível.

E da inflamação crônica que aí se instala resulta camada sensível de catarro que, por assim dizer, isola completamente os alimentos ingeridos da ação fisiológica-digestiva dos sucos que o órgão deverá secretar.

O estômago do alcoologista é, portanto, um órgão perdido. Dói, não pode mais cumprir o seu dever inflexível de bem digerir, e ora repele os alimentos nessa desordem angustiosa do vômito, ora deixa-o passar quase nada digerido ao intestino, onde ninguém supre a sua função.

Da intolerância gástrica dos bêbedos é clássico exemplo, de todos conhecido, o vômito matinal de pituitas.

Eu poderia esmiuçar muito mais, senhores, revolver com detalhes todas as perturbações de que sumariamente vos falei, e a este rol de órgãos que vos mostrei doentes, acrescentar muitos mais, porque, em verdade, o organismo inteiro, da função mais nobre à mais profunda partícula, sofre, se desorganiza à ação implacável desse tóxico terrível que em hora malsinada a humanidade conheceu.

Poderia falar-vos de músculos, de nervos, de glândulas, descer à minudência de vos mostrar como nos vasos sanguíneos e em todos os órgãos a lesão fatídica se instala, insidiosa, traidora.

Mas todas as minudências de ordem técnica, meramente médicas, de que vos falasse, não fariam senão talvez complicar esta exposição que eu intencionalmente quero simples para ser clara e compreendida.

Vistes, meus camaradas, como no corpo do bêbedo órgãos essenciais à vida, como os de que vos falei, perturbam-se na sua nutrição, na sua estrutura, no seu trabalho funcional a ponto de arrastar entre misérias e entre dores uma função penosa, que, aliás, deverá ser silenciosa e tranqüila.

Imaginal agora se um organismo assim reduzido à triste contingência de mal viver entre sofrimentos poderá ter jamais as sobras da saúde e do vigor para a alegria feliz de bem viver e para o dever sagrado de bem estar?

Que dizer, pois, desses conceitos supremos da vida, do amor da Pátria, da honestidade, da honra, do amor da família?

Sim, porque, por menos que pareça a alguns, o nosso modo de pensar, o nosso modo de sentir e de agir não tem outro determinismo para fora desta mesma engrenagem

material de órgãos que trabalham à custa dos alimentos que ingerimos.

Que sorte poderá ter, portanto, um organismo assim estiolado, com tão reduzida capacidade funcional?

No lar será, por certo, a tortura de mil achaques, a inapetência, a insônia, sombreando o quadro mental do torpor, da irritabilidade, da desatenção, da desmemória, da inconsistência de sentimentos, da imprestabilidade em suma para a proteção e defesa da família, para o consolo de um convívio tranquilo.

E isto mesmo quando ainda for possível a um resto de energias manter tolerável o convívio da família e da sociedade, e quando ainda for possível para viver com elas o trabalho, mesmo precário, na oficina ou na caserna.

Nas ruas, será o corpo trôpego, definhado, arrastando-se pensosamente, com tristeza nos olhos e indecisão nos passos, como se fora um extraviado da vida a quem a alegria comunicativa dos transeuntes, a beleza gritante da arte e da natureza, são como visões esbatidas, incompreendidas, não gozadas ou esquecidas.

Na vida, será valetudinário que a alegria, a tristeza, qualquer emoção em suma levam ao delírio, arrastam ao calabouço ou ao manicômio.

E no manicômio, tereis esse desgraçado doente, trêmulo, alucinado, agredindo árvores e portais, gradis e companheiros na persuasão apavorante de que são inimigos fantásticos, monstruosos que o querem assassinar com a mais assombrosa ferocidade; ou o pobre doente a gritar assustadoramente e se maltratando e se depilando e se prendendo à visão implacável de ratos, gatos ou serpentes vorazes, que o roem, que o mutilam, que ensanguentam, ou de mil e um insetos asquerosos, nojentíssimos que lhe invadem olhos, narinas, boca, a despeito de toda a violência da defesa ou da força das precauções.

Quadro trágico, de triste miséria, de infinita tristeza esse em que ninguém o escuta, ninguém o socorre, ninguém o alivia, porque todo o sofrimento das visões pavorosas não é senão uma criação do cérebro envenenado.

O ambiente que o cerca é tranquilo, é suave, é bom, e todos que o veem não sentem por ele senão simpatia e compaixão.

Ainda bem, Senhores, se esse desgraçado guardou consigo até a invalidez ou até a morte os efeitos fatais do grande veneno.

Feliz já não direi ele próprio, porque lhe faltaria consciência para essa noção.

Feliz a sociedade em que ele viveu, a Pátria a que ele desserviu se ele jamais se lembrou ou jamais pode tomar as tão graves responsabilidades de uma união conjugal.

Esse é talvez o mais triste e desgraçadamente o mais imperioso malefício de todos que promove o álcool.

Ele estigmatiza, condena, infelicita uma descendência inteira.

Crêde que não há exagero na sombria eloquência desses quadros. Representam adolescentes para quem a vida deverá desabrochar entre esperanças e alegrias.

Indivíduos de uma sociedade, membros de uma grande comunhão, a Pátria deverá esperá-los como uteis cidadãos a quem ela pudesse dar o usufruto da liberdade e o gozo de uma civilização adiantada em troca do tributo que teria de pedir às suas energias físicas, ao seu equilíbrio intelectual, à sua firmeza moral, à sua coragem e ao seu civismo, quando ela precisasse de defesa invencível e inflamada para o seu progresso, à sua independência, à sua grandeza e à sua honra porventura ameaçados ou agredidos.

E no entanto são indiferentes à vida, alheios a tudo que os cerca, sem noção exata do meio ou de si próprios, nunca logrando a mais rudimentar aptidão para quaisquer simples trabalhos, e estereis e inúteis serão assim como que espectros de homens de que os homens se precisarão compadecer.

Reparai-lhes a expressão fisionômica, a desarmonia de linhas, o grotesco ou o atônico das atitudes, são monstros físicos e morais que mais felizes, por certo, teriam sido se houvessem, como tantos outros seus iguais, caído ao primeiro sopro da vida.

Punidos pelo mal supremo de nascerem imbecis, idiotas, punidos pela falta paterna e por toda a vida estigmatizados por ela própria, essa misera condição eles a devem à irresponsabilidade, à deshumanidade de um pai bêbedo.

Aí tendes o que são os filhos dos alcoolistas quando milagrosamente conseguem transpor os marcos primeiros da existência.

### TERCEIRA PARTE

Da pálida dissertação que até agora vos venho fazendo já deveis ter sentido como se encorpa, cresce e se ensombra o quadro do alcoolismo se ele emoldura a tão nobre, desprendida e brilhante profissão a que dedicais, o mais forte das vossas energias, o mais puro das vossas almas.

Imaginai essa hipótese tão simples e já hoje tão facil de uma agressão aos brios de uma nação.

A civilização mesma com suas mil e uma exigências, as contingências da vida dos povos honrada e livre, esse entrechoque de implacáveis interesses vitais, interesses da própria subsistência pelo comércio e pela indústria, esse emaranhado, esse complexo de contingências e susceptibilidades, de embaraços e aspirações, que constituem a exis-

tência mesma das nações, é tão nítida e perene ameaça à tranquilidade delas, que já se não as compreende hoje respeitadas e felizes, sem o amparo decidido da força, o absoluto domínio dos seus ares, a intérmina fileira de soldados aguerridos ou a renque fumarenta dos "dreadnoughts" formidáveis.

Eis a plena contingência da guerra.

A ansiedade, a angústia, o pudor de um povo inteiro se voltam então para o soldado.

Disciplinado e forte, o soldado poderá atender a este apelo supremo feito aos seus bríos e à sua honra, e dos campos de batalha tornará ao coração da sua Pátria para lhe dizer que ela continuará a viver ainda forte, digna e respeitada porque ele poud e soube cumprir o seu dever.

Disciplinado e forte, o soldado saberá se opor a que o solo bendito da Pátria seja profanado pelo inimigo, como barreira intransponível de encontro à qual, vencidos, se abaterão todos aqueles que ousarem atentar contra a soberania ou a integridade do seu país.

Mas para isso, para ser possível a convicção desse dever é indispensável que ele se imunize contra esse vício maldito, que tanto avilta e degrada a criatura humana, e creia com fé inabalável e funda convicção na imortalidade da sua Pátria e na onipotência de Deus, pois que o tipo integral do bom soldado só pode ser feito de saúde, inteligência e moralidade.

Saude, que o álcool esboroa, Inteligência, que o álcool opacifica. Moralidade, que o álcool corrompe.

Bebeis?

Sereis moralmente mortos e condenados a trilhar na vida a estrada curta e toda misérias que leva do calabouço ao manicômio ou ao hospital.

As vossas energias físicas e morais combalidas, deturpadas, perderão essa segurança de ânimo e forte serenidade, segredos da vitória, que acendem o entusiasmo sagrado e animam a temeridade e o heroísmo ante hostes inimigas.

Ao primeiro embate com o adversário, em pleno campo de batalha, fugireis acovardados em pânico se antes não cairdes sem a glória de ter sabido resistir, sem a honra suprema de ter sabido lutar.

Sereis doentios, sereis fracos, sereis pusilânimes e desiguais; fugireis ao trabalho ou o executareis precariamente; sereis indignos da confiança dos vossos superiores, maus soldados na caserna, maus guerreiros no campo de batalha.

Na paz, não cumprireis os vossos deveres. Na guerra, faltando a eles, tomareis à vossa consciência e à vossa honra uma parte sensível dos sofrimentos da vossa Pátria, que poderão ir do ultrage ao desmembramento.

E sereis criminosos, porque vos deixastes ser depositários de uma confiança que não merecíeis, guardas de um tesouro que não podíeis defender.

E sereis traidores, isto que, — mancha suprema na vida moral do homem, — é o mais nefando crime na missão do soldado.

Sois temperantes?

Tereis forças para a árdua missão do vosso ofício sagrado. Compreendereis a disciplina e respeita-la-eis.

Na paz, sereis obedientes. Para a guerra, levando a noção altanada de que ides cumprir o supremo dever da vossa vida, sereis fortes pela confiança em vós mesmos e pela confiança dos vossos superiores.

Sabereis lutar. Vencereis.

Tornando da guerra, se não trouxerdes o galardão, entre todos glorioso, da heroicidade, sereis os bravos filhos de uma Pátria feliz, em cuja história brilharão, em letras doiro os feitos em que colaborastes, as batalhas em que vencestes, pela honra do vosso nome, pela vida do vosso país.

Tereis louros. Tereis palmas. Tereis bençãos. Tereis a imortalidade.

Nenhum homem medianamente sensato, mediocremente inteligente, vacilaria na escolha entre estas duas condições.

Eu não venho, portanto, vò-la propor, a vós que tão nitidamente, tão brilhantemente tendes afirmado lúcido espírito e tão acendradas virtudes cívicas, a vós que estou certo sabereis ser dignos filhos da nossa Pátria querida.

Mas eu não quero, vos desenhando tão minudentemente essa tão eloquente comparação, senão dizer-vos, repetir-vos:

Que a intemperança, de tão tristes e tão gerais efeitos, não é sempre o vezo mórbido de organizações estigmatizadas de origem.

Não. Ela é às mais das vezes aprendida no mau convívio e educada na tasca.

E nesta época que estamos, de um mercantilismo cruel e de um mercenarismo sem alma, em que uma raça de bárbaros, despojada de todos os sentimentos humanos, tudo destrói, tudo aniquila, tudo desfaz, na ansia selvagem de matar, avassalados pela sede insaciável da conquista mesquinha e indigna, trucidando crianças e inválidos, mulheres e velhos com a mais assombrosa ferocidade, parecendo que o homem retrocedeu ao seu estado de besta primitiva, por terra abatendo toda essa brilhante civilização que somente em séculos poude a humanidade conseguir, transformando em vasto cinerário cidades indefesas, é crime revoltante e negro não se cultivar os são princípios que os povos engrandecem, opondo à parte da humanidade que apodreceu, aos

seus desmandos e aos seus desatinos, a invencível resistência que a defesa das causas justas faz brotar no seio da coletividades sãs.

Soldados da minha Pátria, contemplai esse quadro medonho, indescritível, da infeliz Europa escravizada e devastada a despeito da heroicidade inigualável de muitos dos seus filhos.

Aquí, são disformes cadáveres de inocentes crianças, cujas mãos postas, última posição que os estertores da medonha agonia conservaram, parecem pedir aos céus vingança e punição contra as feras que as vitimaram. Ali, são mães extremosas, esposas amantíssimas, alucinadas de dor, que riem loucas sobre cadáveres de esposos queridos, filhos idolatrados, covardemente assassinados. Acolá, são lares que se desmoronaram, de onde a felicidade para sempre fugiu, expulsa pela ferocidade bestial dos invasores que não trepidaram em sacrificar a dignidade dessas mulheres santas, que acima de tudo colocavam a sua honra e que mil vezes, por certo, prefeririam a morte e que, no entanto, sentem em suas entranhas o fruto da animalidade desenfreada dos covardes déspotas.

Leio em vossos semblantes o que vos vai nalma, a impressão que de vós se apoderou ante a evocação desse medonho quadro que vos acabo de expor:

No tremor sutil dos vossos lábios, nos traços decompostos das vossas fisionomias, na palidez dos vossos semblantes, eu leio a emoção que vos domina e nela o protesto, o juramento sublime de que no solo sagrado da nossa Pátria o invasor penetrará só quando não mais um filho do Brasil exista em condições de o defender.

É imprecindível, portanto, que com ardor nos preparemos para quando nos for proporcionada a ventura suprema de com o nosso sangue e a nossa vida defendermos a nossa Pátria, nos possamos mostrar dignos depositários dos nomes gloriosos dos nossos antepassados, que tão bem souberam morrer no campo da honra em sua defesa.

Impassíveis, apáticos, alheados a toda essa selvageria, que tão fundo fere a dignidade humana, comodamente surdos aos gemidos desses heróis sublimes, que como titãs, ainda se batem entre os escombros queridos das Pátrias idolatradas, aos brados de incontida revolta da civilização asfíxiada por esse horda de degenerados, é que não podíamos nesta grave hora permanecer, e graças a Deus não permanecemos.

Sintamos orgulho da atitude que a nossa Pátria assumiu em tão grave conjuntura, pois que o gesto do insigne brasileiro que os nossos destinos dirige — de pé o Brasil colocando — é daqueles que por si sós immortalizam um homem e à posteridade recomendam um povo, pois com ele foi escrita, em letras doiro, a página mais fulgurante da história da nossa vida de povo independente, valoroso e são, que dirá à

posteridade que foi de pé, altiva e digna que a nossa Pátria ao mundo se apresentou nesta triste hora que a humanidade está vivendo, e não na atitude comodista dos insinceros que até de joelhos ficam para se não arriscar.

E se nas batalhas o comando tudo é, para o lado e ao desprezo as fraquezas e as vacilações, pois o Onipotente já nos predestinou à vitória, dando-nos para chefe Getúlio Vargas.

Prólongo-me demasiado. Urge terminar, mas antes de o fazer quero ainda vos dizer que por menos que vos pareça, não vos esqueçais nunca que do primeiro trago na taverna esconsa, ao último sofrimento no hospital, no cárcere ou no manicômio, não há senão um declive, traidor, fatal.

E fugi do bêbedo, desmenti-lhe com ardor, com sinceridade, com a mais funda convicção, todos os pretextos futeis, mentirosos, in consequentes, tão mal pensados e vãos com que ele se deixou viciar e vos procura corromper.

E se acaso vos faltarem como argumentos as reminiscências desta nossa palestra, à evocação de todas as verdades que eu aqui vos disse, apegai-vos a esta razão suprema — que não deveis, que não podereis jamais esquecer:

SÓ O SOLDADO TEMPERANTE PODE SER DISCIPLINADO, RESISTENTE E BRAVO.

#### SUMMARY

The medical Colonel Dr. Angelo Godinho dos Santos, the chief of the Health Service of the Ministry of Aeronautics, delivered a lecture during the *Antialcoholic Week* on the subject "Alcohol in the life of the Soldier; its influence on the physical, moral, and military life". The author analysed the Great dangers which alcohol causes in the human organism, mentioning the weakening of muscular fibres of the heart, the softening of the brain, degenerition of the liver, the digestive perturbations due to the irritation of the gastric mucous membrane, the disorders of nutrition, the want of appetite, insomnia, the irritability, etc. He drew a moral picture of the drunkard, the weakness of his character, his lack of sentiments.

He said that in war-time the whole attention of the country is directed to the Soldier; the latter must be trained to discipline and be strong; but the man who gets drunk, cannot be a good Soldier. The victim of alcoholism avoids to fulfil his duty. He may become a traitor, a coward, a criminal. He makes an appeal to the soldier to eschew alcohol; and mits a crime while drunk and who is then acquitted, should specialist of psychiatry. The campaing against alcoholism should begin in the schools and be continued at home.

## COMBATE AO ALCOOLISMO

Pela D.<sup>ra</sup> JUANA LOPES (\*)

Senhores ouvintes:

Na complexidade da vida contemporânea, múltiplos são os fatores que contribuem para dar a este momento a feição mais grave de todos os períodos da História humana.

Longe de nós a intenção de estudar tais fatores nem mesmo enumerá-los. Existe, no entanto, um, sobre o qual sinto-me à vontade e mesmo impelida por diversas razões, a tratá-lo neste microfone. É o álcool bebida.

Como sabem os senhores ouvintes, começou ontem a trigésima semana anti-alcoólica no Brasil, destinada à maior divulgação dos preceitos e conselhos de temperança.

São duas Sociedades de responsabilidade científica e social, que promovem, de mãos dadas, e como nos anos anteriores o movimento de saúde e de progresso.

São a Liga Brasileira de Higiene Mental cujo presidente é o professor Henrique Roxo, e a União Brasileira Pró-Temperança a cuja frente está a incansável lutadora D. Jerônima de Mesquita.

Não visamos nesta palestra entrar em pormenores da vida do alcoolatra na rua, no hospital, no cárcere, onde estiola sua vida mal vivida longe da sociedade e da família; nada direi ainda dessa legião de infelizes que constituem a descendência do alcoolatra. Se a quaisquer desses enunciados nos referíssemos mesmo brevemente, haveríamos de esgotar todos os minutos que tão amavelmente nesta hora de assuntos transbordantes de sensacionalismo, nos cede esta possante estação.

Assim, pois, seja-nos permitido encarar o alcoolismo tão somente sob o prisma da guerra mundial.

Haverá alguém que possa achar extemporâneo o assunto?

Certamente não pensam assim grandes cérebros, grandes higienistas de todos os países, nem os que, organizam a

(\*) Palestra lida ao microfone da Rádio Transmissora, na Semana Anti-alcoólica.

Alcoolismo hoje  
o prisma da  
guerra  
mundial

defesa do solo pátrio, nem os grandes industriais, que calculam matematicamente a produção, e sabem que o operário amante do álcool produz pouco e mal.

Assim pensa Henry Ford, de cujos prodígios industriais tanto o mundo civilizado espera, e assim age não admitindo nas suas oficinas, operários que não sejam absolutamente abstêmios.

A era de perfeição mecânica que atravessamos não dispensa a perfeição do homem. Máquina e homem se confundem, se completam, para uma fantástica produção.

Os sentidos, em especial a atenção, são utilizados em maravilhosa conjugação com as máquinas e... ai... se uma peça falhar, se uma distração surgir, ou uma reação demorar.

Poderá um trem ser conduzido por um homem alcoolizado? Um automovel estará livre de acidentes se quem o guia não está perfeitamente lúcido? E os aviões? Quantos acidentes se deram devidos a ingestões alcoólicas, momentos antes de levantar o vôo!

Pode deliberar com perfeição e segurança um comandante alcoolizado? Pode obedecer e agir com firmeza e responsabilidade o soldado atordoado pelo álcool?

Terminada uma batalha já ouvistes, já lestes, ou já presenciastes, qual a atitude que tomam os soldados que se embriagam para festejar suas vitórias, degenerando em saques e violências suas alegrias militares?

Pode haver nobreza num caráter que perde toda a subtileza de percepção e de reação, mostrando o que de animalesco encerra o ser humano quando descontrolado e desenfreado?

E... em matéria de guerra, matar, morrer, construir material bélico, não é tudo. Deliberar, orientar, educar o cidadão ensinando-lhe os deveres e obrigações, ter uma supervisão dos acontecimentos fazem parte das atividades muito antecipadas de qualquer guerra, e tudo isto exige integridade mental e moral permanente dos dirigentes e dirigidos.

Certamente só pode gozar destes privilégios o individuo abstêmio.

Ainda e sempre dentro deste círculo de álcool e guerra, lembremos que as consequências da guerra atual estão sendo impiedosas, que atingem a sociedade inteira, sendo as crianças as maiores vítimas.

No nosso país felizmente, graças ao tino de seus governantes, nada falta; porem, na própria Norte América, os gêneros de primeira necessidade, começando pelo leite, são racionados.

O leite existe, porem não há gasolina para transportá-lo; o açúcar é caríssimo e assim outros gêneros.

Só não é racionado o whisky, de que existia em dezembro de 1941, armazenado num cais, 511.000.000 de galões, o que dá para o consumo durante cinco anos. Em meio desse absurdo uma voz autorizada, a do senador Arthur Capper, se levantou em maio deste ano para pedir "racionamento do whisky".

Surpreender-vos-á, certamente, se vos dissermos que são do general Petain estas frases: "Nossos soldados estavam bêbedos e não poderiam lutar desde a 1.<sup>a</sup> grande guerra mundial. O espírito de prazer, vivendo displicentes e bebendo, prevalecia sobre o espírito de sacrificio".

Um *verdictum* governamental dizia que "o álcool foi a principal causa do colapso do exército francês".

Na verdade a França é o país cuja média de álcool bebida era a mais alta entre todos os outros países.

Se continuássemos esse amargo capítulo, seriam inúmeras as verdades dolorosas com relação ao álcool.

Para terminar, queremos fazer um breve comentário a uma frase do professor Roxo, que nos mostra não serem inúteis os esforços da educação anti-alcoólica.

Disse ele que atualmente o número de alcoolistas tem diminuído, tanto assim que tem tido dificuldade de ilustrar suas aulas sobre alcoolismo, por falta de doentes.

Sem discordar, e muito menos duvidar desta afirmação, nos animaremos apenas a acrescentar que se felizmente o fato é real, é também real o aumento dos bebedores elegantes. São as moças a usarem cock-tails, whisky ou licores com familiaridade alarmante.

É elegante, é "chic" (segundo elas). Os homens do champanhe e do whisky não são os que se apresentam nas aulas de psiquiatria, senão, o professor Roxo teria a ilustrá-las uma legião.

Lutemos, o flagelo é maior do que parece, seus efeitos sociais alarmantes e os econômicos facilmente demonstráveis, e, sobretudo, o individuo humano vai ribanceira abaixo, num desmoronamento inevitável se não se opõe ao terrível vício um dique salvador.

Senhoras que me ouvis: se concordais com estas verdades e quiserdes colaborar na nossa patriótica missão de anti-alcoolismo, vindes procurar-nos e trazei o vosso esforço em prol desta campanha de saúde, à Avenida Rio Branco, n.º 111, 6.º andar-sala 614, na UNIÃO BRASILEIRA PRÓ-TEMPERANÇA.

Precisamos de senhoras de boa vontade e consciência esclarecida para continuar nosso trilha e chegarmos ao ideal de uma humanidade abstêmia.

## SUMMARY

In a chat through the Radio during the *Anti-alcoholic week* the lady Dr. Juana Lopes tackled the problem of alcoholism in connection with the world-war, showing that all forces should be jaimed for the collective interests and in consequence one may not intrust posts that imply responsibility to individual who drink. She said that at the present moment when various goods of first necessity are "rationed", one does not understand why only whisky is no rationed also, seing that in December 1941 there existed in the United States of America more than 500 million gallons of this drink in warehouses. After treating of various other aspects of alcoholism, the speaker winds up by appealing to all ladies asking them to enlist in the legion of those who fight against this terrible plagne.



## MALEFÍCIOS DO ÁLCOOL

Pelo Dr. ODILON GALLOTTI

O álcool é, sem dúvida, um dos maiores fatores de degradação física e moral do homem. Causa mais estragos que os três flagelos históricos: a fome, a peste e a guerra; dizima mais que a fome, rouba mais vidas que a guerra e gera a deshonra.

Enfraquece a resistência do corpo, altera a saúde, arruina o estômago, o fígado, o coração e as artérias, perturba a nutrição, favorece o aparecimento da tuberculose pulmonar e de doenças nervosas e mentais, embotando a inteligência, a afetividade e a vontade. Prejudica não só o indivíduo que dele usa ou abusa, mas também os seus descendentes, até a terceira geração.

O álcool, ingerido pela gestante, passa para o sangue do feto e impregna os tecidos e os órgãos deste. Ingerido pela nutriz, passa para o leite e vai envenenar o lactente.

A amamentação ao seio por mulheres que se alcoolizam é não raro um verdadeiro assassinio lento.

Grande erro cometem os pais que, julgando favorecerem o crescimento dos filhos, lhes fornecem bebidas alcoólicas, pois inconscientemente ocasionam a ruína física e moral de seus descendentes e a degeneração da raça.

É uma ilusão pensar que somente sofrem os malefícios do álcool os que se embriagam, porquanto o seu uso habitual embora em doses moderadas, é daninho. Já a ingestão cotidiana de quantidades relativamente pequenas determina o alcoolismo crônico, que aos poucos se vai constituindo.

A ação nociva das bebidas espirituosas é tanto maior quanto mais elevada é sua percentagem alcoólica. Se o álcool é venenoso, mais ainda o são os licores e aperitivos preparados com essências de absinto, funcho, angustura, coentro, badiana, aniz e outras. Todas são dotadas de variadas propriedades tóxicas e acrescentam seus inconvenientes aos do álcool.

Atribuem-se ao álcool algumas virtudes, que ele de fato não possui. É frequente qualificá-lo de bom alimento. Se é verdade que o álcool queima no organismo, a este forne-

cendo calorias, não o é menos que o danifica. O álcool é, quando muito, um mau alimento, um alimento prejudicial.

É mero engano crer que o álcool seja estimulante da força muscular, engano que provem do efeito inibitório desse tóxico sobre os centros nervosos, fazendo momentaneamente desaparecer o sentimento de fadiga e até de sensação de fome.

Investigações recentes mostraram que nos trabalhos apurados que exigem a atividade delicada do sistema neuromuscular, o álcool, mesmo em doses fracas, diminui a eficiência do resultado. A atividade psíquica é muito desfavoravelmente influenciada pela ação do álcool: enfraquecem-se as sensações, retardam-se as percepções e a inteligência deprime-se, efeitos estes precedidos de transitório período de estimulação. É falsa a opinião, muito difundida, de que o uso de bebidas alcoólicas às refeições é útil, por facilitar a digestão. Essas bebidas, ao contrário, entram e retardam a secreção da pepsina, fermento indispensável para a digestão gástrica. Já numa diluição de 4% o álcool exerce essa ação prejudicial.

Acredita-se geralmente que a ingestão do álcool representa ótimo meio de defesa contra o frio e muitos a ele recorrem quando estão ou estiverem expostos ao frio e à umidade. É que à sua ingestão se segue uma sensação de calor, a qual, porém, não resulta de aumento real da temperatura do corpo, e sim apenas da dilatação dos vasos sanguíneos da pele. Se o álcool fosse, com efeito, um bom meio de proteção contra o frio, não aconteceria tão frequentemente nos países muito frios morrerem de resfriamento ébrios que de noite adormecem ao relento.

O álcool é indubitavelmente um dos maiores fatores de loucura e de criminalidade.

Em 1935, 11,2% das primeiras internações em hospitais para doenças mentais nos Estados Unidos tiveram por causa o alcoolismo. Cerca de 12% das admissões no Hospital Psiquiátrico da Praia Vermelha são motivadas por perturbações nervosas e mentais de origem alcoólica. Mas se atentarmos ao fato de que muitos idiotas, imbecis e epiléticos devem o seu infortúnio ao alcoolismo dos genitores, a percentagem das vítimas do álcool recolhidas a esse nosocômio é bem mais elevada.

O álcool favorece a criminalidade, porque desregra a atividade mental, desconcerta o julgamento, anula a energia moral necessária para resistirmos aos instintos perversos, às paixões brutais; em suma, diminui o domínio de nós mesmos.

Julgo serem as poucas palavras que acabo de proferir, suficientes para convencer de que o álcool não é um bom alimento e sim um veneno traiçoeiro, cujo uso diário, ainda que em quantidades moderadas, prejudica o organismo.

## SUMMARY

Dr. Odilon Gallotti speaking on the harm done by alcohol, says that it affects the organism, the brain, the feelings and moral of the individual. Alcohol is harmful not only to individuals, but also to his progeny down to the 3rd generation. It is one of the greatest, factors of insanity and criminality. It is a poison which causes disorder in the mental activity, upsets the judgment, annuls the moral energy needed for resisting the bad instincts, and brutal passions; to sum up: it weakens our mastery of ourselves.



## COMPREENDA A SUA TIMIDEZ

Pelo Dr. HEITOR PÉRES

Livre-Docente da Universidade do Brasil.  
Chefe do Serviço de Higiene Mental do  
S.N.D.M.

Em todas as oportunidades em que me é dado falar sobre o alcoolismo, acentuo, sempre, que nada vale referir e enumerar, com cores vivas, mais ou menos trágicas e sombrias, as consequências de tal vício para o indivíduo, para a sociedade e para a raça. Penso que não é acertado falar contra o álcool, pois para alguns espíritos — originalmente curiosos e paradoxais — o proibido é que é bom; há criaturas que tendem para o exótico, para o raro e para o perigoso. São os caçadores de emoções — na sua maioria homens e mulheres que procuram encher o vazio sentimental que lhes forma o cerne da personalidade anestésica com as palpitações e as vivências vibrantes da ebriedade. São os simuladores de alegria. São os cabotinos da audácia e da coragem. No fundo, fracos que querem parecer fortes, para viverem uma existência estrepitosa, sem objetivo, intencionalmente improdutivo. Esses são os que, em maior número, se incumbem de demonstrar o quanto é perigosa e inútil a tarefa dos que combatem os vícios sociais — aqui no nosso caso o abuso do álcool — transformando-os em *tabús*, em *bichos papões* e *lobishomens*. Não, esta técnica, continuo a acentuar, é velha, antiquada, improficua e anti-psicológica. Nunca a adotei e aconselho — aos que me ouvem e aos interessados numa sociedade mais temperante — a abandoná-la o quanto antes.

Façamos o regime de porta aberta. Sejamos consequentes, lógicos, oportunos e realistas, em matéria de anti-alcoolismo. O ideal aqui não é o inatingível, o puro romantismo científico; o ideal, nesse particular, deve se confundir com o realizável, com o praticável. O homem, por mais que queiramos, não é um animal de laboratório e nele a natureza tímbrou em acentuar e multiplicar, ao infinito, as variações, as diferenças, fugindo ao esquematismo; pela sua evolução cerebral, o homem complicou, de muito, a *máquina* da vida animal, conferindo-se na escala biológica um lugar à parte — que não é só o mais elevado — mas, isto sim, o mais original, que não comporta comparação com os outros seres vivos.

Assim, compreendamos os vícios — não como os *configuram* as doutrinas e os conceitos filosóficos; vejamo-los, como *aspectos*, mais ou menos singulares, do homem. Deste jeito não artificializaremos as concepções, e chegaremos à fórmula: não há vícios, há viciados. E, por extensão, já que o que mais nos interessa é prevenir: não há tóxicos, há candidatos à intoxicação.

Cabe-nos, pois, fazer propaganda de temperança, encarando as particularidades e variantes dos caminhos que levam o indivíduo ao vício, uma das quais já apontei no início desta palestra: a sede de emoções. Apontar todas essas variantes ser-me-á impossível fazê-lo numa palestra deste tomo, o que me leva a contornar tal obstáculo, fazendo apelo à minha condição de especialista de doenças nervosas. Sim, quero dar-lhes o meu testemunho não dos males que vejo e assisto causados pelo alcoolismo. Quero lhes esclarecer, meus caros ouvintes, sobre um ponto importante, de larga responsabilidade na criação de toxicomanos, alcoolistas especialmente. E nesse ponto é justamente o que toca ao capítulo das emoções.

Tenho verificado — como o fazem todos os especialistas — que uma das fontes mais frequentes para levar o indivíduo ao abuso dos tóxicos é a *timidez* — dos maiores e mais difundidos males do mundo atual. O homem não pode viver sem emoção; é mesmo a emoção conciente e intelectualizada que o diferencia do animal; a emoção, porém, se é o motor que dá o ritmo e a configuração da nossa conduta, quando não bem dirigida, é exatamente, o maior óbice à desenvoltura e naturalidade das nossas ações. De colaborador que é, o tom emocional passa a ser um freio demasiado sensível ao nosso comportamento; de escravo da razão, passa a senhor implacável de todos os nossos desejos e tendências. Fiscaliza as nossas intenções e faz-nos pagar um alto tributo se queremos agir com desembaraço: é quando vivemos a indecisão, a incerteza, a angústia, a ansiedade, o medo, e até o pavor mais acentuado — que nos faz agir como autômatos ou nos impede a ação atirando-nos no estupor.

Quando nos atos de um indivíduo domina a emoção — em qualquer dos graus enumerados, surge a timidez; tudo é feito a duras penas, com um desgaste notável de energias e os atos de menor importância, em especial os que são feitos em público, tornam-se para o tímido batalhas tremendas em que a emoção procura tolher e aniquilar a vontade. Esses são o *reverso* dos caçadores de emoções; são os doentes da emoção, mas, como aqueles, podem chegar também ao alcoolismo; não porque tenham o gosto do proibido ou queiram viver perigosamente, esses procuram o álcool justamente para ganharem calma e tranquilidade, procurando, ilusoriamente, no tóxico, o freio que não souberam criar dentro de si. Criar sim, meus ouvintes, é bem o termo, criar uma

arma que não fira a quem dela faz uso; um meio racional e fisiológico de vencer o *demônio da timidez*. Esses são os que surgem, a cada passo, no consultório do especialista, ansiosos, esgotados, acicatados pelas emoções deprimentes e já tendo experimentado, uma ou mais vezes, o *doping do whiskey*, do conhaque ou do gim tônico — e nas classes menos afortunadas — a *batida* ou a simples *caninha*.

Tais criaturas chegam a esse estado, frequentemente, por mero erro de educação, por não terem a tempo domado a sua timidez; é o que posso afirmar, segundo a minha experiência clínica. A maioria dos homens se desconhece, tendo conceitos e noções errados a respeito da vida, da saúde e da sua maneira de ser. Fazem um juízo algo inferior das suas possibilidades. Mas o que há de grave a este respeito é que pessoas — a maioria dos mortais — vivem e se conduzem através de tais erros, que os levam a situações irremediáveis, como a doença nervosa, frequentemente. Criam dentro de si *tabús* ou *fantasmas*, os quais como senhores implacáveis conduzem o indivíduo ao sabor das contingências imprevisíveis do meio social ou profissional em que vive. São pessoas cuja capacidade de auto-determinação é insuficiente, por um desenvolvimento defeituoso da personalidade; não governam sua timidez, deixam-se por ela governar e chegam, assim, à covardia, à inferioridade, à doença ou ao vício, quando, em grande parte dos casos, poderiam: ou ter evitado, pela educação, o desgaste emocional, ou pela reeducação compensado e corrigido esse desgaste.

É um erro profundamente trágico pensar o homem que pode ser inteiramente frio e sem emoções; é um engano ultra-prejudicial querer o indivíduo fugir, por completo à timidez. Esta não deve ser temida e sim compreendida. Sem a timidez e sem alguns tímidos, não teria a humanidade podido criar muitas das grandes obras de arte e de gênio. O artista, o homem de gênio, todos aqueles que teem uma centelha da criação, veem-se iluminados e aquecidos pelas fulgurações emotivas, que, assim, são postas ao serviço do bom, do útil, e do belo. É o que todos devemos fazer, na medida das nossas possibilidades.

Nem caçadores de emoções, nem apavorados da emoção — emotivos na justa medida, pelos recursos da reeducação psicológica, pelo conhecimento perfeito de nós mesmos, compensando as nossas insuficiências, corrigindo os nossos desajustamentos, sem recorrer a soluções provisórias, passageiras e enganadoras, como a do tóxico-euforístico, ou a da embriedade alcoólica.

Não negaremos que o álcool seja capaz de dar a quem o toma o sentimento de segurança, coragem, tranquilidade,

e de calma; não vamos esconder o que é evidente e o que qualquer um pode experimentar, ingerindo maior ou menor dose de uma bebida espirituosa; nem tampouco esqueceremos que, secundariamente, a intoxicação euforística e inebriante produz sensações desagradáveis, acentuando, ainda mais, as inferioridades e as insuficiências que o seu portador procurou corrigir tão ilusoriamente.

Cabe-nos, apenas, dizer, como psicoterapeuta, que há, para os males da timidez e da hiper-emotividade, outros remédios melhores que o álcool, remédios cuja ação é duradoura e não provoca efeitos secundários desagradáveis; remédios que não são destilados ou fermentados; remédios que se não vendem em garrafas ou em cálices; remédios que corrigem definitivamente o tímido e o hiper-emotivo, curando-lhes as inferioridades, reconduzindo-os ao caminho do equilíbrio neuro-psíquico.

Tais remédios são os que fazem apelo aos modernos métodos psicoterápicos e que encaram o homem — no seu duplo plano psicossomático e social — integrando-o na posse das suas energias próprias, endógenas, que assim, pelo treinamento e pela correção, são canalizadas adequadamente, culminando naquilo que se chama *paz interior*, estado de alma propício ao trabalho construtivo, leito de emoções generosas, euforia fisiológica, caminho da felicidade!

E é pensando no que tenho visto e observado, na prática diária do tratamento de neuróticos e desajustados — sob os mais variados e incríveis aspectos — que desejo contribuir para esta *Semana Anti-alcoólica* — apenas com a ênfase e a verdade de uma frase, que deve ser o refrão, o slogan dos que lidam com os hiperemotivos: “*Compreenda a sua timidez*”.

Sim, meu ouvinte, diga e repita, aconselhando sugestivamente a quem se considera vencido pela vergonha, pelo acanhamento, pelo medo, pela angústia, enfim, pelos tentáculos da timidez — aguda ou permanente — diga “Compreenda a sua timidez” — porque compreendê-la é torná-la razoável sem ter que recorrer ao auxílio enganador do álcool ou de outro tóxico semelhante.

Não entorpeça as suas emoções que, como os pensamentos e as ações, precisam de ser lúcidas, proporcionadas e perfeitamente orientadas.

Seja emotivo a seu modo e não artificialize o seu bem estar.

A timidez, meu amigo, pode ser transformada num dos mais fortes elementos para o bom êxito individual.

---

(Palestra realizada ao microfone de P.R.E. 3 — Rádio Transmissora Brasileira, em 20/10/42).

## SUMMARY

Dr. Heitor Péres says that in the fight against alcoholism one must be aware of the following: there are no vices, but vicious persons; there are no toxins, there are candidates for intoxication one of the paths which leads the individuals to vice is the "craving for emotions". We should fight against timidity. The emotional patients, i. e. those who suffer from timidity, make use of toxins under the illusion as checks instead of such which they should have created within themselves. Man cannot live without emotions, nor can he wholly eschew timidity. It becomes necessary to find equipoise between two situations, an average or middle term. Psychotherapeutics is an excellent means to secure this equipoise.



## PSICOLOGIA DO ALCOOLISTA

Pelo Dr. JANUARIO BITTENCOURT

A dificuldade de fazer de um alcoolista um abstinente está em esse desconhecer o motivo pelo qual bebe. E é indispensável que o saiba. Mas, para que o saiba, se faz imprescindível que o psicoterapeuta lhe esclareça a razão por que bebe, pois a quase totalidade de alcoolistas a ignora, bem que presume conhecê-la. Pensa-se que o alcoolista fracassa na vida pelas consequências nocivas do uso do álcool. Vêde bem, alcoolistas, posteriormente, apenas, as bebidas alcoólicas vos fizeram fracassar, pois, se vos tornastes alcoolistas, foi porque já ereis um fracassado. E porque já o ereis? Porque vossa educação na infância não vos ensinou devidamente que, mais tarde, na idade adulta, só poderíeis ser verdadeiramente felizes se vossos pais tivessem feito de vós um ser útil à sociedade em que viveis, com espírito de cooperação, para, dando, terdes o direito de receber.

Porque vos sentís inseguros, pouco confiantes em vós mesmos, porque, por má educação, não souberam criar em vós uma personalidade, um ser cônico de seus direitos e responsabilidades, fugis a estas e não sabeis utilizar aqueles. Em verdade, o alcoolista o é para fugir aos problemas da vida. Porque não o souberam preparar para o trabalho, para cooperar na sociedade e para o amor. Mas, como é intolerável ao espírito de um homem sentir-se inferior, procurais compensar a consciência de vossa inferioridade por meios indiretos, falsos, pouco compreensíveis a vós mesmos, fazendo sofrer os que vos amam para representardes, como no palco, algum papel que vos dê a ilusão de serdes superiores aos outros e fazerdes crer aos demais de que o sois. Mal o sabeis que todos compreendem o que há de falso em vossa atitude, porque o ator não é nada daquilo que representa, nem príncipe, nem despota, nem conquistador, nem herói. Assim, pensais procurar no casamento o amor, mas, em verdade procurais encontrar em vossa esposa apenas um ser submisso sobre quem exercereis, pelo despotismo, vosso afã de superioridade. Pelo ciúme, fazeis crer a vossa esposa que será capaz de vos trair, e, com isso, a convencereis de vos ser inferior, vós que conheceis e praticais a moral e vós mesmos acreditareis, mera ilusão, serdes superior a ela. Outras vezes, vos tornais alcoolistas, para, vítima dos males

*determinante*

que a bebida vos trás, castigardes aqueles de vossa familia que não se querem submeter aos vossos caprichos de criança mal educada, que fostes. Porque vossos negócios não correm bem, escondéis vossa incapacidade para desenvolvê-los bebendo, para convencer os outros de que, não fora a bebida, triunfariéis.

Em vossa vida profissional e em vossa vida social, trocáis a realidade pelo artifício como fazeis para com o amor. Alcoolistas, se não quiserdes semear a tristeza e a desgraça em torno de vós, procurai o médico psicoterapeuta

Estas sumárias explicações não vos curarão, naturalmente. Só ele em 2 ou 4 meses de psicoterapia vos fará compreender as falhas de vossa educação, e então abandonareis a bebida.

Procurai para isso os ambulatórios da Liga Brasileira de Higiene Mental. Levai vossos filhos ao ambulatório de sábado às 10 horas para que recebam orientação educativa adequada e possam vir a ser bem diferentes de vós.

#### SUMMARY

Treating of the theme "Psychology of the alcohol drinker", Dr. Januario Biffencourt says that in order to cause a drinker not to drink, it is necessary first to let him know the motive why the drink. The individual who drinks is a failure from the start. In his childhood his parents failed to evolve a personality out of him. The professional drunkard drinks to evade the problems of life. They did not know to train him to work, to cooperate in society and to love. But, as it is unbearable for the mind of a man to be conscious of his inferiority, he tries to compensate the consciousness of his inferiority by using indirect means, both, wrong and senseless. This drinker should apply to a physician who specialises in psychotherapeutics; for it is not difficult to cure the vice by means of an explanation which may convince the patient.

## A BEBIDA ALCOÓLICA COMO FATOR ANTI-SOCIAL

(Palavras pronunciadas pelo Dr. WALDEMAR DE ALMEIDA, ao microfone da Rádio Transmissora no dia 23 de outubro de 1942).

*Ouvintes da Rádio Transmissora de todo o Brasil:*

Esta é a Décima Sétima Semana Anti-Alcoólica promovida pela Liga Brasileira de Higiene Mental e pela União Brasileira Pró-Temperança.

Vós que me dais uns poucos minutos de atenção, escutai. Quem vos fala, há mais de trinta anos lida com doentes do corpo e do espírito. Não exagero se vos digo que cem por cento são vítimas do álcool — porque dele fazem uso ou porque seus pais uso dele fizeram.

A cachaça — tenha o nome que tiver, como dizia o grande paladino Eugénio Georges — parati, cerveja, porto, whisky, champanha, xerez — é o maior inimigo da humanidade, fez e continua a fazer todo o mal de que é capaz.

Avilta quem a bebe, seja ele nobre ou plebeu, mendigo ou banqueiro, herói ou covarde.

A cachaça bebida em que dose for, não é preciso chegar à embriaguez para que tal suceda, desintegra o caráter, ofusca o espírito, enfraquece a vontade, libertando Caliban, o gênio bruto que está mais ou menos dominado dentro de cada um de nós pelo freio da disciplina moral que a educação e as leis policiam.

Não é preciso chegar à embriaguez para que o álcool se infiltre nos tecidos, nas vísceras, no sistema nervoso, diminuindo a resistência do indivíduo, tornando-o decadente e dando origem a todas as doenças, tuberculose, gota, diabetes, albuminúria, etc.

Mente quem diz que o álcool dá vigor, que dá bem estar, que ajuda a lutar contra o frio e o calor, que é fortificante. Não é tal. A farmacopéia já o varreu de suas pautas.

Nos laboratórios se prova o mal que o álcool causa ao indivíduo, à prole, à sociedade. A doença, o hospício, a cadeia — eis o que espera a quem bebe...

Em todo o mundo incidem taxas, impostos mais ou menos onerosos sobre o álcool.

Aqui no Brasil as bebidas alcoólicas contribuíram com 21% sobre a arrecadação total. Em 1941 renderam 250.000 contos tais impostos.

17ª semana

Mas essa renda é como um bem mal adquirido, é a renda sinistra do vício. Esvai-se no custeio do policiamento, dos hospitais, hospícios e cadeias. E não chega.

Se assim é, porque não cortar o mal pela raiz? Grave-se cada vez mais as bebidas alcoólicas, aumente-se a produção do álcool destinado a fins industriais, racione-se a cachaça — cada cálice de cachaça de menos são alguns pães a mais para os filhos, fichem-se os bebedores, mesmo os que bebem *com parcimônia goles que não embriagam*.

O temor de ser fichado será um freio.

Lance o Governo mão dos meios de propaganda de que dispõe para incutir no povo a verdade, conselhos, advertências, observações sobre os malefícios do álcool.

Substitua-se o álcool pelo café, como estimulante.

Repita-se insistentemente, que a repetição é a melhor figura de retórica — o álcool é falso estimulante, não dá vigor, ao contrário abaixa a vitalidade, — não dá bem estar — a euforia que trás, já é intoxicação alcoólica — não é fortificante — a mãe nutriz que o beber está envenenando seu filho.

As doenças são sempre mais graves nas pessoas que bebem do que nos abstêmios.

O álcool é o maior inimigo de uma nação, porque é um elemento de degeneração do indivíduo e da raça. O álcool mata a fraternidade.

Quem beber está sempre na iminência de se tornar Caim. Eduque-se o povo. No lar, nas oficinas, nas ruas, na caserna, nas escolas, em toda a parte.

Entrave-se por todos os meios o álcool — bebida.

Junte mais esta obra de humanidade à obra ingente que nosso Governo vem realizando.

O grande brasileiro que guia os destinos do Brasil, o Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, receberá de Deus inspiração para resolver este problema tão importante como os mais importantes que tem enfrentado e resolvido com a clarividência dos predestinados.

## SUMMARY

Dr. Waldemar de Almeida dealing with the theme "Alcoholic drink as an anti-social factor", says that it is a mistake to think that alcohol invigorates, that it causes well-being, that it helps the body in fighting against cold and heat. The Pharmacopeia itself is averse to it. Every individual who is addicted to alcohol is doomed to illness, to prison or to the Lunatic Asylum. He says that in Brazil the alcoholic drinks pay annually 250 million Cruzeiros taxes. But the evil should be cut by the root, because alcohol is the worst enemy of a country; it is an element of degeneracy of the individual and of the race; alcohol destroys fraternity.

## PERIGOS DA EMBRIAGUEZ

Pelo Dr. FLAVIO DE SOUZA

Com o homem nasceu a doença. Testemunha do sofrimento, da dor, da miséria, procurou ele, por todos os meios, achar o lenitivo ou o remédio, para sanar os males da humanidade. Também com o homem nasceram o vício, a selvageria e o crime, que se tem alastrado através das civilizações, num espantoso requinte de abominação, de perversidade. O álcool, entra como um elemento principal na produção de reações anti-sociais violentas, constituindo um perigo a intoxicação por ele produzida, não somente em relação à intoxicação aguda ou embriaguez, como também por sua intoxicação crônica. Determina ele a perda da saúde do corpo, a perda da saúde mental. É uma paixão que povoa os nossos manicômios, que ataca principalmente o sistema nervoso, acarretando a degradação completa do organismo, preparando-o para todos os infortúnios, constituindo por isso, uma doença fatal para o indivíduo e para a sociedade. Os descendentes dos bebedores são predispostos às doenças nervosas e mentais, quando não chegam à loucura e ao crime, mesmo no alcoolismo agudo ou embriaguez. Esta é uma intoxicação aguda, devida a uma absorção maciça do álcool e caracterizada clinicamente por um acesso de duração breve. A embriaguez sobrevem, às vezes, nos bebedores ocasionais.

Nestes casos, ela pode ser acidental e fortuita, em indivíduos que fazem um excesso por acaso, ou por tomar uma bebida que eles não sabiam estar alcoolizada. A embriaguez sobrevem ainda nos bebedores habituais. A embriaguez pode ser comum e anormal.

A forma comum evolue em 3 fases: excitação, depressão e coma. A fase de excitação é caracterizada por um estado eufórico, com alegria, exuberância, loquacidade e tendência à ternura ou ao erotismo. Ao estado eufórico é associada uma sensação de bem estar físico que corresponde à uma maior atividade circulatória, uma coloração mais intensa do rosto, que é ao mesmo tempo animado e vultuoso.

A fase de depressão sobrevem, às vezes, de repente: é o que se chama ter o vinho triste. Ordinariamente, ela sucede insensivelmente à fase de excitação. É caracterizada por uma espécie de ataxia física e intelectual. A pessoa fica desmazelada, trêmula, com andar trôpego, chegando a cair.

A palavra é lenta, embarçada; as idéias confusas; o humor movel e oscilante, passando inopinadamente da alegria à tristeza e desta à cólera. O rosto fica pálido, o corpo cobre-se de suores, havendo frequentemente náuseas e vômitos. Uma espécie de sono estertoroso sucede insensivelmente à depressão, constituindo o coma da embriaguez.

As formas normais apresentam-se quase sempre combinadas, mas é clássico dividi-las em variedades: sensorial, afetiva e motora.

A variedade sensorial, ou embriaguez delirante, é um acesso de confusão mental onírica, de aparecimento súbito e de evolução breve. Ai encontramos a inconsciência, a falta de memória, a confusão de idéias, a desorientação, a ansiedade e sobretudo o delírio alucinatório. As alucinações do ouvido, do gosto, do olfato, da sensibilidade geral são secundárias e podem faltar. As alucinações visuais são, ao contrário, muito numerosas, múltiplas, animadas, moveis, cinematográficas, zoopsicas, terríficas. As cores negras, vermelhas e amarelas predominam: são visões terríficas, macabras; cenas de homicídio, de carnificina, de incêndios, etc. As reações do indivíduo durante o episódio da embriaguez delirante podem ser de caráter impulsivo e perigoso; suicídio inopinado; homicídio de defesa; ou fuga com pavor até a perda completa das forças. A embriaguez delirante dura algumas horas e termina por uma fase de sono estertoroso. O indivíduo levanta-se sem a menor lembrança dos fatos ocorridos.

A variedade afetiva pode ser de excitação ou de depressão. No primeiro caso, é o quadro da mania colérica: o indivíduo fica agressivo, espumando, proferindo injúrias, ameaças e entregando-se à violências (*ferocitas ebriosa*). No segundo caso, é o quadro da melancolia, com idéias de culpabilidade, de aniquilamento ou destruição, de morte, de suicídio (*morositas ebriosa*).

A embriaguez motora caracteriza-se pela predominância do automatismo sobre a psico-motricidade. A forma convulsiva ou epiléptica, conhecida como embriaguez absintica, porque o absinto a provoca de uma forma eletiva, é caracterizada pelo aparecimento de acessos convulsivos. As reações são, ao mesmo tempo, as da embriaguez e as da epilepsia, elevadas a seu grau de intensidade máxima. A forma tetânica dá origem a convulsões tônicas generalizadas com sobressaltos comparáveis ao tétano. Na forma pseudo-rábica, os espasmos convulsivos localizam-se nos músculos mastigadores e acompanham-se do furor de morder.

Assinalaremos, por fim, uma forma atenuada de embriaguez comum, que é a embriaguez simples ou excitação ebriosa, que se apresenta sob a forma expansiva ou depressiva. Esta forma é interessante porque ela se acompanha de um exagero das tendências constitucionais do indivíduo,

que se revela tal como é, fora de qualquer violência, e é sob este ponto de vista que se pode dizer "in vino veritas". É nesta forma igualmente que se observa com frequência reações delituosas diversas, tais como: ultraje às pessoas, rixas e atentados contra os costumes, etc. Muito se tem feito para reduzir o alastramento deste vício triste e degradante. Ai estão as causas várias que facilitam a sua alarmante difusão:

a) Os variáveis processos seguidos na fabricação de bebidas alcoólicas, com a tributação de baixos impostos, o que facilita sobremodo a sua aquisição pelo mais modesto operário.

b) A profissão do individuo, por vezes, levando-o a um desgaste de energias, sujeitando-o às vezes às inclemências do tempo, determinando a divulgação da crença de que o álcool é restaurador das forças e mesmo um preventivo contra as doenças.

c) A ignorância, a miséria e o desconforto, levam as crianças pobres, já desde o tempo da aprendizagem, ao uso da bebida alcoólica porque, pensam os pais, reequilibra as energias, aquece o corpo e aplaca a fome e a sede. Quantas crianças vão formando o seu caráter, sob a ação falsa, prejudicial e tóxica do álcool!... Quantas delas se reajustam com uma assistência adequada, na justa substituição de uma alimentação reparadora e sadia em lugar do álcool, fator futuro de doenças e talvez de delinquência!...

d) Outro fator curioso vem a ser a contaminação pelo exemplo, motivo de importância menor, mas não de todo desprezível.

O uso do álcool pode atingir as camadas sociais de maior elevação e transformar o melhor conjunto de qualidades reunidas no individuo, pela abertura de uma fenda que um descuido inicia e a fraqueza alarga; o que não poderá o vício, agindo sobre a massa humana ignorante e mal defendida, pela ausência de princípios morais, únicas forças a opor a tais investidas, cujos processos se desenvolvem na sombra impenetrável de intimidades inevitáveis e dominadoras!...

Na atualidade, admite-se a necessidade de uma predisposição psicopática (diminuição da tolerância emocional, na depressão psíquica espontânea e no complexo de inferioridade), para um individuo cair em vício alcoólico, ou então a confluência de condições ambientais favoráveis para sua produção (o contágio mental já referido, o desconhecimento do perigo alcoólico e o maior contacto com as bebidas alcoólicas).

A herança mórbida, de acordo com os dados da clínica, da psiquiatria e de criminologia, vai buscar entre os predispostos, os tarados, os descendentes de inveterados beber-

rões, as suas vítimas diletas, delas fazendo as mais degradantes criaturas, a grande percentagem dos habitantes dos manicômios e os mais temíveis delinquentes. O fato é que a embriaguez comum ou patológica, pode conduzir o indivíduo a reações anti-sociais, chegando mesmo ao crime.

Quanto à natureza do crime, são principalmente os de violências, os crimes corporais, ofensas físicas, atentados contra o pudor.

O uso do álcool em nosso país é mais grave, pelo clima que lhe aumenta os malefícios.

Todo indivíduo que se tornar culpado de um crime ou delito, em estado de embriaguez ou de delírio alcoólico, sendo examinado por médico especializado, competente, e tendo, por este fato, sido beneficiado pela absolvição, não deve ser posto em liberdade, mas enviado para uma casa de saúde ou manicômio judiciário. Aí ele será submetido à cura de abstinência, fará tratamento para as perturbações orgânicas, nele encontradas, e se sujeitará ao tratamento moral, feito não somente pelo médico especializado (Psiquiatra), mas também pelo pessoal do próprio estabelecimento, onde, além da abstinência completa, ele terá adequada psicoterapia, leituras especiais, contendo histórias, monografias e publicações a respeito dos desperdícios que o álcool é capaz de produzir. Os que não cometem delitos também devem ser internados para cura, com resultados ótimos, segundo a conduta que já foi exposta.

Como atenuar as consequências do temível flagelo?

Continuo a pensar que a campanha contra o alcoolismo deve ser iniciada nas escolas. As crianças precisam ter conhecimento dos perigos do álcool, assim como os pais, para que o trabalho profilático se continue em casa.

Além disso, a educação do povo e sua instrução no que se refere aos males do alcoolismo; na vulgarização dos princípios religiosos e de moral; na cultura e no amparo material das camadas desprotegidas; na aplicação perseverante dos programas eugênicos que vem pregando a medicina preventiva, como verdadeiro apostolado social; no combate ao desânimo que por vezes invade nossas almas; na renovação da crença e da fé em nossos altos destinos, sob a inspiração bendita de nossos sentimentos coletivos.

Assim, a Liga Brasileira de Higiene Mental, continuando a honrar suas gloriosas tradições, e no zelo obstinado de seguir o seu objetivo, procura com o mais vivo empenho, alcançar a sua mais elevada finalidade, sempre a postos e vigilante, amparada à cultura e devotamento de seus membros, inspirada sempre em profundo sentimento de nacionalismo, pondo o seu prestígio, seu valor e sua ciência, os seus constantes sacrifícios e o seu incondicional devotamento, de alma e de coração, aos serviços sagrados de uma campanha contra um dos maiores flagelos da humanidade.

## SUMMARY

Dr. Flavio de Souza analyses two kinds of drunkenness: the usual one and the abnormal kind, the latter being subdivided into three forms: sensory, emotional and motor. He says that nowadays a psychopathic predisposition must be admitted to explain why an individual becomes a slave to alcoholic vice, or otherwise it must be attributed to the conjoint effect of ambient conditions which are favorable for its education (mental contagion, ignorance of the alcoholic danger, and the frequent opportunities of imbibing alcoholic drinks).

The author is of opinion that an individual who commits a crime while drunk and who is then acquitted, should not be set free, but ought to be sent to an infirmary, to undergo a suitable treatment under the supervision of a specialist of psychiatry. The campaign against alcoholism should begin in the schools and be continued at home.



## O EPANUTIN E A CONVULSO-TERAPIA ELÉTRICA

Por R. E. HEMPHILL, M. D. DUBL. D. P. M.  
e W. GREY WALTER e M. A. CAMB. (In the  
Lancet 240:446-448.)

O difenil hidantoinato de Sódio (epanutin) é presentemente aceito como uma valiosa contribuição às drogas usadas para a epilepsia. Sua farmacologia é ainda incompleta. Embora de composição assemelhada aos barbitúricos, não é um sedativo cerebral. Para verificar se a ação do epanutin melhorava a circulação cerebral, os autores experimentaram o medicamento numa série de pacientes portadores de uma determinada variedade de doença mental. Os resultados obtidos foram irregulares e, por causa dos efeitos decorrentes do aumento da dosagem, o tratamento foi interrompido. Ao mesmo tempo, um certo número de idênticos pacientes estava sendo tratado pelo eletro-choque. Então, pareceu-nos possível que a combinação deste tratamento, com pequenas doses de epanutin desse bom resultado.

A convulso-terapia elétrica é acompanhada de poucas complicações, mas há ocasiões em que surgem sequelas transitórias, como por exemplo: diminuição da memória, dificuldade de orientação e algumas vezes confusão. O epanutin produz, muitas vezes, excelentes efeitos sobre tais sintomas nos epiléticos. Era sabido que o limiar da convulsão elétrica seria elevado, mas a margem de segurança no tratamento elétrico é tão grande, que as consequências perigosas não foram previstas. Um grupo de 10 pacientes esquizofrênicos crônicos, em favoráveis condições físicas, foi estudado. O tratamento foi aplicado 3 vezes por semana.

Em todos os pacientes o limiar da convulsão foi expressivamente aumentado.

Nos menores pacientes a elevação foi tão grande que não pode ser obtida nenhuma convulsão, nem, nestes casos, houve sinal algum de propagação cortical ou persistência de sintoma indicador de processo epilético prematuro. Não obstante, quando as convulsões não eram inibidas completamente, elas tornavam-se mais variadas e desiguais. Crises parciais do tipo Jacksoniano foram mais comuns. Uma outra observação notável é a demorada ação do medicamento: um período latente de 4-6 dias, após o que os efeitos se desenvolvem rapidamente até ao máximo. Ao retirar-se a droga há um quase imediato declínio, mas gra-

dual, aparentemente variando em proporção com o número de convulsões. Os efeitos podem continuar até ao 14.º dia. Não há presentemente nenhum meio para determinar se a curva do tempo é devida à lentidão da absorção, acúmulo ou alguma lenta troca celular. A dosagem é evidentemente o mais importante, visto que, os menores pacientes apresentaram os maiores efeitos, tanto preventivos como tóxicos. A dose de 3 cápsulas por dia parece-nos ótima, uma vez que, repetindo-a, não se duplica o efeito, embora agrave realmente os sinais tóxicos. Em se usando epanutin para o tratamento das epilepsias, parece-nos provável que o ensaio de pequenas doses é necessário para se conseguir um bom controle do ataque, sem o perigo da tardia reação tóxica. Percebe-se a maneira pela qual o efeito do epanutin nos ataques produzidos eletricamente supera um sedativo como o luminal. A encefalografia de epiléticos essenciais mostra que, enquanto o luminal limita a propagação de um processo elétrico anormal sobre a cortex, o epanutin reduz o tamanho e a intensidade do mecanismo focal. Nos ataques produzidos eletricamente, o estímulo consiste em uma vibração ou abertura de corrente alternada. A variação da duração do estímulo faz variar também o número de ondas ou estímulos que o cérebro recebe. A variação da voltagem faz variar a área da cortex sujeita ao estímulo eficaz. O tipo do ataque tem um caráter mais estereotipado quando é dado um grande e breve estímulo. Com um fraco e longo estímulo o ataque é muitas vezes retardado, limitado e muito mais demorado ou mais rápido do que o habitual. Evidentemente o processo epilético não se desenvolve simultaneamente em todos os pontos. O efeito do epanutin em dose insuficiente para impedir os ataques, assemelha-se ao produzido pela redução da voltagem. Talvez ele eleve o limiar elétrico das células corticais, tanto que um estímulo de força determinada atinge um menor número de células. Pode-se alcançar seus fins pela repetição da descarga.

(Traduzido pelo Dr. Denis M. Ferraz)

## Atas das sessões da Liga Brasileira de Higiene Mental

### ATA DA SESSÃO CONJUNTA DA DIRETORIA E DO CONSELHO EXECUTIVO, REALIZADA EM 25 DE NOVEMBRO DE 1941

Aos 25 de novembro de 1941, efetuou-se na sede da Liga Brasileira de Higiene Mental uma sessão conjunta da Diretoria e do Conselho Executivo da mesma. Havendo número legal, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão. Foram lidas as atas das sessões de 26 de agosto e 25 de setembro, as quais foram ambas aprovadas sendo que a primeira, após uma ligeira retificação. O Sr. Presidente deu conhecimento à Liga de várias cartas dirigidas a ele: uma do Sr. Roberto Marinho, diretor de O Globo, oferecendo a colaboração das várias revistas editadas pela empresa O Globo, uma do Dr. Emilio Fournier, agradecendo o recebimento de um exemplar dos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, uma do Dr. Camillo Payssé, inspetor geral de psicopatas no Uruguai, na qual mostra o desejo de que se estreitem as relações entre a Inspeção Geral de Psicopatas do Uruguai e a nossa Liga; uma do Dr. William Russel, de Nova York, acusando e agradecendo um número dos Arquivos. O Dr. Plínio Olinto referiu-se à oferta feita pelo Dr. Tomaz Newlands Neto de um exemplar dum livro intitulado *Conservar a saúde do espírito*, de Joseph A. Gastrow e por ele traduzido. Propôs para sócio da Liga o Dr. Newlands. O Dr. Plínio Olinto em seguida relatou que vários alunos da Escola Técnica do Serviço Social, que a seu convite frequentavam a biblioteca da Liga, e receberam números dos Arquivos, apresentaram, este ano, à referida Escola, monografias de formatura sobre assuntos de higiene mental, que despertaram grande entusiasmo entre os professores da Escola. Tais alunos receberão ainda este mês, sob o patrocínio da Sra. D. Darcy Vargas, o diploma de assistentes sociais. O Presidente incumbiu o Dr. Plínio Olinto de representar a Liga nessa solenidade. O Dr. Pedro Nogueira fez uso da palavra para dar as suas impressões relativas à sua viagem ao Rio da Prata na Embaixada Médico-Universitária, dizendo o seguinte: "Seguindo junto à Embaixada Médica-Universitária,

com representação do Serviço Nacional de Doenças Mentais, da Liga Brasileira de Higiene Mental e da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, reportaremos numa relação sintética o nosso convívio entre os psiquiatras e as organizações especializadas do Prata. No Uruguai fomos a Vilardebó e entretivemos ligação com os Drs. Isidro Más de Ayala Etchepare e Ventura Darder. Na Argentina, visitamos em companhia do Dr. Mirandolino Caldas, o Hospital Nacional de Alienados, sob a direção do Dr. Balado, onde também nos foi ensejado percorrer a secção de Anatomia Patológica, chefiada pelo Dr. Jakob; a Clínica Psiquiátrica, com o Dr. Alberto Bonhour, agora substituindo o professor Ameghino, que se acha adoentado; o Hospício de las Mercedes dirigido pelo Dr. Gonzalo Bosch; a Colônia "Domingos Cabred"- "opendoor", em Lugan, atualmente, e em caráter provisório, sob o encargo do Dr. Panclares e o Instituto de Neuro-Psiquiatria Infantil, custeado pela Liga de Higiene Mental, e orientado pelo Dr. Lanfranco Ciampi. Em Mercedes, o professor Gonzalo Bosch deu uma substanciosa aula, de 90 minutos, em homenagem ao Brasil, tecendo encomiosas palavras sobre o nosso país, após o que lhe dirigimos palavras de agradecimento e saudação. Em Lugan, após o almoço, o Dr. Alexander Raltzin, entusiasmado, enalteceu a Nação Brasileira, ainda cabendo a nós responder-lhe. Na Liga Argentina de Higiene Mental, dirigida pelo professor Bosch, fomos recebidos em sessão especial, frente a uma distinta e seleta assistência, discursando o Dr. Mirandolino Caldas, sobre o tema: "Um novo critério para o estudo da personalidade"; e nós sobre "O alcoolismo em função dos distúrbios da personalidade". Perto de nós, facilitando a nossa atividade e cumulando-nos com as maiores gentilezas, destacamos, sensibilizados, o professor Osvaldo Loudet e o Dr. Hector Abrines. Finalmente, tivemos a feliz oportunidade de abraçar e conversar com a simpática e sábia pessoa do prof. Emilio Mira y Lopez, e com o prof. Mauchet. Foram-nos ofertados um diploma de membro honorário da Sociedade de Psiquiatria e Criminologia de La Plata, e o distintivo social da Liga Argentina de Higiene Mental. Posteriormente, desenvolveremos esses dados, em relatório, ao Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais". Em seguida leu uma proposta assinada por ele e por vários sócios, na qual se propunha para membro honorário da Liga, o Prof. Osvaldo Loudet. A proposta foi aprovada ad-referendum da Assembléia Geral. O Presidente informou que o aumento de 10:000\$000 na subvenção municipal que havia sido prometido, infelizmente não pode ser concedido, continuando, pois, essa subvenção a ser de 10:000\$000. Disse que fizera um memorial ao Sr. Presidente da República para solicitar um aumento na subvenção federal para o ano de 1942, pedido que não foi atendido pelo Sr. Presi-

*pedido de  
subvenção*

dente da República. A propósito o Dr. Adauto Botelho declarou que no próximo ano o S.N.D.M. terá à sua disposição a quantia de 100:000\$000 para despesas com atividades de higiene mental, e que esse Serviço iria publicar vários trabalhos relativos a esta. Ofereceu à Liga a colaboração do S.N.D.M., principalmente no que se refere a enfermeiras visitadoras. O Dr. Plínio Olinto propôs que fosse consignado em ata um voto de aplauso ao Dr. Adauto Botelho, pelo seu oferecimento. A proposta foi unanimemente aprovada. O Sr. Presidente disse que, dos Srs. Membros do Conselho, esperava que enviassem trabalhos para o número dos *Arquivos* que deverá ser publicado no mês de dezembro. O Presidente leu várias cartas de adesão à Liga de Higiene Mental, as quais estavam assinadas respectivamente pelas seguintes pessoas: Drs. Albery de Barros e Enéas da Silva Pereira, médicos; Lília dos Santos Batista, Zoraide de Souza, Dinah Pereira de Castro, Ione da Glória Paixão, Alice Ramos Corrêa, Angelina Rodrigues da Silva, alunas do curso de visitadoras da Escola Profissional Alfredo Pinto, e D. Regina Meinick, enfermeira da Colônia Gustavo Riedel. Todas as propostas para sócio da Liga, apresentadas nesta sessão, foram aprovadas. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão às 18 horas e 15 minutos.

#### ATA DA PRIMEIRA ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA DO ANO DE 1942 DA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL

Aos três dias de março de mil novecentos e quarenta e dois, as dezessete horas, em sua sede social, presentes o Prof. Henrique Roxo — Presidente — os Membros do Conselho Executivo Srs. Plínio Olinto, Bandeira de Melo, Pedro Nogueira, Januário Bitencourt, Xavier de Oliveira, Juana M. de Lopes e Sílvio Aranha de Moura; os Srs. Adalberto Lira Cavalcanti, Walderedo Ismael de Oliveira, Geraldo Junqueira Ribeiro, Júlio Paternostro, Eudoxio Paiva de Araujo, sócios efetivos, e o Sr. Osvaldo Camargo, encarregado da Secção de Divulgação e Propaganda, o Sr. Presidente abriu a sessão da Primeira Assembléia ordinária da Liga Brasileira de Higiene Mental. Não havendo comparecido o Sr. Odilon Gallotti, secretário — que justificou a sua ausência, convidou o Sr. Presidente para Secretário *ad-hoc* o Conselheiro Aranha de Moura. Nessa função o Secretário *ad-hoc* leu a Ata da última sessão conjunta da Diretoria e do Conselho Executivo, realizada a 25 de novembro de 1941. Posta em discussão, foi a referida Ata aprovada sem emendas. Logo em seguida o Sr. Presidente pôs em votação as propostas para sócios honorários da Liga os nomes dos Srs. Prof. José Pereira Käffer, Leon Morra, Hector Abri-nes e Osvaldo Loudet, figuras ilustres da psiquiatria em

Buenos Aires e Cordoba, na Argentina, cujos títulos foram emitidos *ad-referendum* da Assembléia. Todas as propostas foram aprovadas unanimemente. Solicitou então a palavra o Conselheiro Plínio Olinto e fez ciente à Liga que brevemente se iria reunir o VIII Congresso Brasileiro de Educação em Goiania, ressaltando o interesse e o oportunidade do conclave. O Sr. Presidente, respondendo, comunicou ao conselho e aos demais sócios presentes, o propósito de fazer com que a Liga tome parte nesse Congresso e designou os Srs. Plínio Olinto e Osvaldo Camargo como representantes oficiais da Liga, o que foi aprovado. Ainda com a palavra o Sr. Presidente leu o relatório das atividades da Liga no decorrer de 1941 — Relatório que foi aprovado com aplausos. A respeito da necessidade de ser conseguido com o Sr. Presidente da República um aumento no quantum concedido pelo Governo como subvenção à Liga, fez comentários e alvitreos o Conselheiro Xavier de Oliveira. Sobre a indicação de uma comissão para ir solicitar o favor a S. Excia. o Dr. Getúlio Vargas, o Sr. Presidente opinou ser pedida uma audiência a S. Excia. o Sr. Presidente da República, e ser a Liga representada para esse fim pela Diretoria e pelo Conselho Executivo. As 18 horas e 45 minutos, nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão.

Getúlio  
Vargas

#### ATA DA SESSÃO CONJUNTA DA DIRETORIA E DO CONSELHO EXECUTIVO, REALIZADA A 28 DE ABRIL DE 1942

Aos vinte e oito dias do mês de abril de mil novecentos e quarenta e dois, presentes os Prof. Henrique Roxo — Presidente — Adauto Botelho — vice-presidente, e mais oito membros do Conselho Executivo, foi aberta a sessão. O Sr. Presidente convidou o conselheiro Bandeira de Melo para secretário *ad-hoc* e, a seguir, mandou fosse lida a ata da sessão anterior, que foi aprovada sem emendas. O Sr. Presidente deu à casa conhecimento de vários pedidos da publicação da Liga — *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* — por diversos interessados em receber e difundir os ensinamentos da Liga. Essas solicitações seriam satisfeitas pelo encarregado da seção de Propaganda. Ventilou a questão da subvenção, informando o Conselho Executivo do andamento da petição respectiva. A seguir, deu a palavra ao Dr. Osvaldo Camargo, encarregado do expediente, para que expusesse o que havia sobre livros e outros objetos pertencentes à Liga e guardados na Colônia de Engenho de Dentro, aos cuidados do Prof. Ernani Lopes. O Dr. Camargo, após relatório minucioso, concluiu que dos objetos existentes, só os livros, um filtro e uma balança deveriam ser conduzidos para esta sede, pois que o

restante se encontra em mau estado. O Sr. Presidente leu ainda um ofício da Sociedade Mexicana de Eugenia, propondo, digo, pedindo intercâmbio com os *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* e propondo o Presidente da Liga para sócio correspondente. A seguir, comunicou que a Sociedade Brasileira de Urologia, em reunião a que compareceram todos os presidentes de Sociedades Científicas do Rio de Janeiro, propôs a doação de um avião sanitário às Forças Armadas do país, devendo, para isso, cada uma concorrer com a importância de um conto de réis. O Sr. Presidente não teve dúvida em manifestar-se solidário com aquela proposta, em nome da Liga Brasileira de Higiene Mental, tendo porem, feito ver aos demais presentes à citada reunião, que a contribuição só seria possível após o recebimento da subvenção para o ano corrente, visto como já há um *deficit* de doze contos de réis no balancete de receita e despesa, até o momento atual. Os membros do Conselho Executivo aprovaram unanimemente a resolução do Sr. Presidente que, a seguir, voltou à questão dos ambulatórios, achando que seriam mais eficientes, se feitos em serviços hospitalares. Nomeou uma comissão composta dos Profs. Plínio Olinto, Januário Bitencourt, Aranha de Moura e Bandeira de Melo, para organizar propostas relativas ao funcionamento de novos ambulatórios, devendo até aí, continuarem em atividade os existentes. O Prof. Pernambuco Filho desde logo ofereceu uma ou duas horas aos sábados pela manhã, na Policlínica de Botafogo, onde dirige um serviço. As 18,10, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. Aprovada em 26 de maio de 1942.

#### ATA DA SESSÃO CONJUNTA DA DIRETORIA E DO CONSELHO EXECUTIVO, REALIZADA A 26 DE MAIO DE 1942

As 17 horas e 25 minutos do dia 26 de maio de 1942, na sede social da Liga Brasileira de Higiene Mental, estando presentes, em número legal, membros da Diretoria e do Conselho Executivo, o Presidente abriu a sessão. Pelo secretário foi lida a ata da sessão anterior, que foi aprovada sem emenda. O Presidente deu conhecimento aos presentes de um telegrama do Dr. Nelson Bandeira de Melo, no qual este se excusava de, por motivo de força maior, não comparecer à sessão. Leu depois um ofício do Dr. Januário Bitencourt, presidente da Sociedade de Psicologia Individual do Rio de Janeiro, no qual se comunicava que a referida sociedade tinha a satisfação de fazer um donativo de 60\$000 à Liga, quantia essa que o Presidente depositou no Banco Boa Vista. Em seguida declarou haver recebido do Dr. Ernani Lopes o retrato que lhe fora solicitado para ser colocado na sede da Liga, bem como muitos livros, um armário, uma

balança e um filtro Berkefeld da Liga, que estavam guardados na Colônia Gustavo Riedel. Disse que recebera uma lista de livros pertencentes à Liga que, com permissão da presidência desta, continuavam na referida Colônia. O Presidente informou ter sido renovado o contrato de aluguel da sede da Liga, com o aumento de 100\$000 por mês, bem como que a subvenção federal para a Liga já estava aprovada e que era de esperar fosse a mesma recebida em junho. Quanto à subvenção da Prefeitura Municipal, disse que a mesma ainda demoraria a ser entregue. Informou possuir a Liga no Banco do Brasil 2:500\$000 e no Banco Boa Vista 409\$000. O Dr. Silvio Aranha de Moura referiu-se com palavras lisongeiros ao Curso de Higiene e Saúde Pública, cujo programa continha muitos pontos de higiene mental. O Dr. Xavier de Oliveira propôs um voto de pesar pelo falecimento do Prof. Alfredo de Brito, catedrático de Neurologia da Faculdade de Medicina da Baía e que durante muitos anos naquele Estado fora delegado da Liga Brasileira de Higiene Mental. A proposta foi aprovada unanimemente. O Dr. Januário Bitencourt leu o seguinte parecer da comissão designada pelo Presidente para opinar a respeito da ampliação do número de ambulatórios da Liga: "Exmo. Sr. Presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental. A comissão por vós designada na sessão de abril do corrente ano do Conselho Executivo, para opinar a respeito da ampliação do número de ambulatórios que a Liga já vem mantendo, difundido-os pelos bairros e subúrbios da cidade, desempenha-se da incumbência que lhe foi cometida, nos seguintes termos: 1.º tendo sido os signatários deste, os primeiros a atender o apelo feito em 1939 pelo Sr. Presidente, no sentido de estabelecer ambulatórios na Liga Brasileira de Higiene Mental, só podem aplaudir calorosamente a iniciativa de aumentar o número desses. 2.º Entendem, os mesmos, que a difusão de ambulatórios deve ser feita sem prejuízo dos que ora funcionam na sede da Liga, pois o fato de serem pouco concorridos mostra apenas o desconhecimento da população da conveniência de socorrer-se de ambulatórios de higiene mental. Os ambulatórios da Policlínica do Rio de Janeiro que, como sabemos, estão no coração da cidade e distantes dos da Liga apenas alguns passos, contam com grande afluência pelo simples motivo de que o povo já sabe distinguir e avaliar o interesse das especialidades a que se destinam, para a salvaguarda de sua saúde física. 3.º A atitude a tomar, que nos parece mais proveitosa, seria a de intensificar a propaganda de nossos ambulatórios, fazendo-a também pelo rádio ou recorrendo a outros meios. Para isso contamos com a cooperação da Secção de Divulgação e Propaganda da Liga. 4.º Demais, o funcionamento de ambulatórios na sede da instituição, justifica sobremaneira o recebimento do auxílio do Conselho Nacional de Serviço

Social, sem o que não nos manteríamos. Transferidos que fossem nossos ambulatórios para serviços já subvencionados, periclitaria a subvenção. 5.º) A conservação dos ambulatórios que funcionam na sede da Liga, bem como a criação de outros, vem preencher uma lacuna, atendendo os clientes que de nenhum modo poderiam ser atendidos em nossos consultórios, porque falhos de recursos pecuniários. A comissão: Plínio Olinto, Januário Bitencourt e Silvio Aranha de Moura. A propósito da intensificação da propaganda dos ambulatórios, da qual fala o parecer, o Dr. Xavier de Oliveira lembrou que a Liga poderia solicitar a cooperação do D.I.P., na Hora do Brasil, e a da A.B.I. O Dr. Osvaldo Camargo foi pelo Presidente incumbido de procurar por essa cooperação. O Presidente leu um ofício do Dr. Raul Bitencourt, presidente do Instituto Brasileiro de Cultura, no qual se comunicava ter sido feita a eleição da nova Diretoria em 29 de outubro último. Nada mais havendo para ser tratado, foi encerrada a sessão às 18 horas. Aprovada em 25 de agosto de 1942.

#### ATA DA SESSÃO CONJUNTA DA DIRETORIA E DO CONSELHO EXECUTIVO, REALIZADA A 25 DE AGOSTO DE 1942

No dia 25 de agosto de 1942, efetuou-se na sede da Liga Brasileira de Higiene Mental uma sessão conjunta da Diretoria e Conselho Executivo. O presidente abriu a sessão às 17 horas e 35 minutos. Lida a ata da sessão anterior, foi a mesma aprovada sem emendas. O Dr. Silvio Aranha de Moura falou sobre a atitude nobre do governo assumida com a declaração da situação de beligerância em relação à Alemanha e à Itália. O presidente propôs que a Liga enviasse ao Sr. Getúlio Vargas uma mensagem de aplausos e de solidariedade. A proposta foi aprovada por unanimidade. O Dr. Plínio Olinto sugeriu que a referida mensagem levasse a assinatura de todos os membros da Diretoria, o que foi aprovado. O Dr. Silvio Aranha de Moura achou que conviria ser ela assinada também pelos membros do Conselho Executivo, proposta que igualmente foi aceita. E também pediu que se consignasse em ata um voto de homenagem à memória do grande soldado pacifista e patrono do Exército Brasileiro, o Duque de Caxias, cuja semana se estava então realizando. O Dr. Plínio Olinto propôs fosse criada na Liga Brasileira de Higiene Mental uma seção de Educação Progressiva, como um núcleo da "New Education Fellowship", cujo Departamento Brasileiro acabava de ser fundado no Rio de Janeiro, pessoalmente pelo seu presidente Mr. Carlton Washburne. A proposta recebeu aprovação unânime. O presidente comunicou que recebera a subvenção federal, de 15 contos (uma metade em 30 de

junho e a outra a 30 de julho e a subvenção Municipal de 20 contos, portanto de mais 10 contos do que a deste, digo a do ano passado. Com a importância das duas subvenções, disse pretender atender no próximo ano às despesas mensais da Liga, num total de 3 contos, e publicar um número dos *Arquivos*. Acrescentou que deseja destinar quinhentos mil réis por mês para aquisição de medicamentos e 3 contos anuais para pagamento de uma visitadora social. O presidente convidou o Dr. Plínio Olinto a relatar o desempenho da comissão de que, juntamente com o Dr. Osvaldo Camargo, fora incumbido pela Liga, a de representá-la no 8.º Congresso Brasileiro de Educação, na cidade de Goiânia. O Dr. Plínio Olinto, pelo adiantado da hora, achou mais conveniente que em uma das próximas sessões o Dr. Osvaldo Camargo apresentasse o relatório. Nada mais havendo para ser tratado, o presidente encerrou a sessão às 18 horas e 30 minutos. Aprovada na sessão de 29 de setembro de 1942.

#### ATA DA SESSÃO CONJUNTA DA DIRETORIA E DO CONSELHO EXECUTIVO DA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL, REALIZADA A 29 DE SETEMBRO DE 1942

Às 17 horas do dia vinte e nove de setembro de mil novecentos e quarenta e dois, em sua sede social, presentes os Srs. membros da Diretoria, Profs. Henrique Roxo, presidente, e Aduato Botelho, vice-presidente, e os membros do Conselho Executivo — Plínio Olinto, Raul Bitencourt, Nelson Bandeira de Melo, Pedro Nogueira, Juana Lopes, Januário Bitencourt e Sílvio Aranha de Moura, e o Dr. Osvaldo Camargo, chefe da Secção de Divulgação e Propaganda, realizou a Liga Brasileira de Higiene Mental a sua 5.ª sessão conjunta de Diretoria e Conselho Executivo. Em abrindo a sessão, o Sr. Presidente comunicou que o secretário geral Prof. Odilon Gallotti, por motivo justificado, não poderia comparecer à sessão, e convidou para secretário *ad-hoc* o conselheiro Aranha de Moura. Lida a ata da sessão anterior, foi a mesma aprovada. Com a palavra o Sr. presidente leu um telegrama do Sr. Secretário da Presidência da República, no qual S. Excia. agradece a solidariedade expressada pela Liga, por motivo do rompimento de relações com os países do eixo, telegrama esse assim redigido: "Presidente República agradece patrióticas expressões solidariedade lhe dirigistes em nome essa instituição pt cordiais saudações — Luiz Vergara, secretário Presidência". Após, o Sr. Presidente da Liga falou sobre a portaria do Chefe de Polícia do Distrito Federal, exibindo a propósito o exemplar de um vespertino que reproduz os seus principais tópicos. Tece palavras de encômios à atitude do Coronel Alcides Etchgoyen, no tocante à referida portaria de regula-

mentação do espiritismo, pondo em relevo principalmente os artigos 1.º, 6.º, 13.º e 14.º da mesma, propondo, afinal, fosse feita a sua publicação na íntegra, no próximo número dos *Arquivos*, o que foi aprovado. Em seguida, o Sr. presidente participou que oficiara ao Sr. Reitor da Universidade do Brasil, solicitando a sua aprovação para um curso de extensão universitária sobre Psiquiatria de Guerra a ser realizado pelo Instituto de Psiquiatria, sob os auspícios da Liga. O Dr. Silvio Aranha de Moura opinou pela oportunidade desse curso, informando que logo após a declaração de guerra à Alemanha e Itália, resolvera fazer preleções sobre psiquiatria de guerra às suas alunas da Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto. Em seguida o Sr. presidente pôs em discussão as medidas que a Liga deveria tomar para a realização da tradicional Semana Anti-alcoólica. Ficou resolvido que o Prof. Henrique Roxo, o Dr. Adauto Botelho, a Dra. Juana Lopes, o Dr. Silvio Aranha de Moura e Dr. Plínio Olinto fariam sobre diferentes temas, em palestras radiofônicas, como já o fizeram em anos anteriores. Nada mais sendo tratado, foi encerrada a sessão, às 18 horas.

